

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO AMBIENTAIS - IESA
PROGRAMA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



1544116

GOIÂNIA: OS DISCURSOS NO URBANO E AS IMAGENS DA CIDADE



200902 6047
T911.5(817.3) ARR /goi



1544116

TADEU PEREIRA ALENCAR ARRAIS *ana de Souza Cavalcanti*

GOIÂNIA - 1999

T178/99
MPN 1452

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR
VERSÕES ELETRÔNICAS DE TESES E DISSERTAÇÕES
NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo das Teses e Dissertações disponibilizado na BDTD/UFG é de responsabilidade exclusiva do autor. Ao encaminhar o produto final, o(a) autor(a) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do material bibliográfico: ☒ Dissertação ☐ Tese

2. Identificação da Tese ou Dissertação:

Nome completo do(a) autor(a): Tadeu Pereira Alencar Arrais

Título do trabalho: Goiânia: os discursos no urbano e as imagens da cidade

3. Informações de acesso ao documento:

Concorda com a liberação total do documento ☒ SIM ☐ NÃO¹

Independente da concordância com a disponibilização eletrônica, é imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.

Assinatura do(a) autor(a)²

Data: 09 / 11 / 2021

Tadeu Pereira Alencar Arrais



Goiânia: os discursos no urbano e as imagens da cidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientadora: Professora Dr^a Lana de Souza Cavalcanti

Goiânia - 1999

U. F. G . .	
BIBLIOTECA CENTRAL	
CÓD	
N.º	T 172 / 99
VALOR	
DATA	23 02.00

Talvez Pereira Alencar Aires

Colônias as discursos no urbano e as imagens da cidade

Dissertação apresentada ao Programa de Pesquisa e Pós-Graduação em Geografia do Instituto de Estudos Sócio-Ambientais da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Geografia.

Orientadora: Professora Dr.ª Lana de Souza Cavalcanti

Goiânia - 1999

AGRADECIMENTOS

A Lana, orientadora, pela clareza, tranquilidade e inteligência com que conduziu a pesquisa.

Aos meus pais, pelo apoio diário.

Aos professores Maria Gerardo e João de Deus, pelas indicações na qualificação.

Ao Marcelo, Ariston, Rosvânia, Alda e Cris, pelas contribuições na instrumentalização da pesquisa.

Aos amigos do mestrado: Bernardo, Eliana, Valéria, Flávio, Ivete, Rodrigo, Marta, Loçandre, Rildo, Elson, Aureliana, Wagner, e todos os outros, pelas conversas diárias, risos, brincadeiras, desentendimentos, enfim, tudo o que facilitou e tornou o percurso do projeto agradável.

Aos servidores do IESA, especialmente Jairo e Ivo, por sempre estarem dispostos a ajudar.

À Keila (*in memoriam*)
Quando a perspectiva do reencontro
é duvidosa, o que resta são as boas recordações.



AGRADECIMENTOS

- A Lana, orientadora, pela clareza, tranqüilidade e inteligência com que conduziu a pesquisa;
- Aos meus pais, pelo apoio diário;
- Aos professores Maria Geralda e João de Deus, pelas indicações na qualificação;
- Ao Marcelo, Aristeu, Rusvênia, Alda e Cris pelas contribuições na instrumentalização da pesquisa;
- Aos amigos do mestrado, Bernardo, Eliana, Valéria, Flávio, Ivete, Rodrigo, Marta, Loçandra, Rildo, Elson, Aurestela, Wagner, e todos os outros, pelas conversas diárias, risos, brincadeiras, desentendimentos, enfim, tudo o que facilitou e tornou o percurso do projeto agradável;
- Aos servidores do IESA, especialmente Jairo e Ivo, por sempre estarem dispostos a ajudar.

Disseminada por meio da rede de computadores disponibilizada pelos professores

Professora Dra. Lara de Souza Cavalcanti (orientadora)

Professora Dra. Maria Geralda de Almeida

Professor Dr. José Rorazschuello da Silva



*Sem dúvida, o progresso da Geografia se faz pela
contribuição dos estudos empíricos para a
que a formulação dos princípios gerais morfológicos
a interpretação dos fatos empíricos.*

Dissertação apresentada à banca examinadora composta pelos professores:

Professora Dra. Lana de Souza Cavalcanti (orientadora)

Professora Dra. Maria Geralda de Almeida

Professor Dr^o José Borzacchiello da Silva

SUMÁRIO

RESUMO	02
ÍNDICE GERAL DE ILUSTRAÇÕES	03
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	04
CAPÍTULO I	
1 - Discursos e imagens no urbano	17
1.1 - Discursos e imagens em Goiânia	17
1.2 - Discursos sobre Goiânia e a gestão ambiental	20
Uma cidade ecologicamente correta	20
Goiânia: a cidade das flores	24
Outras cidades, outros discursos	27
CAPÍTULO II	
1 - Urbano em Goiânia	30
1.1 - A edificação de Goiânia: o primeiro discurso / a primeira imagem	33
1.2 - A metrópole do oeste	42
CAPÍTULO III	
1 - Pesquisando uma imagem	48
2 - O Parque Municipal Vaca Brava	55
2.1 - Quem vai ao Parque	58
2.2 - O que fazem no Parque	69
2.3 - Como vêem o Parque	81
2.4 - A cidade vista de cá	86
3 - O Parque Municipal Carmo Bernardes	79
3.1 - Frequentadores e suas atividades	82
3.2 - As imagens do Parque	86
3.3 - Um "olhar periférico" sobre	87
4 - Uma comparação necessária	
CAPÍTULO IV	
1 - As imagens da cidade	
CONSIDERAÇÕES FINAIS	121
ANEXOS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129

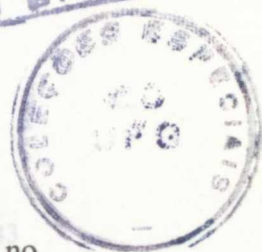
Sem dúvida, o progresso da Geografia se faz pela contribuição dos estudos empíricos para a formulação de princípios gerais. Mas não se deve esquecer que a formulação dos princípios gerais modifica a percepção dos fatos empíricos.

Milton Santos, O trabalho do geógrafo no terceiro mundo, 1996.



SUMÁRIO

RESUMO.....	02
ÍNDICE GERAL DE ILUSTRAÇÕES.....	03
CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	05
CAPÍTULO I	
1 – Discursos e imagens no urbano.....	11
1.1 – Discursos e imagens em Goiânia.....	17
1.2 – Discursos sobre Goiânia e a gestão ambiental.....	20
Uma cidade ecologicamente correta.....	20
Goiânia: a cidade das flores.....	24
Outras cidades, outros discursos.....	27
CAPÍTULO II	
1 – O urbano em Goiânia.....	30
1.1 – A edificação de Goiânia: o primeiro discurso / a primeira imagem.....	33
1.2 – A metrópole do oeste.....	42
CAPÍTULO III	
1– Procurando uma imagem.....	48
2– O Parque Municipal Vaca Brava.....	55
2.1 - Quem vai ao Parque.....	58
2.2 - O que fazem no Parque.....	69
2.3 - Como vêem o Parque.....	61
2.4 - A cidade vista de cá.....	66
3– O Parque Municipal Carmo Bernardes.....	79
3.1 – Frequentadores e suas atividades.....	82
3.2 - As imagens do Parque.....	86
3.3 - Um “olhar periférico” sobre a cidade.....	91
4 – Uma comparação necessária.....	102
CAPÍTULO IV	
1 – As imagens da cidade.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	121
ANEXOS.....	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	129



ÍNDICE GERAL DE ILUSTRAÇÕES

RESUMO

O presente estudo tem como tema central os discursos e as imagens produzidas no espaço urbano sobre a cidade de Goiânia. O urbano entendido enquanto condição de possibilidade para produção e proliferação de discursos e contra-discursos. A cidade enquanto objeto desses discursos, enquanto imagem, mas também materialização de um modo específico de produzir e consumir espaço, o capitalista. Esse modo produziu, ao longo da história, diversas cidades no interior de Goiânia. Produziu uma "cidade ecologicamente correta", "uma cidade das flores". Produziu cidades ideais, movidas por discursos específicos, como o ambiental. Também produziu modos de representar ideologicamente a cidade através de imagens onde o imperativo / síntese predomina. A cidade representada pela parte, pela melhor parte, pelas flores, pelos bosques, estratégia que deixa latente as contradições da produção do espaço. O trabalho enxerga outras Goiânias, procura demonstrá-las, cartografá-las, apontando a heterogeneidade na produção e apropriação do espaço urbano a partir de pesquisa em dois parques municipais localizados em pontos distintos da cidade. O Parque Vaca Brava, situado em área nobre, e o Parque Carmo Bernardes, localizado na periferia da cidade.

A cidade vista, vivida e praticada de pontos diferentes. As imagens construídas podem ser contrárias à imagem síntese, ideológica, mais uma faceta da reprodução das relações sociais no espaço urbano. A pesquisa demonstra que a prática da cidade, através dos deslocamentos espaciais, é seletiva, expressão da segregação urbana, uma vez que esta implica na especialização do uso da paisagem pelos habitantes.

Ao terminar o estudo pudemos verificar que a imagem síntese, que propõem uma Goiânia homogênea vem sendo diariamente contestada por outras imagens, construídas por discursos ordinários, na vivência do bairro, da rua, do parque.

ÍNDICE GERAL DE ILUSTRAÇÕES

GRÁFICOS

GRÁFICO 1	CRESCIMENTO DEMOGRÁFICO GOIÂNIA – GOIÁS.....	43
GRÁFICO 2	CLASSE DE RENDIMENTO MÉDIO MENSAL (EM S.M.) - JARDIM AMÉRICA E SETOR BUENO.....	55
GRÁFICO 3	CLASSE DE RENDIMENTO MÉDIO MENSAL (EM S.M.) - JARDIM MARILIZA E PARQUE ATHENEU	80
GRÁFICO 4	FREQUENTADORES DOS PARQUES POR IDADE	110

QUADROS

QUADRO 1	PRINCIPAIS PROBLEMAS DA CIDADE DE GOIÂNIA	48
QUADRO 2	PRINCIPAIS PONTOS POSITIVOS DA CIDADE DE GOIÂNIA	48
QUADRO 3	Nº DE RESPOSTAS POSITIVAS RELACIONADAS AO MEIO AMBIENTE – P.V.B. ¹	62
QUADRO 4	Nº DE RESPOSTAS POSITIVAS RELACIONADAS AOS FREQUENTADORES E INFRA-ESTRUTURA – P.V.B.....	62
QUADRO 5	PONTOS NEGATIVOS – P.V.B.....	62
QUADRO 6	Nº DE RECLAMAÇÕES GERAIS – P.V.B.	63
QUADRO 7	PONTOS LEMBRADOS DE GOIÂNIA – P.V.B.....	66
QUADRO 8	PROBLEMAS DA CIDADE DE GOIÂNIA – P.V.B.....	67
QUADRO 9	DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR BAIRRO E ATIVIDADE – P.V.B.....	70
QUADRO 10	ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA DE GOIÂNIA – P.V.B.....	74
QUADRO 11	Nº DE RESPOSTAS POSITIVAS EM RELAÇÃO AO P.C.B. ²	86
QUADRO 12	Nº DE RESPOSTAS NEGATIVAS EM RELAÇÃO AO P.C.B.....	86
QUADRO 13	Nº DE RECLAMAÇÕES GERAIS – P.C.B.....	87
QUADRO 14	PONTOS LEMBRADOS DE GOIÂNIA – P.C.B.....	92
QUADRO 15	PROBLEMAS DA CIDADE DE GOIÂNIA – P.C.B.....	93
QUADRO 16	DESLOCAMENTO DIÁRIO POR BAIRRO E ATIVIDADE – P.C.B.....	95
QUADRO 17	ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA EM GOIÂNIA – P.C.B.....	100
QUADRO 18	DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR ATIVIDADE – P.V.B. / P.C.B.....	110
QUADRO 19	ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA EM GOIÂNIA – P.V.B. / P.C.B.....	115

¹ Parque Vaca Brava

² Parque Carmo Bernardes



MAPAS

MAPA 1	LOCALIZAÇÃO DOS PARQUES VACA BRAVA E CARMO BERNARDES EM GOIÂNIA.....	53
MAPA 2	DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR BAIRRO EM GOIÂNIA A PARTIR DO P.V.B.....	71
MAPA 3	ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA EM GOIÂNIA - P.V.B.....	72
MAPA 4	DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR BAIRRO EM GOIÂNIA A PARTIR DO P.C.B.....	97
MAPA 5	ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA EM GOIÂNIA - P.C.B.....	98
MAPA 6	DESLOCAMENTOS DIÁRIOS - P.V.B. / P.C.B.....	111
MAPA 7	DESLOCAMENTOS ESPORÁDICOS - P.V.B. / P.C.B.	114

FOTOGRAFIAS³

FOTO 1	O P.V.B. E OS PEDALINHOS.....	57
FOTO 2	PASSEIO TRANQUILHO NO P.V.B. (AO FUNDO O GOIÂNIA SHOPPING)...	60
FOTO 3	O P.V.B. VISTO DO GOIÂNIA SHOPPING.....	61
FOTO 4	CACHORROS NO P.V.B.....	64
FOTO 5	DEPREDAÇÃO NO P.V.B.	65
FOTO 6	VISTA PARCIAL DO P.C.B.....	81
FOTO 7	CAMINHADA NO P.C.B.....	83
FOTO 8	O P.C.B. - ORLA SUL.....	85
FOTO 9	PISTA DANIFICADA - À DIREIRA O PARQUE ATHENEU.....	88
FOTO 10	DEPREDAÇÃO E USO - P.C.B.....	90

OUTROS

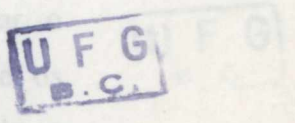
CARTÃO POSTAL - GOIÂNIA ECOLOGICAMENTE CORRETA.....	22
LOGOMARCA DO GOVERNO DA CIDADE DE GOIÂNIA	25
KATECA (JORNAL O POPULAR, 15/07/1997).....	122

³ Todas as fotografias são de autoria de: Tadeu Pereira Alencar Arrais

A cidade, em suas múltiplas dimensões, tem sido objeto de estudo por parte das mais diversas ciências, desde a pedagogia, a sociologia, a psicologia, a geografia, entre muitas outras. A cidade também não escapa à literatura, às manifestações artísticas, às evoluções, às estratégias políticas. Ela atrai as pessoas tanto quanto as ciências, muito pelo seu caráter pedagógico edificada na contradição entre o modo de vida dos homens e suas condições de existência, entre a perspectiva e a memória, o ser e o desejo de ser. Essa tensão que a cidade nos desafia, inquieta. Mudando a cada momento exige novas formas de cognoscibilidade por parte da ciência, do pesquisador, que deve investigá-la. Essa investigação pretende investigar a cidade tentando compreendê-la a partir de um olhar específico, o olhar da geografia, de uma geografia.



Para o desenvolvimento da pesquisa foi preciso, antes de tudo, mudar o olhar, o olhar de todos, olhar que antes se limitava a representações sobre a cidade e entendimentos técnicos, o que nos permitiu refletir representações sobre a cidade e entendimentos técnicos da geografia urbana neste fim de século, procurando uma abertura que pudesse superar o caráter técnico enquanto geográfico. No decorrer da pesquisa percebemos que essa abertura passava pelo estreitamento entre o entendimento da imagem e sua relação com a cidade, com a prática da cidade, com a prática da cidade.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma das primeiras questões que se coloca é a seguinte: "como se dá a imagem e a prática da cidade hoje?". A pergunta colocada dessa forma, é uso do espaço. Sua produção envolve relações que se estabelecem no espaço, práticas que partem de diversos locais na cidade, práticas que se estabelecem no espaço, práticas que partem de diversos locais na cidade, práticas que se estabelecem no espaço, práticas que partem de diversos locais na cidade. Essas práticas são produzidas por sujeitos que vivem no espaço, sujeitos que vivem no espaço, sujeitos que vivem no espaço. Essas práticas são produzidas por sujeitos que vivem no espaço, sujeitos que vivem no espaço, sujeitos que vivem no espaço. Essas práticas são produzidas por sujeitos que vivem no espaço, sujeitos que vivem no espaço, sujeitos que vivem no espaço.

Depois de estabelecer as ligações entre a imagem e o espaço nos deparamos com uma pergunta: quem produz essas imagens? Como e por quem essas imagens são produzidas? Essa pergunta nos leva a refletir sobre os sujeitos que produzem as imagens, sobre os sujeitos que produzem as imagens, sobre os sujeitos que produzem as imagens. Essa pergunta nos leva a refletir sobre os sujeitos que produzem as imagens, sobre os sujeitos que produzem as imagens, sobre os sujeitos que produzem as imagens. Essa pergunta nos leva a refletir sobre os sujeitos que produzem as imagens, sobre os sujeitos que produzem as imagens, sobre os sujeitos que produzem as imagens.

Imagens O urbano, como consideramos, favorece a produção e a reprodução dos

A cidade, em suas múltiplas dimensões, tem sido objeto de estudo por parte das mais diversas ciências, desde a pedagogia, a sociologia, a psicologia, a geografia, entre tantas outras. A cidade também não escapa à literatura, às manifestações artísticas, às revoluções, às estratégias políticas. Ela atrai as pessoas tanto quanto as ciências, muito pelo seu conteúdo pedagógico edificada na contradição entre o modo de vida dos homens e suas reais condições de existência, entre a perspectiva e a memória, o ser e o desejo de ser. Vista desse prisma a cidade nos desafia, inquieta. Mudando a cada momento exige novas formas de cognoscibilidade por parte da ciência, do pesquisador, que deve investigá-la. Essa é nossa pretensão. Investigar a cidade tentando compreendê-la a partir de um olhar específico: o olhar da geografia, de uma geografia.



Para o desenvolvimento da pesquisa foi preciso, antes de tudo, mudar o olhar, o arcabouço teórico, o que nos permitiu refazer representações sobre a cidade e entender os propósitos da geografia urbana neste fim de século, procurando uma abertura que pudesse caracterizar o nosso estudo enquanto geográfico. No decorrer da pesquisa percebemos que essa abertura passava pelo estreitamento entre o entendimento da imagem e sua relação com o espaço, com uma prática espacial, pois a imagem, como coloca Cavalcanti (1999:42), “não está desvinculada de uma prática, uma prática de indivíduos na cidade, por isso é necessário o entendimento de como se dão a imagem e a prática da cidade hoje”.

A imagem, colocada dessa forma, é uso do espaço. Sua produção envolve relações sociais que se materializam no espaço, práticas que partem de diversos locais na cidade. Nesse ponto tomamos consciência que o importante não era a imagem em si, mas o processo de construção, o feixe de relações ideológicas que envolve sua produção e reprodução, já que determinadas imagens são produzidas com intencionalidades específicas, buscando representar o todo, a cidade, sem as contradições que lhe são inerentes.

Depois de estabelecida as ligações entre a imagem e o espaço nos deparamos com outro problema, não menos estimulante. Como e por quem essas imagens são produzidas? A dúvida nos colocou frente aos múltiplos discursos que são diariamente produzidos no urbano sobre a cidade. Foi preciso, então, diferenciar conceitualmente duas realidades intrinsecamente ligadas, a cidade e o urbano, bem como suas relações com os discursos e as

imagens. O urbano, como consideramos, favorece a produção e a reprodução dos discursos e tais discursos, entre outros fins, valoram a cidade, criando imagens específicas, datadas historicamente. Essa valoração tem como suporte os discursos produzidos no urbano. O urbano, nesse sentido, é entendido para além do espaço extensão, tridimensional, tangível, mensurável. Ele é condição necessária para a produção de idéias, valores, símbolos, ideologias, discursos, por isso dá vida à cidade, criando as possibilidades de afirmação e contestação das imagens de dentro delas próprias.

O título do trabalho, *Goiânia: os discursos no urbano e as imagens da cidade*, de certa forma sintetiza nossas ambições, e também nossas dúvidas, aumentando as preocupações, uma vez que a opção feita requeria um estudo que fosse além da pura abstração. Munidos de uma base conceitual proveniente de campos do saber como a Sociologia e a Filosofia, além da História, tornou-se necessário ir à campo, compreender na análise concreta como se dá o processo de construção da imagem da cidade. Desta feita, seria possível enxergar as contradições e os vínculos da imagem com a produção do espaço, pois se a imagem é uso do espaço ela também deve, por pretender apresentar-se enquanto totalidade, reproduzir ideologicamente as relações de produção no próprio espaço. Assim optamos por investigar o processo de construção da imagem a partir de entrevista e observações com grupos de indivíduos localizados em pontos diferentes na cidade, previamente selecionados. Escolhemos dois parques, distintos em diversos aspectos, seja pela localização, pelo tipo de intervenção do Poder Público municipal ou mesmo pela condição sócio econômica dos frequentadores etc. Esses parques foram entendidos enquanto locais das práticas cotidianas na cidade. Essas práticas, espaciais, podem influenciar o processo de construção da imagem, por expressarem discursos, olhares sobre a cidade.

Da imagem do parque para a imagem da cidade, para depois investigarmos os motivos dessa imagem, tendo como ponto inicial os deslocamentos diários (deslocamentos rotineiros como as idas à escola, ao trabalho, casa de amigos, diversão etc.) e esporádicos (deslocamentos não frequentes) dos entrevistados na cidade, representados em mapas para facilitar a visualização. A idéia foi estabelecer uma contradição visual entre as imagens concebidas enquanto síntese pelos discursos disciplinários e homogeneizadores e as imagens praticadas pelos entrevistados, que supõem uma prática espacial seletiva na

cidade, uma vez que os percursos envolvem o encontro com paisagens heterogêneas, ruas, parques, bairros, uma espécie de zoneamento que não permite o estranhamento entre o mundo da escassez e o da abundância – a demonstração clara de um urbanismo que procura eliminar, pelo menos na aparência, a diferença.

Feito isso resolvemos comparar as imagens da cidade dos grupos entrevistados nos parques. Com isso outras cidades surgiram, com geografias diferentes, movidas pelos discursos ordinários, apresentando uma contraposição à imagem síntese. Também surgiram Goiânia iguais, aparentemente sem contradições, o que expressa a ação da ideologia, da fetichização da cidade por aquilo que Debord (1997) adjetivou de *espetáculo*.

O estudo foi dividido em quatro capítulos. O primeiro, “Discursos e imagens no urbano”, apresenta uma discussão conceitual da cidade e do urbano, sobre os discursos produzidos no urbano cujo o enfoque tenha sido a cidade, bem como a perspectiva disciplinar e libertadora do espaço. Em seguida direcionamos os olhares para Goiânia, exemplificando rapidamente o processo de construção da imagem e sua ligação com o discurso ambiental, bem como os mecanismos de persuasão, seja pela linguagem, seja pelos signos. No segundo capítulo procuramos resgatar o urbano em Goiânia, dando ênfase à imagem e ao discurso da modernidade, bem como suas contradições ao longo da história. Essa discussão é de fundamental importância pois pretendeu-se mostrar que as contradições na produção do urbano são históricas e que nem mesmo primeira imagem da modernidade construída para Goiânia foi capaz de camuflá-las. As contradição permanecem. Novos mecanismos, como a produção de imagens sínteses, foram criados para dissimulá-las. O terceiro capítulo procura outras imagens. Aquelas construídas em cotidianos específicos. Procuramos não a imagem, mas as imagens – a melhor forma de contestar a imagem. No quarto capítulo partimos para a comparação entre essas imagens dos entrevistados nos parques, atentando não para a imagem em si, mas para o processo, a relação segundo a qual essas imagens tornaram-se possíveis. A contradição entre as imagens foi estabelecida, ou melhor, entre duas formas de apropriação do espaço citadino marcada por uma intensa especialização dos espaços, sejam eles públicos ou mesmo privados.

A intenção, que pode ser verificada ao longo do estudo, é investigar a imagem através das práticas espaciais dos indivíduos, essas entendidas enquanto discursos no urbano. As práticas espaciais, além de reproduzirem relações de poder específicas, movidas



pela ideologia dominante que encontrou no espaço um campo fértil de ação, muitas vezes podem indicar um movimento contrário, enxergamos isso em alguns momentos, isto é, uma espécie de contra-discurso, que rejeita a ideologia dominante tendo como campo de ação o próprio espaço.

Ao final do estudo pudemos verificar que a proposta do trabalho não se esgotou. Que os parques, assim com a cidade, não correspondem mais à realidade descrita e analisada pelo pesquisador durante o estudo, muito embora essas alterações estejam sendo conduzidas pelos mesmos processos, o que só pode servir de estímulo para aqueles que pretendem lançar outros olhares sobre Goiânia.



CAPÍTULO I

1 – Dissensos e imagens no urbano

As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso
mas nem um nem outro bastam para sustentar uma muralha.
De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas
mas a resposta que dá às nossas perguntas
Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, 1994

Figura de destaque nas análises de Benjamin sobre a cidade¹ é o *flâneur*, que, ao narrar as suas experiências, torna-se parte de um texto “não-verbal”, de uma cena própria da cidade moderna. Para Benjamin (1996: 74) o *flâneur* “encontrá-se ainda no bairro, no coração da cidade e da classe burguesa. Nem numa nem noutra ele se sente à vontade. Procura refúgio na multidão”. Aparelamente, ele se mantém impotente, inerte, diante da paisagem urbana. O que não sabemos é que essa aparente inutilidade não passa de uma estratégia espacial muito própria daqueles que conheciam a cidade. Perdido na imensidão da grande cidade o *flâneur* orienta-se por pontos principais, procura outros pontos de referência. Essa parece ser sua tática. Assim ele sobrevive na cidade moderna de fins do século XIX. Segundo Benjamin

CAPÍTULO I

É impossível não observar a cidade do *flâneur* entre as fileiras dos pedestres, nem se ele está tanto quanto o burguês entre suas mercadorias. Para ele, as letreiras esmaltadas e brilhantes dos anúncios são como adorno da parede (...) bancas de jornais, as lojas de brinquedos, e os terraços dos cafés, as sacadas do apartamento, onde ele trabalha, observa o ambiente.

Como podemos observar a cidade do *flâneur* já difere bastante da cidade antiga, seja ela a cidade romana, a medieval ou mesmo a renascentista. Para Lefebvre (1994) a cidade “nova” é confundir-se com o “produto” (Lefebvre, 1994). A cidade antiga, ao contrário, é caracterizada quase que exclusivamente pelo uso, que é definido por Lefebvre (1994: 128) da seguinte maneira: “lugares de prazer”, marcados pela espontaneidade e a diversidade do caráter festivo. Lefebvre destaca o que chamou de “jogo urbano” da comunidade capitalista que ocorre no centro da cidade moderna, que pode ser visto como cidade moderna, ou seja, a “metamorfose do lugar, de um espaço determinado em um consumo de lugar, e vice-versa. Deste modo podemos observar a organização da constituição da cidade moderna. O jogo urbano é o jogo das diferenças do seu paisagem (galerias, bancas de jornais, cafés,

¹ Na introdução ao livro de BENJAMIN (1994, 1997) dedica para definir o *flâneur* e a Paris de fins do século XIX, pois na verdade o livro é dos tempos de Proust e não a Paris moderna que ele critica. Para isso veja o prefácio ao livro de BENJAMIN (1996).

1 – Discursos e imagens no urbano

As cidades também acreditam ser obra da mente ou do acaso,
mas nem um nem outro bastam para sustentar suas muralhas.
De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas,
mas a resposta que dá às nossas perguntas.
Italo Calvino, *As cidades invisíveis*, 1994.

Figura de destaque nas análises de Benjamin sobre a cidade¹ é o *flâneur*, que, ao misturar-se na multidão, torna-se parte de um texto “não-verbal”, de uma cena própria da cidade moderna. Para Benjamin (1996:74) o *flâneur* “encontra-se ainda no limiar; no limiar da cidade e da classe burguesa. Nem numa nem noutra ele se sente à vontade. Procura refúgio na multidão”. Aparentemente, ele se mantém impotente. Invisível na confusa paisagem urbana. O que não sabemos é que essa aparente imobilidade não passa de um estratégia espacial muito própria daqueles que contemplam cidades. Perdido na imensidão da grande cidade o *flâneur* orienta-se por outros princípios. Procura outros pontos de referência. Essa parece ser sua tática. Assim ele sobrevive na cidade moderna de fins do século XIX. Segundo Benjamin (1994:35):

A rua se torna a moradia do *flâneur* que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são como adorno de parede (...) bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente.

Como podemos observar a cidade do *flâneur* já difere bastante da cidade antiga, seja a polis grega, a cidade romana, a medieval ou mesmo a renascentista, por distanciar-se da “obra” e confundir-se com o “produto” (Lefebvre, 1969). A cidade antiga, arcaica, foi caracterizada quase que exclusivamente pelo uso, que é definido por Lefebvre (Idem: 120) da seguinte maneira: “lugares de prazer”, marcados pela monumentalidade e suntuosidade do caráter festivo. Lefebvre destaca o que chama de “duplo caráter da centralidade capitalista” que ocorre no centro da cidade capitalista, que aqui tomamos como cidade moderna, ou seja, a metamorfose do lugar: de consumo transformando-se em consumo de lugar, e vice-versa. Desse modo pode-se verificar a intensionalidade na constituição da cidade moderna. O jogo complexo dos elementos de sua paisagem (galerias, bancas de jornais, cafés,

¹ Na realidade a cidade que BENJAMIN (1996, 1997) elegeu para decifrar o *flâneur* é a Paris do fins do século XIX, para tal empresa utiliza-se dos textos de Baudelaire. É nessa Paris também que Baudelaire observa o homem perder sua inocência (BERMAN:1986).



bulevares, a multidão etc.) oferecem uma possibilidade de consumo sem precedentes históricos². A experiência espacial urbana do capitalismo, por assim dizer, mudou o conteúdo dos lugares. O próprio propósito de existir dessa cidade vincula-se a outros tipos de orientação espacial, onde o espaço é disciplinado para o consumo. Disciplinar o espaço é um dos papéis do urbanismo que emerge no final do século XIX e início do século XX. Urbanismo que resulta de um novo conceito de cidade produtiva onde há uma constante preocupação com a especialização dos espaços para o consumo, o que poderíamos chamar de fetichização espacial, na proporção em que este transformou-se em mercadoria.

Essas transformações no espaço urbano refletiu naquilo que Munford (1998) adjectivou de esvaziamento cultural da cidade, provocado pelas transformações e incrementos tecnológicos no espaço urbano ao longo dos tempos. A preocupação de Munford é importante e tem origem em um conceito de cidade onde sua função maior é a de exercer o papel de indutor cultural, como fora, por exemplo, nos tempos da polis grega. Essas transformações não se operaram simplesmente ao nível da forma, o que fez Simmel (1967) escrever sobre os efeitos psicológicos no homem citadino resultantes do ambiente monetário, bem como da grande concentração de pessoas no espaço urbano, que envolveu desde então a cidade moderna. Por outro lado, não devemos associar puramente o dado demográfico, a crescente urbanização, a uma espécie de ceticismo com a cidade, especialmente quanto aos aspectos culturais, não podemos esquecer que a concentração de pessoas nas cidades não significava apenas maior disponibilidade de mão de obra e excedente, mas também indicava aprendizagem, uma maior possibilidade de conviver com as diferenças.

Por tudo isso, a cidade torna-se o lugar privilegiado para a proliferação de discursos e construção de imagens, devido à enorme concentração de pessoas e objetos, que se tornam a todo momento símbolos espaciais. Além disso, o espaço citadino, repleto de contradições e que expressa essas contradições, possibilita um maior contato entre as pessoas e entre as pessoas e os objetos, o que favorece a construção de representações individuais e coletivas. Para Carlos (1994:87) o “contato cotidiano com o outro implica na descoberta de modos de vida, problemas e

² Esse exemplo refere-se especialmente a Londres e Paris do século XVIII e XIX, bem como (de forma menos elegante) para algumas cidades industriais do Noroeste da Inglaterra no mesmo século. Ver WILLIAMS (1989).

perspectivas comuns. Por outro lado produz junto uma identidade, a consciência da desigualdade e das contradições nas quais se funda a vida humana”.

Através desse contato cotidiano com o outro e com o mundo, através dos discursos, das representações, desejos e receios, a imagem é construída. Essa imagem é resultado da percepção que as pessoas constroem dos textos “não-verbais”, da forma física da cidade e dos seus habitantes. Ferrara (1988:03) considera que a percepção urbana é: “uma prática cultural que concretiza certa compreensão da cidade e se apoia, de um lado, no uso urbano, de outro, na imagem física da cidade, da praça, do quarteirão”. Isso nos leva a entender que há uma relação entre a imagem que temos da cidade e os nossos valores culturais, individuais e coletivos, bem como o próprio imaginário. Esse imaginário, segundo Ferrara (1997:194): “corresponde à necessidade do homem de produzir conhecimento pela multiplicação do significado; atribuir significado a significados”. Ferrara (1997:196) sintetiza a imagem urbana, dentre suas múltiplas funções e qualificações, da seguinte forma:

A imagem urbana é a chancela do hábito, do cotidiano descompromissado e, por isso mesmo, fortemente enraizado na cumplicidade das crenças e valores constatados pela visão e registrados coletivamente. Uma simples fruição.

Na realidade, a cidade sempre foi uma imagem. Uma espécie de simulacro do mundo. Em dado momento representou a comunidade, a segurança, a liberdade, a insurreição. Em outros, a repressão, a ordem, ou melhor, determinadas idéias de ordem. Ela é, sobretudo, a representação mais clara do modo de vida dos homens. Ver a cidade constitui-se ainda uma experiência corporal. Trata-se do corpo apropriando-se do espaço da cidade e percebendo tanto o odor de um rio fétido, quanto a brisa suave no final da tarde. O corpo também está atento à violência, aos sinais de trânsito, ao asfalto quente, ao verde etc. Ele é tanto entidade formuladora de imagens quanto elemento constitutivo da imagem, pois é parte integrante da paisagem urbana.

O corpo também é objeto de discursos. Papel ambíguo esse o do corpo. Objeto e sujeito de discursos. Objeto de discursos disciplinares e homogeneizadores que se encontram em conexão com o poder constituído das instituições que procuram discipliná-lo a todo momento. O corpo ao qual nos referimos é tanto o individual quanto o coletivo, a multidão mesma que pareceu tão homogênea aos olhos de Haussmann. Basta lembrar que a analogia entre o corpo orgânico e a cidade já serviu

para justificar certas reformas urbanas; cidade doente, enferma, é tratada do mesmo modo como o corpo doente. A anatomia do homem - circulação e artéria - confundiu-se com a anatomia da cidade. A cidade, a partir de intervenções materializadas em discursos específicos, como exemplo o higienista, sendo utilizada para controlar o corpo. Mas o corpo não se entrega facilmente. Ele resiste utilizando-se dos discursos ordinários, cotidianos, que rejeitam a homogeneidade e procuram libertar-se do controle das instituições. O poder se exerce, se afirma e se dissipa no choque desses discursos. Mas o que é, antes de tudo, o discurso?³ Fiorin (1998:11) o define como:

Combinações de elementos linguísticos (frases ou conjuntos constituídos de muitas frases) usadas pelos falantes com o propósito de exprimir seus pensamentos, de falar do mundo exterior ou de seu mundo interior, de agir sobre o mundo.

Entender o discurso como uma forma de agir sobre o mundo nos leva a refletir sobre a capacidade do discurso de reproduzir idéias e cristalizar práticas sociais. Dessa maneira o discurso não é neutro, ao contrário, é ideológico e coercitivo, representa e comunica unilateralmente as idéias dominantes, por isso é intensional e persuasivo nas suas diferentes escalas (disciplinares e homogeneizadores e até mesmo ordinários).

Há uma outra questão a responder sobre o discurso que pode ser colocada da seguinte forma: qual a base e os mecanismos de sustentação dos discursos disciplinares e homogeneizadores ligados às instituições e dos discursos ordinários? Acreditamos que a base de sustentação dos primeiros é a disciplina. Para Foucault (1979:106): "A disciplina é, antes de tudo, a análise do espaço. (...) A disciplina é uma técnica de poder que implica uma vigilância perpétua e constante dos indivíduos". Em suas análises, Foucault dá ênfase às práticas disciplinares, especialmente as que estão ligadas às instituições. Podemos dizer que Foucault procurou escrever a história do espaço disciplinar, das estratégias espaciais disciplinares, especialmente no ocidente. Em "Vigiar e Punir" (1987), Foucault mostra alguns recortes e os discursos que moveram o espaço disciplinar ao longo dos séculos XVII / XIX. Se considerarmos suas reflexões ao pé da letra veremos que estamos sendo constantemente vigiados, sufocados pelos "olhos do poder". Constataremos que o *flâneur*, ao contrário do que

³ Em se tratando do discurso esclarecemos que vamos buscar apoio no campo da linguagem na medida do necessário, pois estamos estudando a manifestação do discurso e não sua estrutura propriamente dita. Por isso achamos conveniente a divisão para fins explicativos do discurso em duas instâncias intrinsecamente ligadas: os discursos disciplinares e homogeneizadores e os ordinários, cotidianos.

pensávamos, está sendo vigiado passo a passo. No mundo panoptico de Foucault a liberdade não é um projeto facilmente tangível. Foucault coloca reticências na real possibilidade do homem ordinário livrar-se dos grilhões impostos pelas instituições e contemplar o mundo. Preferimos acreditar que a própria rejeição dos discursos constitui-se numa espécie de contra discurso. Numa indisciplina. E se a disciplina é “uma análise do espaço”, a indisciplina também pode sê-lo, na medida em que podemos enxergar na cidade, nos lugares, na metrópole, uma “contra-racionalidade” que poderíamos chamar de cotidiana.

O conceito de “contra-racionalidade” elaborado por Santos (1997) nos faz pensar nos limites de ação no espaço citadino da chamada “racionalidade dominante”. Em se tratando da cidade podemos relacionar essa “contra-racionalidade” àquilo que chamamos de contra-discurso próprio daqueles que, segundo o próprio Santos (1997), subsistem e encontram refúgio na cidade.

Ao contrário de Foucault, Certeau (1994) não acredita na preponderância do olhar disciplinar do discurso institucional, homogeneizador, especialmente nas cidades, onde o homem ordinário se liberta diariamente do crivo do olhar disciplinar a partir das “artes do fazer” e das estratégias espaciais – essas, no nosso entender, constituem a base de sustentação dos discursos ordinários, que resistem aos procedimentos coercitivos. Interessante notar que tanto Foucault quanto Certeau privilegiam a instância espacial em suas análises. O primeiro enquanto elemento necessário para os procedimento coercitivos e o segundo, ao contrário, observa no espaço a possibilidade da resistência ao poder vigilante.

Para Certeau (1996:45): “A cidade é, no sentido forte, ‘poetizada’ pelo sujeito. Este a re-fabricou para o seu uso próprio desmontando as correntes do aparelho urbano; ele impõe à ordem externa da cidade a sua lei de consumo de espaço”. Partimos do entendimento de que o espaço urbano é o lugar privilegiado desses “desmontes do aparelho urbano”, das indisciplinas. Observamos isso a cada momento. Jogar lixo no chão, fumar em locais proibidos, ocupar praças e órgãos públicos para protestos coletivos e individuais etc., tudo isso são sinais visíveis de que há outros discursos além daqueles que procuram disciplinar e oprimir o corpo. Os discursos ordinários reclamam para si, a cada momento, partes da cidade. Seus sujeitos não tem uma linguagem comum, uma fala comum, por isso contribuem para a formação do chamado espaço das heterotopias, da diversidade, são eles os



mendigos, vendedores ambulantes, pedestres, pedintes etc. O discurso envolve, antes de tudo, uma prática. Uma prática política e espacial, coletiva ou mesmo individual.

No nosso entendimento, discursos e imagens são modos específicos de agir e representar a cidade. O que nos faz concordar com Pesavento (1997:26) quando escreve:

A cidade é em si uma realidade objetiva com suas ruas, construções, monumentos, praças, mas sobre este 'real' os homens constróem um sistema de idéias e imagens de representação coletiva. Ou seja, **através de discursos e imagens, o homem re-apresenta a ordem social vivida**, atual e passada, transcendendo a realidade insatisfatória. (o grifo é nosso).



A par dessas considerações podemos acrescentar que esses discursos e essas imagens são construídas nos mais diferentes lugares na cidade: nos becos, na casa, no bairro. É isso o que leva as pessoas a observarem a cidade de maneiras distintas, dependendo do lugar e contexto sócio cultural que estão inseridas, formulam seus discursos e constróem suas imagens na vivência pontual da cidade, no lugar. Segundo Carlos (1996:26): "O lugar é o mundo do vivido, é onde se formulam os problemas da produção no sentido amplo, isto é, o modo como é produzida a existência social dos seres humanos". Isso justifica-se pelo fato de o lugar representar a totalidade do vivido que depende de outra totalidade, a do não vivido pela experiência imediata, íntima, praticada. Por outro lado devemos considerar que esse espaço vivido, praticado, também recebe influência dos diferentes espaços não vividos que compõem a cidade. Nunca é demais lembrar que o fato de não vivenciarmos a cidade por inteiro não nos impede de construir representações de seus lugares mais longínquos.

Discursos e imagens são formas de representar a cidade. São maneiras de agir no urbano. Para entender o urbano é necessário compreender a constituição dos discursos e das imagens. É preciso olhar para o cotidiano. Considerar sua existência nesses mesmos discursos, nessas mesmas imagens.

1.1 – Discursos e imagens em Goiânia

Discursos e imagens sempre estiveram presentes na constituição do urbano em Goiânia antes mesmo da sua edificação, como poderemos observar mais detalhadamente no segundo capítulo. Desse momento em diante resgataremos a ligação entre um discurso específico, o ambiental, e a imagem da cidade de Goiânia. Do ponto de vista conceitual o que foi exposto até o momento, ou seja, a estreita ligação entre discurso e imagem, nos ajudará a compreender as relações entre o discurso ambiental, as ações do Poder Público, especialmente o municipal, e a cidade.

Na década de setenta, as questões ambientais ganharam destaque no cenário internacional. As preocupações com os temas relativos ao meio ambiente resultaram na realização da primeira Conferência Mundial, patrocinada pelas Nações Unidas, sobre o Ambiente Humano, em Estocolmo, Suécia, no ano de 1972. O alerta sobre a gravidade dos problemas ambientais resultantes do modo de apropriação dos recursos naturais parecia preocupar os países desenvolvidos, responsáveis pela proliferação da idéia de progresso a qualquer custo. Ficou entendido na Conferência que os problemas ambientais não eram privilégio dos países do chamado 3º mundo, pois estes atingiam também, em escalas diferentes, os países ricos. Aquela natureza abundante, infinita em recursos, começou a ser contestada pelos avanços nas ciências: a água, o solo, os minerais etc., passaram a ser vistos como recursos não renováveis numa escala histórica a qual estamos acostumados a pensar e agir. A ordem agora é redimensionar o uso dos recursos não renováveis. O preservacionismo aparece como a nova ideologia e os movimentos ecológicos surgem com toda força, especialmente na Europa e Estados Unidos da América.

Em se tratando de Brasil é possível notar nos últimos anos uma atenção maior aos chamados problemas ambientais causados pelo modelo de desenvolvimento dependente adotado pelo país. Além disso, a partir da década de oitenta, a chamada década perdida, ocorreu no Brasil o processo de abertura política e concomitantemente houve uma maior liberdade para o debate das questões sociais e ambientais. O estado autoritário perdeu lugar para a constituinte. Houve uma valorização dos temas relativos ao meio ambiente por parte do Poder Público na esfera municipal, institucionalizada na Constituição Federal promulgada em 1988. O texto promulgado trouxe novidades no que se refere à autonomia dos municípios no trato dos problemas urbanos ambientais. Seu Artigo 30, I, é bem claro ao estipular que

compete aos municípios “legislar sobre assuntos de interesse local”. No que toca à política urbana, no capítulo II, Artigo 182, consta que:

A política de desenvolvimento urbano, executada pelo Poder Público municipal, conforme diretrizes gerais fixadas em lei, tem por objetivo o pleno desenvolvimento das funções sociais da cidade e garantir o bem estar de seus habitantes.

Tanto as questões relativas ao planejamento urbano quanto às ambientais estão presentes no texto. Houve uma mudança na maneira de o Poder Público, ao nível federal, estadual e municipal, tratar as questões do meio ambiente urbano, o que não significa que os problemas tenham sido resolvidos. Seguindo esses princípios foi criada em Goiânia em 26 de Dezembro de 1989 a Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA), que dispõe de meios legais para planejar e executar as políticas ambientais no município. O planejamento foi novamente considerado como uma ferramenta básica para conter os males do crescimento desordenado. Em 1992 o primeiro Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia (PDIG, 1971), foi reformulado e coordenado pelo Instituto de Planejamento Municipal (IPLAN) em 1992. O novo PDIG procurou diagnosticar e fazer frente aos diversos problemas da cidade, bem como apontar diretrizes para o planejamento do município. Essa institucionalização das questões ambientais e urbanas ao nível municipal não parece, por si só, um grande avanço no trato desses problemas. Isso porque o avanço, ao contrário, poderia estar noutro lugar, no campo da ação, especialmente no meio ambiente urbano. Rodrigues (1997:139) compreende o meio ambiente urbano como sendo:

O conjunto das edificações, com suas características construtivas, sua história e memória, seus espaços segregados, a infra-estrutura e os equipamentos de consumo coletivo. (...) Ao mesmo tempo, significa imagens, símbolos e representações subjetivas e/ou objetivas.

Todos esses elementos, e tantos outros, compõem o meio ambiente urbano. Cada um deles está impregnado da idéia de desenvolvimento e progresso. Progresso identificado enquanto desenvolvimento material: asfalto, rede de água e esgoto, transportes etc. O que nos remete a pensar a relação entre o meio ambiente urbano e a urbanização, esta última usualmente entendida enquanto sinônimo de progresso. Um



progresso construído por uma base material, quantificável, colocando em segundo plano as relações sociais e a cidadania.

Resta-nos tentar ampliar os horizontes da análise procurando não separar o conceito de meio ambiente urbano da idéia do direito à cidade, pois ambos estão intrinsecamente ligados. Nessa medida acreditamos que a busca do direito à cidade pelos cidadãos está no cerne da questão urbana ambiental. Esse direito, segundo Lefebvre (1991:108): “Não pode ser concebido como um simples retorno de visita ou retorno às cidades tradicionais. Só pode ser formulado como o direito à vida urbana, transformada, renovada”.

Esse direito à cidade é também o direito de beneficiar-se da cidade enquanto obra: de construir e consumir o ambiente urbano, de freqüentar suas praças, passeios públicos, ruas, parques etc. É isso que se esconde atrás dos discursos e das imagens positivas⁴ que o Poder Público municipal vem oferecendo à população goianiense antes mesmo da fundação de Goiânia em 24 de outubro de 1933. Dois desses discursos, mais atuais - “cidade ecologicamente correta” e “cidade das flores” - procuram caracterizar algumas ações administrativas na área ambiental nas duas últimas gestões municipais na cidade de Goiânia. Esses discursos procuraram, através de políticas específicas, cada qual, criar uma imagem positiva da cidade dando especificidade a cada gestão. Esses discursos são marcados pelo apelo ambiental e por uma idéia de cidade marcada pela personalidade inovadora dos gestores.

É salutar lembrar que tais discursos não são e não foram os únicos que procuraram caracterizar a cidade de Goiânia. O que nos fez optar pela escolha foi a relação cronológica entre o aparecimento dos dois discursos e a questão ambiental, ambos emergindo com mais vigor na década de 1990, paralelamente à valorização dos temas ligados à ecologia e ao desenvolvimento urbano. Outra questão a ser colocada se refere à profundidade da análise dos discursos e sua relação com a promoção da imagem da cidade. Os discursos serão analisados brevemente, como exemplos recentes, dispensando uma pesquisa mais rigorosa, como a que será realizada no capítulo três, sobre o processo de construção da imagem na sua relação direta com os habitantes da cidade.



⁴ A imagem positiva se refere à exaltação dos aspectos bucólicos e monumentais da cidade e remete a uma espécie de síntese que valoriza os aspectos agradáveis em detrimento de problemas como a violência, a ausência de áreas verdes, poluição entre outros.

1.2 – Discursos sobre Goiânia e a gestão municipal

• Uma cidade ecologicamente correta

“Não devemos exigir do livro nada mais do que ele é: discurso” (Ternes, 1998:35). Se um livro, enquanto dispositivo de informações, nada mais é que um discurso e se o discurso deve ser concebido, nas palavras de Foucault (1996:53), como “*uma violência que fazemos às coisas*”, devemos partir de um livro, ou melhor, de um discurso para análise que propomos dar seguimento. Referimo-nos ao livro “uma cidade ecologicamente correta”, de Osmar Pires Martins Júnior, Secretário do Meio Ambiente na gestão Darci Accorci (PT) 1993/1996. Como o título sugere, o livro procura levantar elementos que possam afirmar a condição de Goiânia como sendo uma “cidade ecologicamente correta”, procurando, a partir desse discurso, evocar uma imagem positiva da cidade, tanto dentro quanto fora do Estado.

O referido livro foi publicado em 1996, no mesmo ano em que Goiânia foi agraciada com o título de “cidade ecologicamente correta”⁵. Segundo o então Prefeito Darci Accorci:

Quando em março de 1996, Goiânia ganhou o título de cidade ecologicamente correta, conferido pela Sociedade Brasileira de Valorização do Meio Ambiente (Biosfera), muitos dos valores urbanos de maior significado para sua gente estavam preservados e o sentimento de coisa pública, revigorado. Havia mais civilidade em Goiânia, onde uma notável consciência do verde esta associada à preocupação de se compatibilizar a ordenação do espaço urbano com desenvolvimento econômico, social e ambiental. (In: Martins Júnior, 1996).

O cognome de “cidade ecologicamente correta” apareceu como necessidade de o Poder Público municipal afirmar o compromisso com a causa ecológica, já que a própria Constituição federal (1988:99), em seu artigo 225, estabelece que: “Todos tem direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida”. Aproveitando a ocasião, o Poder Público municipal apropriou-se, utilizando-se do *marketing*, do título que recebeu, o qual colocou Goiânia como uma das cidades brasileiras que mais investiu na qualidade de vida da sua população. A partir daí, os discursos e as ações do Poder Público

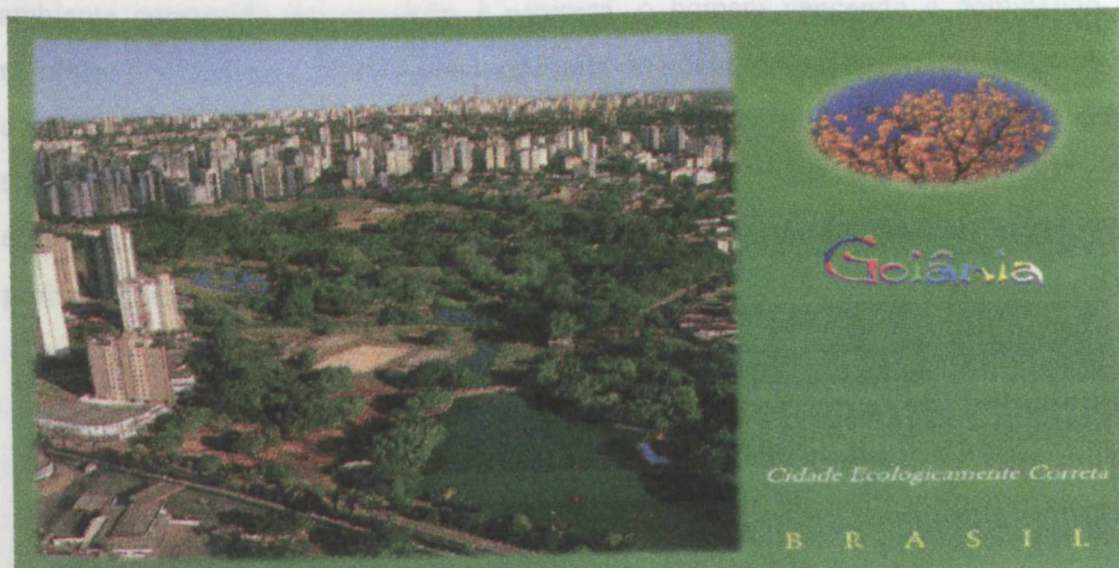
⁵ O título de “cidade ecologicamente correta” foi autorgado a Goiânia pela Sociedade Brasileira para Valorização do Meio Ambiente e mais cento e quinze entidades ambientais do mundo inteiro, no 3º Encontro Mundial de Ecologia Urbana, realizado em Campinas, São Paulo, no mês de janeiro de 1995.

municipal foram orientados no sentido de afirmar a imagem e transformar o epíteto em símbolo da administração municipal. O epíteto revela alguns valores e tendências locais e nacionais, mas é certo que existem outras manifestações socioculturais na cidade de Goiânia, isso porque o espaço urbano é composto e (re)produzido pelas diversas representações sociais que o tornam significativo para os grupos de indivíduos que o habitam. No entendimento de Tuan (1980:236):

O promocionismo pretende criar uma imagem favorável e pouco respeita a complexidade da verdade. Mas a imagem, para ser eficaz, deve ter algum fundamento nos fatos. Um traço forte representa a personalidade toda. Um epíteto ou uma frase atraente fornece a imagem.

Essa imagem da cidade foi lançada pelo Poder Público municipal de Goiânia em forma de discurso, como estratégia política. A esse respeito Certeau (1994:154) salienta: “O discurso produz então efeitos, não objetos. (...) Fazer crer é fazer fazer”. Fazer crer é dever do *marketing*, que procura, a partir de técnicas específicas, cristalizar e divulgar uma imagem positiva da cidade. Podemos constatar a afirmação dessa imagem, seja num cartão postal: “Goiânia: Cidade Ecologicamente Correta” (Wagner & Associados, Cartão Postal, Brasil), numa revista de circulação nacional: “Goiânia: cidade verde” (ZAPP, maio/junho, 1996, nº03), ou mesmo em jornais de circulação regional: “Goiânia uma cidade ecológica” (Diário da Manhã, 18/09/1996). Todos esses anúncios afirmam a condição ecológica de Goiânia como uma característica que a diferencia das demais cidades brasileiras. Todos procuram, de uma forma ou de outra, afirmar que tal conforto ambiental é resultado da ação perseverante da administração municipal. “Em Goiânia, preservar o verde é a principal meta dos administradores” (ZAPP, Idem). Os anúncios, panfletos, cartões-postais, aparecem como signos propagadores dos discursos persuasivos.

A Prefeitura de Goiânia assumiu o discurso e teve como uma das justificativas para lançar seu produto publicitário o fator econômico. Segundo Martins Júnior (1996:69): “Quando uma cidade é boa para se viver, ela também o é para ser visitada”. No sentido de reforçar o discurso, a organização da cidade, tanto pelo Poder Público municipal quanto pelo privado, esteve voltada para sua efetivação: flores, jardins, parques, panfletagem etc., demonstram uma espacialização do discurso, influenciando na configuração da paisagem da cidade de Goiânia. Exemplo notório



CARTÃO POSTAL – GOIÂNIA ECOLOGICAMENTE CORRETA

dessa espacialização é o condomínio fechado Aldeia do Vale⁶, que, segundo consta na propaganda dos empreendedores constitui-se em espaço ecologicamente correto. Tendência relativamente nova, que data dos últimos anos, essa da implementação de condomínios fechados na cidade de Goiânia. Esses espaços privilegiados tem em comum pelo menos quatro características básicas: oferecem qualidade de vida, segurança, lazer e privacidade. Para se ter uma idéia, o Aldeia do Vale, localizado na região Leste da cidade de Goiânia, conta com um índice de área verde superior à 500 m² por habitante. Conforme jornal local: “Capital ecologicamente correta, Goiânia tem uma média de 28m² de área verde por habitante. No Aldeia do Vale, por exemplo, a perspectiva é de 564 m² de área verde por habitante” (O Popular, 19/10/1997. p. 04). Lugar da liberdade vigiada, esses condomínios são a expressão clara, em cidades como Goiânia, daquilo que ocorreu na Inglaterra no final do século XIX, o retorno aos subúrbios e a busca de qualidade de vida fora dos centros urbanos.

É possível notar a relação contraditória entre os condomínios fechados na cidade de Goiânia e o discurso de cidade ecologicamente correta, ambos contemporâneos. O condomínio fechado constitui-se de uma cidade dentro da cidade. O condomínio é uma cidade que desfruta dos serviços e possíveis prazeres da cidade e ao mesmo tempo nega fazer parte dessa cidade. Mas, se Goiânia é realmente uma cidade ecologicamente correta que motivos há para tais espaços existirem?

⁶ O condomínio fechado Aldeia do Vale, entre outros serviços oferece: paisagismo planejado, drenagem pluvial, P.D.I. (Plano Diretor Interno), trilhas ecológicas para caminhada, área fechada por

Como A resposta a pergunta esta intimamente ligada à noção de cidade enquanto ambiente construído em oposição à natureza, o homem vencendo e dominando a natureza. É a ideologia do anti-urbano, própria do nosso tempo, onde a cidade aparece como ambiente inóspito, capaz de corromper e transformar os valores mais tradicionais, as instituições que pareciam mais sólidas, como a família. O discurso ecológico, como fora o sanitarista tempos atrás, procura disciplinar e naturalizar os problemas da cidade. Segundo Carlos (1994:77):

O discurso ecológico apresenta uma concepção idealizada da natureza contraposta à cidade e inventando o anti-urbano. Isso vem acalmar. Como o processo de reprodução do espaço urbano, fundamentalmente nas metrópoles, tem quase eliminado as áreas vazias e esgotado o processo de verticalização, os empreendedores imobiliários vem sendo cada vez mais obrigados a limitarem suas ações à áreas periféricas à mancha urbana, com isto tem surgido o 'subúrbio jardim', os loteamentos de alto luxo. Como convencer uma parcela da população de alta renda a abandonar a metrópole, aumentar seus custos e tempo de deslocamento, bem como seus gastos para manutenção das residências? 'Vendendo o verde'. Criando a necessidade do consumo de espaços verdes, de uma vida saudável longe da poluição e embolsando lucros fantásticos, pois as terras são adquiridas de agricultores e proprietários rurais por hectares, para em seguida, serem loteadas e vendidas por m2.

Apesar de longa, a passagem citada nos chama a refletir sobre uma série de questões a respeito do discurso ecológico e da produção do espaço urbano. Em razão da ecologia, ou melhor, de uma idéia de ecologia⁷, a cidade procura transformar-se num local agradável do ponto de vista estético, o que faz com que as preocupações com as contradições entre o capital e o trabalho fiquem em segundo plano. Num primeiro momento a causa ecológica pode parecer neutra, desprovida de qualquer conteúdo ideológico ou manifestação de classe. Acontece que a produção e divulgação dos discursos ligados à ecologia não é neutra, ao contrário, é ideológica e representa os interesses de classe. É isso o que ocorreu quando se divulgou Goiânia

11 Km de muros protegidos por sensores e feixes de laser etc. (Informe Publicitário Tropical Imóveis, Abril de 1997).

⁷ Nos dias atuais a palavra ecologia adquiriu um caráter polissemico, diferindo bastante da definição estritamente biológica, estendendo-se para o domínio das relações sociais e até mesmo subjetivas entre o homem e a natureza. Sobre o tema consultar: LAGO (1985), GUATTARI (1990).

como sendo uma “cidade ecologicamente correta”. O discurso disciplinar procurou homogeneizar os olhares na cidade, tentando como isso ocultar as contradições próprias do nosso modelo de produção do espaço urbano. Segundo Citelli (1995:32): “As instituições falam através dos signos fechados, monossêmicos, dos discursos de convencimento”, ou seja, discursos imperativos e persuasivos construídos com uma simplicidade textual que não deixa margem para interpretações.

Por essa ótica, a imagem da cidade não diz respeito e nem reflete a realidade de Goiânia, contudo o discurso que evoca a imagem de “cidade ecologicamente correta” não nasceu do nada, o que confirma o dizer de Foucault (1996:49) de que: “O discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo de seus próprios olhos”. Essa reverberação da verdade possui uma intensionalidade própria, ideológica, construída a partir de traços específicos da cidade, por exemplo, o número de parques, a arborização de certas regiões e bairros da cidade, os canteiros ajardinados etc., tudo estrategicamente ligado ao verde. Resulta daí que o discurso evoca uma imagem construída com fragmentos da cidade, de onde a síntese é construída da parte, deixando de lado outras regiões menos agradáveis da cidade. É como se tomasse uma parte pelo todo. Nunca é demais lembrar que um único discurso não cria uma imagem que corresponde à verdade, ao contrário, a imagem da cidade é constituída de múltiplos discursos, olhares.



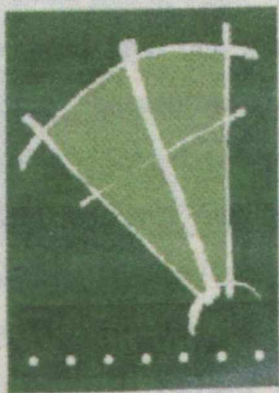
• **Goiânia: a Cidade das flores**

“Na velocidade em que germinam as boas sementes em terra fértil, os jardins, praças e canteiros de Goiânia vão adquirindo novos desenhos”(Multinews, setembro, 1997). Essa é a nova cara de Goiânia. “Há flores por todos os lados”. Não que antes não houvessem flores em Goiânia. É que, antes, era mais “um amontoado de plantas promovendo o festival de cores aleatoriamente”. O antes, se refere à gestão municipal anterior. O discurso, mesmo fragmentado, sugere que as flores na nova gestão germinam com mais vida, colorido, calor, dando forma a: “figuras geométricas que obedecem a nova ordem das ruas na cidade que ficou conhecida por cultivar a primavera nos 365 dias do ano”(Idem). Essa apologia à cidade das flores marca um novo período da recente história de Goiânia.

Com as eleições municipais, ocorridas em novembro de 1996, assumiu, em janeiro de 1997, a direção do Poder Executivo municipal o professor Nion Albernáz

(PSDB) na gestão 1997/2000, tendo como Secretário do Meio Ambiente Paulo de Souza. Já no segundo mês de gestão, o Prefeito mudou a simbologia da administração municipal, deixando de lado o epíteto de “cidade ecologicamente correta”, o que não passou, segundo alguns, de estratégia para apagar da memória dos cidadãos os possíveis avanços alcançados pela gestão anterior, no trato das questões ambientais. A partir daí sai de cena a “Prefeitura de Goiânia”, cedendo lugar para o “Governo da Cidade de Goiânia”. O epíteto maior da nova gestão materializou-se numa nova marca que tem como símbolo um desenho simplificado do plano urbanístico da cidade, com a Praça Cívica e as cinco principais avenidas do centro da cidade. Segundo o próprio Prefeito, em artigo publicado no Jornal O Popular (Opinião, 23/02/1997):

Os anseios da população estão expressos na marca, na denominação e no primeiro de uma série de slogans que farão parte da atual administração. Goiânia, um amor de cidade, tem em sua nova marca o resgate de um passado que chamou a atenção do Brasil pelo detalhismo do seu traçado urbano. (o grifo é nosso).



**GOVERNO DA
CIDADE DE
GOIÂNIA**

LOGOMARCA DO GOVERNO DA CIDADE DE GOIÂNIA

O compromisso com a causa ecológica e com o desenvolvimento sustentável fez com que o Poder Público municipal, ou melhor, o Governo da Cidade de Goiânia realizasse no dia 28 de fevereiro de 1997 uma conferência pública, cujo objetivo único foi o de assumir publicamente o compromisso com a “Agenda 21”. Nascida das discussões realizadas na chamada Eco-92 – Conferência das Nações Unidas Sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, realizada no Rio de Janeiro em 1992 – a Agenda

21 é uma espécie de “plano diretor global”, que procura indicar rumos e angariar recursos para o trato das questões ambientais.

A Agenda 21 é, com efeito, a mais extensa e detalhada ‘cartilha’ consensual que a comunidade internacional logrou acordar para fazer face ao dilema na relação recentemente tensa, entre a espécie humana e a natureza. (A Agenda 21. 1996:05).

Orientado pelo princípio da gestão local, o Governo da Cidade de Goiânia, adotando as práticas sugeridas pela Agenda 21, criou a chamada Agenda 21 Local. Essas práticas tem como princípio amenizar os problemas como a pobreza, a proteção dos recursos hídricos, o manejo de substâncias tóxicas, entre outros, a partir de ações locais, ao nível dos municípios. De acordo com a SEMMA: “A Agenda 21 local é um instrumento específico de planejamento da vida de nossa cidade, com suas característica e especificidades, garantindo a observância e o combate de nossos problemas” (Informe: Gestão Ambiental, SEMMA -1997/2000).

Nesse momento saiu de cena, como que por vontade da população, o epíteto de “cidade ecologicamente correta”. Ao Governo da Cidade de Goiânia ele não interessava mais. Todo um trabalho de *marketing* foi elaborado procurando exaltar outras qualidades da cidade, que não aquelas aclamadas pela gestão municipal anterior. A propaganda concentrou-se em dois eixos principais. Um que exaltava a qualidade de vida da “cidade das flores”. Outro que procurou, a partir do primeiro, atrair investimento para uma Goiânia moderna, que de modo particular soube equacionar e solucionar, segundo o discurso oficial, os problemas ambientais próprios das grandes cidades. Alguns exemplos podem atestar essa argumentação:

Goiânia, uma cidade em flor. Viver em Goiânia é uma experiência sem igual. Poucas são as cidades brasileiras que conseguem conjugar, de forma harmoniosa, os encantos das flores ornamentais com a agitação imposta por uma metrópole. (Governo da Cidade de Goiânia. In: Casa & Flora. Ano I, nº10).

O discurso de “cidade das flores”, como fora o de “cidade ecologicamente correta”, é metonímico, ou seja, encara a parte como se fosse o todo. Movido por uma técnica persuasiva e ideológica, compreende-se nesse discurso que Goiânia reveste-se em flores. Isso seria verdadeiro em se tratando de algumas poucas regiões da cidade, especialmente as centrais. Na medida em que direcionamos nossos olhares para a periferia as flores desaparecem. É como se a primavera eterna restringisse seu efeito



colorativo ao centro e a periferia ficasse condenada ao eterno inverno. O problema está na relação entre demanda por serviços prioritários (asfalto, água tratada, segurança etc.) e no poder reivindicatório da população residente nas regiões periféricas e nas áreas centrais e nobres da cidade. Basta observar o tratamento dispensado às praças na periferia da cidade para que esse raciocínio seja comprovado.

Fato interessante a observar é a ligação que persiste entre o discurso elaborado pelo Governo da Cidade de Goiânia e a questão ambiental, ou melhor, da qualidade de vida. Apesar de ter abandonado o epíteto de “cidade ecologicamente correta”, a idéia de valorização do meio ambiente continua fazendo parte da agenda do Governo municipal.

• Outras cidades, outros discursos

Ao se fazer uma pequena radiografia dos atuais problemas do meio ambiente urbano em Goiânia constatamos que há outras “cidades”, além daquelas colocadas pelos discursos oficiais. Uma cidade onde o índice de área verde por habitante não é tão importante quanto um local para morar. Uma cidade que contesta, a partir de vivências cotidianas, os discursos hegemônicos. Na prática, os discursos hegemônicos que formulam uma imagem positiva da cidade vão de encontro com a opinião de pessoas dos mais diversos setores da vida política e intelectual goianiense, demonstrando os diversos valores de uso desses discursos. Ao se referir às questões ambientais relacionadas ao meio ambiente em Goiânia, Caseti comenta (1991:114):

Problemas de escoamento são constantes no período das chuvas, não existindo estrutura de vazão em relação à quantidade de água pluvial que se intensifica em função do crescimento da impermeabilização de superfícies e conseqüentes tendências a disritmias pluviométricas. (...) Processos de dessolagem são evidenciados em áreas desmatadas, ao mesmo tempo em que o assoreamento dos cursos d'água favorece a tendência crescente de enchentes.

A quem atribuir a culpa por tais problemas? À mãe natureza? Caseti (1991) associou o agravamento das questões ambientais em Goiânia à transformação do espaço em mercadoria. Exemplo claro é o asfalto, considerado amenidade pelos empreendedores e dado importante da valorização imobiliária, que acelera o processo de impermeabilização e conseqüentemente o escoamento pluvial nas áreas urbanas. A

mesma lógica pode ser empregada na ocupação de áreas impróprias para construções privadas e até mesmo públicas, mesmo ferindo a legislação ambiental.

Os problemas não param por aí. Os jornais estão repletos de artigos que alertam para os problemas ambientais na cidade. “Poluição das águas é preocupante” (O Popular, Cidades, 19/10/1997, p. 2B). “Devastação causa problemas graves nos fundos de vales” (O Popular, Cidades, 12/01/1997). “Goianiense não tem acesso às praças e monumentos” (O Popular, Cidades, 27/12/1998, p. 2B). Essas imagens são rotineiras. Sua análise revela o papel contraditório exercido pelo Poder Público municipal – de um lado responsável pela legislação e fiscalização dos problemas ambientais; de outro um agente que polui e altera o equilíbrio ambiental. Devemos considerar o fato de que esses problemas não estão restritos a essa ou aquela administração. A própria dialética da natureza nos impede de delimitar, de enquadrar em determinado espaço de tempo esse ou aquele problema. A questão é mais abrangente e está associada ao modelo de desenvolvimento adotado e à idéia de modernidade que segue Goiânia desde a sua edificação.

Admitir a existência de outras cidades em Goiânia além daquelas colocadas pelos discursos oficiais significa, necessariamente, considerar outras dimensões do espaço urbano. Para Castells (1983:264): “O espaço urbano está carregado de sentido. Suas formas se remetem entre si, e se articulam numa estrutura simbólica, cuja eficácia sobre as práticas sociais revela-se em toda análise concreta”. Essa opinião, em se tratando do estudo de discursos e imagens no urbano, é bem ilustrativa e nos guiou até o momento. Resta agora a tarefa de buscar evidências em análise concreta do espaço urbano para que as imagens de algumas dessas cidades que permaneceram latentes até agora sejam reveladas e os discursos oficiais contestados.

Para isso é necessário, como sugeriu Munford em sua análise sobre a história da cidade, seguir a trilha para trás. Direcionar os olhos para um passado recente. Buscar o presente no passado. Entender como se deu a construção do urbano em Goiânia.

1 - O urbano em Goiânia

A minha cidade será bela, florida, arborizada e sem violência. As crianças de Goiânia serão todas vacinadas, alimentadas. Terão assistência médica e frequentarão excelentes escolas públicas. Será, sem dúvida, a cidade do século.

Januário de Sousa Meneses, 12 anos
O Popular, Almanaque, Outubro 1956.

A epígrafe revela algo interessante acerca das possíveis dimensões do espaço urbano e justifica a necessidade de resgatar o urbano em Goiânia sob o ponto de vista da História e da Geografia. Nela podemos constatar que a imagem da cidade ideal não está no olhar retrospectivo, mas na perspectiva. A retrospectiva remete aos problemas e confirma o pensamento de Argan (1995), segundo o qual a cidade ideal seria nada mais do que uma referência tirada dos problemas da cidade real. A perspectiva de uma cidade "bela", "florida", "sem violência", revela que Goiânia é a antítese do que será e a negação do que foi tempos atrás. Essa visão não é nostálgica, muito menos procura revelar um passado lúcido em detrimento de um presente amargo. Nem poderia ser assim, pois a cidade da nossa "esetora" é feita de imagens das vivências do presente e não do passado. Isso nos faz lembrar a escrita de Lefebvre (1979:190) segundo a qual "A cidade que conta para nós é a que nós trazemos, não a que os constituintes fazem. Mas os constituintes são poetas, farão cidades que as crianças futuras poderão trazer em seus corações". O que essa cidade será, as soluções dos problemas estruturais apontados, e aí está a riqueza dessa pequena epígrafe, depende mais de uma vontade coletiva do que individual. Nessa vontade coletiva também está presente o esforço das ciências em entender a constituição da cidade. A Geografia brasileira, como as demais ciências sociais, não foge a essa tarefa. Ao contrário, a cidade enquanto objeto de estudo do geógrafo foi e vem sendo entendida de diversas maneiras, refletindo concepções de vida e de mundo dos pesquisadores bem como a própria evolução epistemológica do pensamento geográfico brasileiro e mundial.

CAPÍTULO II

A diversidade da pesquisa geográfica urbana, seus métodos e pressupostos epistemológicos tem sido objeto de estudo de alguns geógrafos. Abreu (1994) demonstra muito bem a evolução da pesquisa geográfica urbana brasileira no decorrer do século XX, decerto claro, num primeiro momento, a influência da Geografia francesa, ressaltando o

1 - O urbano em Goiânia

A minha cidade será bela, florida, arborizada e sem violência. As crianças de Goiânia serão todas vacinadas, alimentadas. Terão assistência médica e frequentarão excelentes escolas públicas. Será, sem dúvida, a cidade do século.

Janaina de Souza Meneses, 12 anos
O Popular, Almanaque, Outubro 1998.

A epígrafe revela algo interessante acerca das possíveis dimensões do espaço urbano e justifica a necessidade de resgatar o urbano em Goiânia sob o ponto de vista da História e da Geografia. Nela podemos constatar que a imagem da cidade ideal não está no olhar retrospectivo, mas na perspectiva. A retrospectiva remete aos problemas e confirma o pensamento de Argan (1995), segundo o qual a cidade ideal seria nada mais do que uma referência tirada dos problemas da cidade real. A perspectiva de uma cidade “bela”, “florida”, “sem violência”, revela que Goiânia é a antítese do que será e a negação do que fora tempos atrás. Essa visão não é nostálgica, muito menos procura revelar um passado idílico em detrimento de um presente amargo. Nem poderia ser assim, pois a cidade da nossa “escritora” é feita de imagens futuras construídas nas vivências do presente e não do passado. Isso nos faz lembrar a escrita de Ladrière (1979:190) segundo a qual: “A cidade que conta para nós é a que nós trazemos, não a que os construtores fazem. Mas os construtores são poetas, farão cidades que as crianças futuras poderão trazer em seus corações”. O que essa cidade será, as soluções dos problemas estruturais apontados, e aí está a riqueza dessa pequena epígrafe, depende mais de uma vontade coletiva do que individual. Nessa vontade coletiva também está presente o esforço das ciências em entender a constituição da cidade. A Geografia brasileira, como as demais ciências sociais, não fugiu à essa tarefa. Ao contrário, a cidade enquanto objeto de estudo do geógrafo foi e vem sendo entendida de diversas maneiras, refletindo concepções de vida e de mundo dos pesquisadores bem como a própria evolução epistemológica do pensamento geográfico brasileiro e mundial.

A diversidade da pesquisa geográfica urbana, seus métodos e pressupostos epistemológicos tem sido objeto de estudo de alguns geógrafos. Abreu (1994) demonstra muito bem a evolução da pesquisa geográfica urbana brasileira no decorrer do século XX, deixando claro, num primeiro momento, a influência da Geografia francesa, ressaltando o

papel da monografia urbana no contexto da pesquisa sobre a cidade nos dois primeiros quartéis desse século. A evolução da pesquisa urbana em Geografia nesse século também foi tema de Vasconcelos (1994) que procurou demonstrar a influência da Geografia Tradicional, bem como da Geografia Crítica na pesquisa urbana.

— Em se tratando da recente e presente influência da Geografia crítica¹ na pesquisa urbana pode-se dizer que houve uma tentativa de transpor para a análise da cidade as categorias e os conceitos marxistas, como, valor e renda, divisão do trabalho, luta de classes, formação econômica e social etc. Isso fez com que do ponto de vista da Geografia crítica a cidade tenha sido entendida como centro de acumulação do capital e materialização da divisão do trabalho, lugar onde, devido às condições históricas, a revolução poderia brotar. A pesquisa urbana orientou-se no sentido de buscar o entendimento das contradições entre capital e trabalho que passaram a se materializar de forma visível no espaço urbano devido ao intenso processo de urbanização ocorrido, especialmente, a partir da década de 1960. No contexto da Geografia Crítica brasileira, vale ressaltar o papel de Carlos (1994) que procurou entender a constituição da paisagem urbana considerando a dialética entre forma e conteúdo, aparência e essência. Seu pensamento pode ser “sintetizado” na seguinte passagem: “A cidade é um modo de viver, pensar, mas também sentir. O modo de vida urbano produz idéias, comportamentos, valores, conhecimentos, formas de lazer, e também uma cultura” (Idem, 1994:26).

— Atualmente, a Geografia Crítica tem se preocupado em considerar a cidade não só do ponto de vista da reprodução do capital. Temas como o cotidiano, o lugar e a cultura tem aparecido constantemente nas pesquisas sobre a cidade. Isso gerou uma necessidade, diríamos epistemológica, de buscar conceitos diferentes e complementares sobre a cidade e o urbano, pois a realidade tornou-se mais complexa, impossível de ser captada, por exemplo, pela monografia urbana ou pela ótica da acumulação do capital. Para Carlos (1994a:14):

A cidade como forma, como trabalho materializado, e o urbano como conteúdo e produto da divisão espacial do trabalho, expressão esta contemporânea,... colocam-se como objetos importantes para a geografia.

¹ Sobre o movimento de renovação crítica da geografia, bem como a influência do materialismo histórico dialético a partir da década de 1960, consultar a terceira parte do livro: SANTOS (1996c), MORAES & COSTA (1987), entre outros.

A cidade enquanto forma e o urbano enquanto conteúdo, esse parece ser o entendimento mais comum entre os geógrafos. Mas essa diferenciação entre cidade e urbano só é válida quando esses conceitos são considerados complementares, indissociáveis, interdependentes. A esse respeito, escreveu Silva (1997:85): "A cidade é a matriz do urbano – um modo de vida que contém todos esses elementos e outros mais. O urbano universaliza a cidade, cria a marca". Muito mais poderia se escrever sobre a cidade e o urbano. Como fez Corrêa (1989) ao acrescentar que a articularidade e a fragmentariedade do espaço urbano podem ser consideradas a partir das ações de determinados agentes sociais, entre eles o Estado, os proprietários dos meios de produção, os proprietários fundiários, os promotores imobiliários e os grupos sociais excluídos. Todos esses agentes, como num jogo, escrevem e transformam constantemente a engenharia da cidade. Dependendo do ponto de vista que se considere a cidade, a hierarquia entre esses agentes será diferente. Ao se considerar a cidade enquanto local privilegiado para a reprodução do capital, o Estado e os detentores dos meios de produção estarão no topo da hierarquia, pois a presença desses agentes materializa-se no espaço urbano de forma visível, basta observar a constante reestruturação do espaço urbano, seja a malha viária, sejam os edifícios públicos e privados que surgem de um dia para outro.

Partindo de uma visão mais subjetiva, mas nem por isso descomprometida com as relações sociais mais estruturais, podemos constatar uma outra lógica na constituição da cidade. Descobriremos que as hierarquias não passam de pontos de vistas que podem encobrir outros sentidos da cidade. Nessa visão, o simbolismo adquire importância e a cidade passa a ser movida por uma espécie de geometria simbólica onde ideologia, alienação e utopia se misturam à coisa material, construindo as chamadas "cidades invisíveis" (Calvino, 1994).

Esse entendimento nos alerta para o fato de a cidade não ser tomada, exclusivamente, enquanto coisa material. Ferrara (1988:202) aponta, a esse respeito, que: "As transformações econômicas e sociais deixam, na cidade, marcas ou sinais que contam uma história não verbal pontilhada de imagens, de máscaras." O caminho para desvendar essas "imagens", essas "máscaras", esse texto "não-verbal", parece estar na compreensão do cotidiano. A cidade enquanto forma, emaranhado de construções, constitui-se de um texto "não-verbal". No momento em que esse texto "não-verbal" é descoberto pela

vivência cotidiana, o urbano se constrói. É nesse momento que se entrecruzam a “cidade do capital” e a “cidade do cidadão” (Cavalcanti, 1993:81).

Parece claro, também, que esse texto “não-verbal”, a forma, as edificações de concreto armado, os bulevares tão celebrados pelos modernistas, tem sido edificados com intencionalidades específicas, muitas vezes para ocultar a “cidade do cidadão” e dar visibilidade à “cidade do capital”. Uma análise depurada pode nos ajudar a enxergar a cidade de um outro prisma, por outros meios, outra lógica, que não seja a do capital. A lógica de uma cidade que persiste e encontra meios a partir de uma intencionalidade própria, de criar nos interstícios da cidade do capital a cidade do cidadão, de resistir pelo cotidiano à chamada “racionalidade dominante”. Essa resistência manifestada muitas vezes na luta armada, nas guerrilhas urbanas, nos protestos e manifestações pela cidade, é construída de maneira silenciosa no imaginário. A análise dessas resistências que se dão nos discursos e sua relação com os textos “não verbais” parece ser um dos caminhos possíveis para a compreensão do espaço urbano, dos discursos e das imagens produzidas na cidade, especialmente em Goiânia: cidade que nasceu e foi edificada sobre os alicerces de uma idéia e de um discurso de modernidade.

1.1 - A edificação de Goiânia : o primeiro discurso / a primeira imagem

O território goiano ganhou autonomia em 1749, quando foi criada a capitania de Goiás. Antes disso, o território pertencia à capitania de São Paulo. Com a descoberta do ouro em 1725 pela bandeira liderada por Bartolomeu Bueno (o Anhanguera), a região do atual Estado de Goiás despertou, objetivamente, atenção da metrópole que orientou o processo de ocupação da região de forma mais controlada. Segundo Palacin & Moraes (1986:10): “A primeira região ocupada foi a do Rio Vermelho. Fundou-se o Arraial de Sant’Ana, que depois seria chamado Vila Boa, e a mais tarde, cidade de Goiás, sendo durante 200 anos a capital do território”. Nesses duzentos anos a economia mineradora, a atividade agrícola e a pecuária extensiva deram a tônica do povoamento, da organização política e das relações sociais no Nordeste e Norte do Estado de Goiás. Como ocorreu no resto do país, aqui também pudemos sentir a fragilidade de uma economia baseada quase que exclusivamente, em especial no período colonial, na mineração. A decadência da

atividade mineradora e as limitações econômicas das atividades agropastoris tradicionais, bem como as mudanças na política nacional e regional, fizeram-se sentir na antiga Vila Boa e ressurgiu na década de 1930 uma idéia que já havia brotado no século XIX: a mudança da capital.

As causas para a transferência da capital e a caminhada rumo à tão desejada modernidade são de ordens diversas, multifatoriais e articuladas, refletindo percepções diferentes dos grupos hegemônicos e não hegemônicos do Estado, dos governantes e dos governados, nos anos que seguiram a década de 1930. Essas causas vão desde as questões ecológicas, relacionadas ao sítio urbano², passando pelas questões econômicas, decorrentes da decadência da atividade mineradora e dos desequilíbrios regionais entre o Sul e Sudoeste e o Norte do Estado, tendo como pano de fundo questões políticas, reveladas nos conflitos, nem sempre pacíficos, entre as oligarquias regionais, na disputa pelo poder.

Independentemente dos protestos e desgostos por parte dos moradores da antiga Vila Boa, o projeto de transferência da capital consolidou-se na década de 1930. A centralização geográfica do poder fez-se necessária e a de transferência da capital funcionou como divisor de águas de dois momentos distintos da história política e econômica do Estado de Goiás: um de relativo atraso justificado pelos dados demográficos e econômicos e outro de inexorável progresso simbolizado pelo poder renovador do Interventor Federal Pedro Ludovico Teixeira e sua obra maior, a nova capital do Estado.

Nesse contexto é que o sítio urbano da cidade de Campinas³ foi escolhido, em detrimento de outros, para a edificação de uma cidade que seguisse os padrões da arquitetura moderna, com avenidas largas que poderiam confundir-se com os *bulevares* da Paris de Baudelaire, de fins do século XIX, não fosse a ausência de ritmos e tragédias que caracterizaram esta capital do século XIX. Talvez fosse esse o pensamento das classes dominantes da década de 1930, que, imbuídas pela idéia de progresso europeu e pela ideologia positivista, própria da Nova República, procuraram transformar Goiânia no símbolo da modernidade.

² A dificuldade de permanência da capital na Cidade de Goiás, estava relacionada, na ótica do discurso mudancista, à topografia irregular, às dificuldades de transporte impostas pelo fato de a cidade ser sitiada pela Serra Dourada, bem como a ausência de uma rica rede de drenagem que pudesse abastecer a cidade. Devemos rever essas limitações à luz dos avanços técnicos da época.

³ Campinas é hoje um bairro localizado nas proximidades da região central da cidade de Goiânia. A escolha do novo sítio urbano teve como elemento chave a proximidade da estrada de ferro.

A nova capital que em 1933 veio a se chamar Goiânia brotava das pranchetas com intencionalidade específicas e tinha tudo para dar certo. Aquele espaço virgem onde estavam localizadas as fazendas Vaca Brava, Criméia e Botafogo, de declividade suave, abundante em recursos hídricos, favoreceu não só a aplicação de um plano urbanístico moderno voltado para a circulação, como também pôde diminuir os gastos com a infraestrutura sanitária, o que tornaria, segundo o discurso oficial, a vida dos habitantes da futura capital mais salubre. Naquela Goiânia da década de 1930, a natureza parecia renovar-se a cada momento, infinita e amiga, pronta para ser dominada: equivocados pensamentos das “luzes” que se confirma no depoimento do engenheiro Armando Augusto de Godói, responsável pelo relatório sobre as conveniências do sítio urbano da nova capital situado no então município de Campinas. Para Godói (1942:27): “Campinas é admiravelmente dotada pela natureza, podendo, pois, servir de sede a uma grande aglomeração urbana, com algumas centenas de milhares de habitantes”. O conceito e a função primeira da cidade enquanto centro catalizador do progresso e elemento indutor do desenvolvimento econômico, em oposição ao campo, também fica claro quando Godói (1942:15) exaltou as qualidades da cidade moderna enfatizando: “Ela educa as massas populares, compõe-lhes e orienta-lhes as forças e os movimentos coletivos e desperta energias extraordinárias entre os que aí vivem e ficam sob a sua influência civilizadora”.

O parecer do engenheiro Armando Augusto de Godói, no Relatório Sobre a Conveniência da Mudança da Capital, atribuiu o atraso do Estado ao fato de não haver surgido um centro urbano que impulsionasse o progresso. Portanto, ele aprovou a mudança da Capital, o mesmo ocorrendo com o arquiteto urbanista Atílio Correia Lima (1942), na ocasião da elaboração do primeiro Plano Diretor da cidade em julho de 1933. Essas opiniões já haviam sido incorporadas ao discurso de Pedro Ludovico Teixeira sobre a mudança da capital, como demonstra a passagem abaixo:

Mudando a sede do Governo para um local que reúna os requisitos de cuja ausência absoluta se ressentia a cidade de Goiás, teremos andado meio caminho na direção da grandeza desta maravilhosa unidade central (1942:03).

Nesse momento ímpar da história política e econômica brasileira e regional, sob o signo do novo, Goiânia foi edificada. Uma nova Capital, uma nova política, um novo governo, um novo modo de edificar cidades marcado por um rigoroso zoneamento,



influenciado pelos mesmos princípios que nortearam, anos depois, a Carta de Atenas⁴, onde a concepção de cidade funcional e produtiva volta-se para a circulação. Sua edificação foi consolidada com a política de ocupação do território brasileiro, efetivada no governo Vargas, denominada "Marcha para o Oeste".

A fundação de Goiânia, em 24 de outubro de 1933, representou, segundo Costa (1993:35): "Um fato sociológico inédito no País, em virtude de traduzir um movimento centrífugo, isto é, que parte do centro de nosso território para irradiar para a periferia". Essa opinião expressa o sentimento de exaltação por parte da imprensa local que tentava transformar Goiânia em um centro econômico e cultural, merecedor de seu povo e de seus arrojados governantes, postura que influenciou de forma decisiva as interpretações do sentido ideológico da edificação de Goiânia e da "Marcha para o Oeste". Costa (1985:90) interpreta o sentido ideológico da edificação de Goiânia:

Ao procurarmos localizar a significação ideológica da edificação da cidade de Goiânia, somos obrigados a volver os olhos para o passado, para as quadras aventurosas das bandeiras, após o que chegaremos à conclusão de que se trata de um movimento, até hoje inédito na História do Brasil, de violenta coordenação das forças centrífugas das possibilidades colonizadoras do Continente Americano. (...) é uma obra filha do esforço e do labor locais, é uma realização que não foi sequer buscar a inspiração de sua origem nos centros de alta densidade demográfica do litoral.

A maneira como é utilizado o termo "centrífugo" transparece o sentido ideológico da edificação da cidade de Goiânia. Se a ideologia, no sentido que aqui estamos atribuindo, transforma as realidades em realidade, empobrecendo e limitando as análises, devemos crer que o próprio Costa tenha sido influenciado pela ideologia do seu tempo, colocando Goiânia como fruto de um esforço quase que exclusivamente local e projeto político do personagem Pedro Ludovico Teixeira, dissimulando, assim, as marcas da coletividade. No nosso entendimento, a edificação de Goiânia não pode ser entendida como fato isolado, como esforço exclusivo de uma oligarquia regional. Longe disso, a história política de

⁴ Documento redigido pelo arquiteto Le Corbusier por ocasião da realização do IV CIAM (Congressos Internacionais de Arquitetura Moderna) realizado em Atenas no ano de 1933. Segundo esse documento, o habitar, o trabalhar, o recrear-se (nas horas livres) e o circular são os pilares do urbanismo moderno, LE CORBUSIEUR (1993).

Goiás mostra uma estreita vinculação entre as oligarquias regionais e nacionais, e até mesmo uma dependência em relação ao governo Vargas, como demonstra Chaul (1988).

Não podemos deixar de lado, ao se considerar a edificação de Goiânia, a produção de um discurso ideológico por parte do Estado. Segundo Chaui (1984:86) “A ideologia é um dos meios usados pelos dominantes para exercer a dominação, fazendo com que esta não seja percebida como tal pelos dominados”. Seguindo esse conceito⁵ poderemos entender as ramificações e influências da ideologia nos vários segmentos da sociedade goiana como ficou explícito na opinião de Costa, o que nos faz pensar sobre as formas de expansão do pensamento ideológico de uma determinada classe para os vários segmentos da sociedade. É o que Althusser (1985) chama Aparelhos Ideológicos de Estado(AIE), ou seja, coerção exercida através e pela ideologia dominante, tanto no domínio público quanto no privado.

Essa exaltação das qualidades e do destino promissor da cidade de Goiânia também é encontrada em outros segmentos da sociedade, além da imprensa escrita, como no poema de Ely Brasiense (1943):

Metrópole caçula sem par na beleza,
Irmã gêmea talvez da prometida Terra,
Cidade portentosa e que risonha encerra
O soberbo esplendor de quem nasceu princesa

Um que de maravilha em seus contornos erra
Corre estranho rumor em toda sua grandeza,
E o braço de um titã bondoso, com certeza,
De um brilhante por vir as cortinas decerra

Sonho imortalizado em granito e cimento,
Da campina surgiu um deslumbramento,
E de encanto e de sonhos formosa se reveste.

GOIÂNIA! Jóia sem par num estado inda pobre,
És filha ideal de um pensamento nobre
E o passo triunfal da “Marcha para o Oeste”.

O poema retrata com contundência e entusiasmo as perspectivas promissoras da nova cidade que já nascera como metrópole. Incrustada no sertão, Goiânia foi a

materialização de um sonho antigo. Há no poema uma tentativa de romper com o provincialismo a que esteve, até então, sujeito o Estado de Goiás. A Goiânia representada é a da forma geométrica concebida em “granito e cimento”. Essa metrópole “sem par na beleza” marca o início de uma longa caminhada, rumo ao progresso, conceito confuso muitas vezes entendido como sinônimo de modernidade.

Apesar de Goiânia ter sido edificada sob o discurso da modernidade, pouco havia aqui que pudesse caracterizar a modernidade, pelo menos no sentido que aqui a encaramos, ou seja, como sugere Giddens (1991:11): “Um estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII”. O caráter moderno da cidade de Goiânia não dizia respeito ao estilo de vida na cidade ou mesmo à complexidade da vida urbana, mas à predominância da técnica moderna, de um texto “não-verbal” dotado da intensionalidade da cidade do capital.

Esse discurso da modernidade teve como elemento fundamental o novo padrão de construção e o plano radiocêntrico com largas avenidas que convergiam para o centro. O projeto da modernidade emergiu efetivamente de cima para baixo, de modo vertical e não de modo horizontal, como ocorreu na Paris e na Londres do século XVIII (Bresciani:1982), onde a complexidade dos modos de vida e a construção de uma sociabilidade cosmopolita aliada à evolução do capitalismo fabril influenciaram na configuração de um novo modo de viver e sentir a cidade, de produzir e consumir o espaço e o tempo. Uma cidade como Goiânia, na época de sua edificação, não expressava bem o sentido de modernidade adotado por Berman (1986:13). Para ele ser moderno é:

...viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e freqüentemente destruir comunidades, valores, vidas: e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo, [é viver num mundo onde] “tudo o que é sólido desmancha no ar”.

Esse mundo do “paradoxo”, das “imensas organizações burocráticas”, não materializou-se na cidade de Goiânia. Ao contrário, a idéia de edificar uma cidade

⁵ Sobre o conceito de ideologia na concepção marxista ver CHAUI (1984). Um estudo mais detalhado e que vai além das proposições marxistas, estendendo-se à sociedade moderna é encontrado em THOMPSON (1995).

cosmopolita na década de 1930 esbarrou num provincianismo e numa vida pacata, de ritmo lento, que não acompanhava a velocidade das construções arquitetônicas, a velocidade da precoce modernização. Esse processo de modernização, segundo Soja (1993:37): “Como todos os processos sociais, desenvolve-se desigualmente no tempo e no espaço e, desse modo, inscreve geografias históricas bem diferentes nas diferentes formações sociais e regionais”. O mesmo podemos dizer, em se tratando daquela Goiânia da década de 1930, da modernidade, das formas e os conteúdos sociais que emergiram de um processo particular de desenvolvimento significativo das forças produtivas, que não foram tão intensas ao ponto de serem tratadas como sintomas da modernidade.⁶

Antes da edificação, o sítio urbano de Goiânia era constituído de um espaço praticamente vazio, sem nem mesmo formas antigas que poderiam adaptar-se a novas funções, ou seja, “rugosidades” (Santos, 1997), exceto no que se refere ao município de Campinas, de uma primeira natureza em transformação, ocupada por uma população não maior que quatorze mil e quinhentos habitantes (Gomes, 1993:130).

Em Goiânia, *nem tudo o que era sólido desmanchou-se no ar*. Prova disso é o depoimento do Sr. Adolfo Boari, que veio para Goiânia na década de 1940, trabalhar como ajudante de pedreiro. Na sua opinião: “A cidade foi feita mesmo de cinquenta prá cá” (Goiânia, 1988:16). E quando se trata de fazer comparações entre o passado e o presente ele é contundente ao falar sobre Goiânia: “Agora é uma cidade de verdade. Tem arranha-céus, prédios, toda asfaltada” (Goiânia, 1988:16). Essa opinião é compartilhada pelo escritor Bernardo Elis, que veio para Goiânia no início da década de 30. “Pelos idos de 1950 é que Goiânia começa a perder seu aspecto miudinho. Aí chegou a Estrada de Ferro, a tecnologia moderna possibilitou a abertura de novas estradas (...) Brasília brotou” (Goiânia, 1988:58). Sob essas condições é que apareceu em Goiânia o projeto e o discurso da modernidade, que recebeu influências de outros mares, de um mundo que fazia parte do imaginário de uma pequena parcela da população da cidade de Goiânia, de uma parcela abastada e que possuía recursos suficientes para consumir e aproveitar de todos os progressos materiais da modernidade importada.

Estes simples relatos transparecem o sentido da modernidade goiana na década de 1930. Essa modernidade, que não passa de um processo particular de “modernização”,

⁶ Sobre a relação entre o processo de modernização e a modernidade, o primeiro enquanto condição

processou-se numa visão vertical, pela rapidez com que surgiam novas formas, edificações, nunca vistas antes, por isso mesmo ela é incompleta. A modernidade não deve ser entendida unicamente numa visão vertical, mas, sobretudo a partir de uma visão horizontal, considerando a complexidade dos estilos de vida e o choque entre o uso e a troca.⁷

Mesmo discordando do sentido de modernidade dado à cidade de Goiânia nos idos de 1930 e 1940, é preciso reconhecer que estratégias e discursos em nome dessa representação foram elaborados pelas classes dirigentes do Estado de Goiás. Para Chaul (1997:181), essa representação da modernidade, na política goiana, foi sustentada por alguns ideários que envolviam o signo do progresso. Segundo o autor:

...a utilização do saber médico como discurso que dissecava o velho Goiás e o internaria para todo o sempre na UTI da história, e a construção de uma nova capital, Goiânia, que se traduziria no símbolo maior da época em construção, representando o coroamento da modernidade e do progresso goiano.

Nota-se que a primeira representação, a do “saber médico”, tem estreita relação com a segunda, “a transferência da capital”, o que demonstra a dissimulada conexão entre o saber (representado pelo discurso médico higienista) e o poder. Dessa forma a nova capital tornou-se território livre, espaço “neutro” para a formação de um novo campo de forças políticas, como ocorreu décadas depois, com o projeto de edificação da capital federal. Foi assim, manipulando o saber para fortalecer o poder, que o interventor e médico Pedro Ludovico Teixeira, homem de muitos “dotes”, conseguiu romper com as oligarquias, criando a sua própria. O saber estratégico e o saber médico, como também a violência, foram utilizados para manipulação e conquista do poder. Foucault (1979), sobre essas formas de dominação dos indivíduos e a disciplinarização do espaço, afirma:

O controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista. O

necessária para o aparecimento do segundo, consultar HARVEY (1996).

⁷ BERNARDES (1998) em sua tese de doutoramento resalta um aspecto interessante no que se refere à produção do espaço urbano em Goiânia. A autora parte da hipótese de que: “A construção do espaço urbano em Goiânia se dá pelo embate de duas racionalidades diferentes. Uma é aquela que preside o planejamento e a outra é a que move o cotidiano das práticas sociais” (Idem, 14).

corpo é uma realidade bio-política. A medicina é uma estratégia bio-política. (1979:80).

Na prática o que Pedro Ludovico Teixeira fez foi separar a idéia, o discurso, da sua relação com a política regional, as relações sociais e os jogos de poder entre os grupos políticos hegemônicos do Estado. Sua estratégia funcionou, na medida em que não poderia admitir as causas e o caráter político da transferência da capital. O seu discurso "neutro" e incontestável teve como baluarte a técnica, para tanto se utilizou da ideologia como mecanismo de dominação. Sobre isso afirma Chauí (1984:21): "Os homens legitimam as condições sociais de exploração e de dominação, fazendo com que pareçam verdadeiras e justas". Como nos lembra Marx (1986:72): "As idéias da classe dominante são, em cada época, as idéias dominantes". Isso é tão verdade que mais tarde o próprio Pedro Ludovico Teixeira reconheceu em relatório apresentado ao presidente Getúlio Vargas, citado por Chaul (1988:77), a influência dos fatores políticos no discurso que legitimava a transferência da capital para Goiânia.

É certo que o discurso disciplinar e homogeneizador, elaborado pela oligarquia dos mudancistas e liderado por Pedro Ludovico Teixeira, teve forte conteúdo ideológico. Procurou criar uma imagem. Uma imagem que nasceu de um discurso, por um discurso. Foi sob essa imagem, a imagem da modernidade e do progresso, da técnica e da ordem, do positivismo e do idealismo, que projetou Goiânia. Mas em parte Goiânia resistiu e não seguiu os caminhos projetados para ela. Não apressou-se em ser moderna. Foi sendo construída aos poucos, não pela caneta ou mesmo pelo bisturi de Pedro Ludovico Teixeira, mas pelas mãos e mentes de todos os anônimos (serventes, pedreiros, carpinteiros, agiotas, motoristas, lavadeiras, pintores etc.) que por aqui passaram deixando rastros e uma cidade em permanente construção. Uma cidade que hoje desfruta de problemas estruturais decorrentes da modernização e urbanização do território goiano. Uma cidade que assumiu muito cedo os riscos e as incertezas da tão celebrada modernidade.



M.T.
span

1.2 - A metrópole do oeste

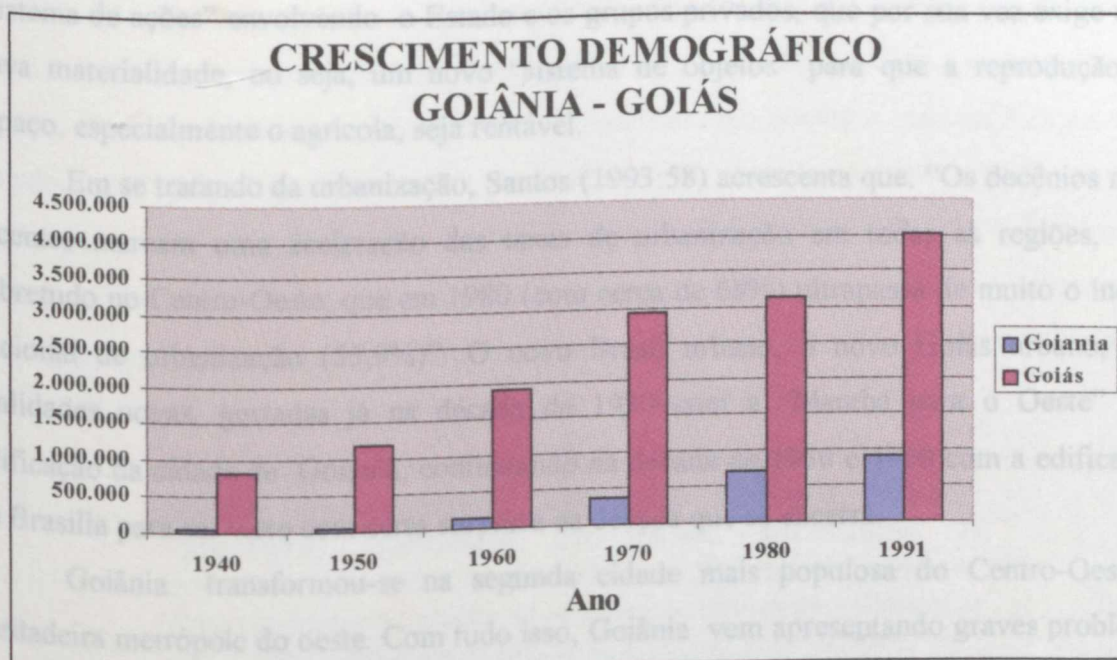
A análise do período que segue a edificação de Goiânia até o presente momento, ou seja, por volta de seis décadas, demonstra claramente a opção de desenvolvimento adotada pelo estado brasileiro. As conseqüências da chamada “via para a modernidade” pôde ser sentida com muita evidência no estado de Goiás, uma vez que este está localizado numa região estratégica para o projeto de integração nacional. A edificação de Brasília, os planos rodoviários, bem como a emergência do cerrado enquanto fronteira agrícola para o grande capital, influenciaram na dinâmica sócio econômica do Estado, e consequentemente da cidade de Goiânia, o que mostra que o espaço não deve ser pensado de forma isolada, enquanto produto exclusivamente de relações locais ou mesmo regionais.

A cidade de Goiânia conta hoje com uma população superior a um milhão de habitantes, com uma densidade demográfica de aproximadamente 1.167,81 hab./km². Isso nos faz pensar na relação entre o adensamento populacional e os recursos disponíveis para o trato dos problemas decorrentes do intenso processo de urbanização, já que, segundo dados recentes, as taxas de urbanização do Estado atingem índices superiores a 85%. O rápido crescimento demográfico do Estado de Goiás, que no intervalo de quarenta anos atingiu 379%, passando de uma população de 822.923 habitantes em 1940, para 3.121.125 em 1980, bem como a crescente urbanização do Estado a partir da década de 1970, repercutiram na dinâmica demográfica da cidade de Goiânia.

Em 1940, Goiânia contava com uma população de 48.166 habitantes, atingindo na mesma década a população para a qual foi planejada, ou seja, 50.000 habitantes, demonstrando claramente os limites do planejamento nesse período. Em 1980, Goiânia contava com uma população de 717.516 mil habitantes, havendo no período de 1940 / 1980 um crescimento demográfico de aproximadamente 1489%, que pode ser visualizado no Gráfico 01.

⁸ Dados calculados a partir de informações retiradas do Anuário Estatístico do Estado de Goiás, 1996.

GRÁFICO 01



Fonte: Censos Demográficos de 1940 a 1991.

Comparando os dados relativos ao crescimento demográfico do Estado de Goiás e da cidade de Goiânia nesse período, pode-se constatar uma surpreendente diferença em favor de Goiânia, o que demonstra o processo de deslocamento populacional rumo ao Estado de Goiás e com maior intensidade à cidade de Goiânia. A rápida urbanização do Estado, especialmente a partir da década de 1970, realizou-se segundo os processos tradicionais, pelo êxodo rural provocado, entre outros motivos, pela modernização da agricultura e a conseqüente desarticulação dos modos de vida rural em razão da substituição das formas de produção camponesa por formas mais produtivas para o consumo externo. Segundo Estevam (1998:27) "A partir de 1970, com a modernização da agricultura o campo goiano foi esvaziado, a urbanização acelerada e hoje cerca de 85 por cento de seus habitantes residem em cidades".

Pode-se entender essas transformações analisando a emergência do período técnico-científico informacional que transformou a região do cerrado em fronteira agrícola dando nova configuração e fluidez ao espaço regional. Há nesse período uma remodelação nos componentes espaciais, naquilo que Santos (1997) chama de "sistemas de objetos" e "sistemas de ações". O espaço se racionaliza e é subordinado à divisão do trabalho cujo

conteúdo da técnica e da informação ditam as regras, valoram a natureza. Um novo "sistema de ações" envolvendo o Estado e os grupos privados, que por sua vez exige uma nova materialidade, ou seja, um novo "sistema de objetos" para que a reprodução do espaço, especialmente o agrícola, seja rentável.

Em se tratando da urbanização, Santos (1993:58) acrescenta que: "Os decênios mais recentes marcam uma aceleração das taxas de urbanização em todas as regiões, mas sobretudo no Centro-Oeste, que em 1980 (com cerca de 68%) ultrapassa de muito o índice nacional de urbanização (55,9%)". O novo Brasil urbano, o novo Goiás urbano, são realidades novas, gestadas já na década de 1930 com a "Marcha para o Oeste" e a edificação da cidade de Goiânia, continuando na década de 1950 e 1960 com a edificação de Brasília para ser visto com certa surpresa na década que se encerra.

Goiânia transformou-se na segunda cidade mais populosa do Centro-Oeste, a verdadeira metrópole do oeste. Com tudo isso, Goiânia vem apresentando graves problemas sócio-ambientais, como: falta de moradia, desemprego, violência, degradação dos fundos de vale, congestionamentos constantes, falta de uma rede de tratamento de esgoto sanitário. Segundo dados de um Jornal local: "Mais de 90% do esgoto de Goiânia chega aos cursos d'água sem tratamento. As consequências são a morte dos córregos e proliferação de insetos e doenças"(O Popular, Cidades, 12/01/1997). Em se tratando da erosões, Nascimento (1994:78) aponta em seu trabalho que: "Apesar do sítio urbano favorável, do relevo suave, entrecortado por córregos, e de solos argilosos... Goiânia apresenta um número muito grande de boçorocas". A autora nos leva a entender a relação entre a urbanização e a ocorrência das erosões, especialmente na periferia, colocando em risco residência, o patrimônio público e até mesmo vidas.

A solução para esses problemas não podem ser resolvidos separadamente das questões sociais, pois aqueles problemas são antes de tudo sociais, resultantes do processo de acumulação e concentração do capital. Parece, contudo, que não há interesse por parte desse "capital" em resolver os problemas urbanos, pois são eles os problemas que alimentam o capitalismo, que geram a exclusão e as desigualdades sócio-espaciais, como bem demonstra a história de Goiânia, especialmente no que toca à valorização do solo urbano. Essa história aponta que os limites municipais foram e estão sendo rapidamente ocupados por loteamentos privados ou mesmo doações por parte do Estado. A relação

contraditória entre o Estado como elemento regulador do uso do solo e o poder privado em Goiânia foi objeto de estudo de Pastore (1984). Tal relação é caracterizada no estudo referido em três etapas. Na primeira etapa (1933-1950) o destaque é dado à monopolização do solo urbano pelo Estado, tanto através do parcelamento quanto a mercantilização, isso devido, num primeiro momento, à necessidade de recursos complementares para a edificação da nova capital. Na segunda etapa (entre 1950 e 1964) o processo de parcelamento é flexibilizado, permitindo que proprietários das "terras adjacentes" participassem do parcelamento. Segundo consta no Plano de Desenvolvimento Integrado (1991:101):

No período de 1950 a 1964, foram aprovados, sem obedecer a nenhum critério técnico, 183 (cento e oitenta e três) loteamentos. Verifica-se que nesses loteamentos há deficiências de áreas verdes. Poucos possuem tão somente algumas pequenas praças no seu centro. Nesses parcelamentos não foram observadas as faixas de proteção dos córregos.



Na terceira etapa (depois de 1964) pode-se notar que, segundo Pastore (1984:14): "O fim da hegemonia dos proprietários de terra vai situar o parcelamento do solo no município, majoritariamente como atividade clandestina ou irregular". Essa alteração abre a possibilidade para o surgimento de loteamentos clandestinos e mesmo irregulares, já que as normas no que toca à infra-estrutura não são fiscalizadas a contento⁹ coincidindo, ao mesmo tempo, com um aumento significativo na demanda por moradia. Nesse contexto, os problemas da moradia começaram a aparecer, tornando-se comum em certas regiões de Goiânia a ocupação de áreas de proteção ambiental, logradouros públicos e até chegar nos dias de hoje, em que há, na cidade, o caso de uma ponte abrigar mais de duas famílias.¹⁰

São muitos os que dizem que Goiânia nasceu num berço ecológico. Isso não deixa de ser verdade. O cerrado intocado, o Rio Meia Ponte limpo e o Córrego Capim Puba livre para a pesca, demonstravam o ambiente equilibrado e saudável do sítio original da cidade, o que não podia ser diferente, dado que este constituía-se, praticamente, de uma primeira natureza. Ocorreu que tudo mudou desde então. O próprio Córrego Capim Puba, relatado

⁹ Para um maior detalhamento no que se refere ao conjunto das Leis de uso e ocupação do solo em Goiânia consultar: GONÇALVES (1984).

¹⁰ Na realidade são dez famílias morando sob a ponte do Ribeirão João Leite, responsável pelo abastecimento de água de mais de 50% da população da capital. (O Popular, Cidades, 01/10/1999).

60

com nostalgia em uma das crônicas de Gomes (1997) não é mais o mesmo. Para trás ficou o tempo em que se podia pescar, como relatou Gomes, lambarizão, bagre e mandi.

Os predados do referido córrego, pelo menos por alguns dias, por ironia do destino, parecem ter sido recuperados. No dia 25 de março de 1997, O Jornal *O Popular* (Cidades, p. 6B) trouxe a seguinte manchete: "Enchentes restituem vida ao Capim Puba". De um dia para o outro, jacarés, aves, cágados e até caranhas surgiram no córrego. Um dos moradores relatou ao Jornal: "Meu vizinho, por exemplo, conseguiu pegar quase vinte [caranhas] e as vendeu para um bar fazer tira-gosto". A questão é que dias atrás do ocorrido houve uma forte chuva e por consequência, devido ao forte escoamento pluvial resultante da crescente impermeabilização e declividade da região Oeste da cidade, uma enchente trouxe os animais da nascente, onde se localiza o Jardim Zoológico, para aquele local. Tudo não passou de um mal entendido. Aqueles "seres primitivos", verdadeiros "alienígenas", não são compatíveis com o nosso modelo de desenvolvimento urbano, com a condição de metrópole do oeste.

São fatos como esses que contribuem para a construção do urbano. Relatos simples e rotineiros que não encontram lugar na rígida cronologia histórica. Contudo nos ensinam, às vezes, mais do que as grandes narrativas, ou mesmo dão significado diferentes às narrativas. Talvez a história do urbano comece justamente aí: na possibilidade de encontrar no cotidiano citadino as respostas possíveis para os problemas reais. Afinal é no cotidiano citadino que construímos e reconstruímos nossas representações sobre a cidade, formulamos nossas imagens e nossos discursos, a partir de outros discursos e outras imagens, nem sempre inocentes, nem sempre verdadeiros.

Tanto no primeiro quanto no segundo capítulo procuramos estabelecer relações entre os discursos e as imagens da cidade. O discurso ecológico, o discurso das flores, o discurso da modernidade, entre outros, todos procurando cristalizar uma imagem positiva apesar das contradições apontadas. Por esse caminho verifica-se que essas imagens foram concebidas a partir de discursos disciplinares e homogeneizadores específicos a cada momento. A imagem foi arbitrária, apesar de ter fundamentado-se em alguns fatos. O cotidiano não foi ouvido. Em se tratando da imagem da cidade é preciso ouvir, ler, decifrar o cotidiano, ou seja, procurar a imagem no cotidiano e não o cotidiano na imagem. Essa é a nossa tarefa no capítulo terceiro.

1 - Procurando uma imagem

As coisas consolação é que, se elas não tem lugar real, desbrocham, criando, num espaço maravilhoso e lúcido, abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões florestais, ainda que o acesso à elas seja quimérico.

Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 1992.

O que Foucault escreve ilustra o pensamento desenvolvido até aqui e o que trataremos a partir de agora, especialmente no que se refere à imagem da cidade e ao projeto de modernidade em Goiânia. As avenidas lisas e largas foram sendo preenchidas ao longo dos anos, por veículos autônimos em velocidade sempre decrescente. Os jardins foram abandonados, outros recebem a cada primavera cores diferentes. A cidade vai mudando a cada hora. Novas imagens vão nascendo, muitas vezes independentes dos discursos oficiais, nos lugares mais remotos da cidade. Procurar uma imagem é o que faremos neste capítulo.



Em decorrência do Seminário Goiânia-2000, promovido pela Câmara Municipal de Goiânia em julho de 1992 (PMG-1992), para discutir o planejamento e o futuro da cidade, foi realizada uma consulta popular com a participação de 4774 pessoas entrevistadas em diversos locais públicos na cidade. A consulta, que teve como título "A cidade que queremos", foi a de integrar a comunidade no processo de planejamento.

CAPÍTULO III

Alguns dos resultados foram os seguintes:

QUADRO 01

PRINCIPAIS PROBLEMAS DA CIDADE DE GOIÂNIA (% PESSOAS CONSULTADAS)	
EDUCAÇÃO	31,12%
TRABALHO	13,75%
SEGURANÇA	12,10%

QUADRO 02

PRINCIPAIS PONTOS POSITIVOS DA CIDADE DE GOIÂNIA	
PARKS, ÁREAS VERDES E LOCAIS DE LAZER	32,06%
HOSPITALIDADE, CIDADE AGRAVÁVEL	21,36%
PRACAS, AJARDINAMENTO E ARBORIZAÇÃO	16,13%

Pode-se observar nos resultados da consulta questões relativas aos pontos positivos e negativos da cidade. Os pontos positivos estão relacionados a uma certa concepção de qualidade de vida onde o "verde" aparece como elemento fundamental na positividade da imagem, uma espécie de virtude intrínseca da cidade. As questões negativas giram em

1 – Procurando uma imagem

As utopias consolam: é que, se elas não tem lugar real, desabroçam, contudo, num espaço maravilhoso e liso; abrem cidades com vastas avenidas, jardins bem plantados, regiões fáceis, ainda que o acesso a elas seja quimérico.

Michel Foucault, *As palavras e as coisas*, 1992.

O que Foucault escreve ilustra o pensamento desenvolvido até aqui e o que trataremos a partir de agora, especialmente no que se refere à imagem da cidade e ao projeto da modernidade em Goiânia. As avenidas lisas e largas foram sendo preenchidas, ao longo dos anos, por veículos automotores em velocidade sempre decrescente. Alguns jardins foram abandonados, outros recebem a cada primavera cores diferentes. Assim a cidade vai mudando a cada hora. Novas imagens vão nascendo, muitas vezes independentes dos discursos oficiais, nos lugares mais remotos da cidade. Procurar essas imagens é o que faremos neste capítulo.

Em decorrência do Seminário Goiânia-2000, promovido pela Câmara Municipal de Goiânia em julho de 1992 (PDIG:1992), para discutir o planejamento e o futuro da cidade, foi realizada uma consulta popular com a participação de 4774 pessoas entrevistadas em diversos locais públicos na cidade de Goiânia. O objetivo da consulta, que teve como título “A cidade que queremos”, foi o de integrar a comunidade no processo de planejamento. Alguns dos resultados foram os seguintes:

QUADRO 01

PRINCIPAIS PROBLEMAS DA CIDADE DE GOIÂNIA (% PESSOAS CONSULTADAS)	
EDUCAÇÃO	31,12%
TRABALHO	13,95%
SEGURANÇA	12,10%

QUADRO 02

PRINCIPAIS PONTOS POSITIVOS DA CIDADE DE GOIÂNIA	
PARQUES, ÁREAS VERDES E LOCAIS DE LAZER	32,06%
HOSPITALIDADE, CIDADE AGRAVÁVEL	21,36%
PRAÇAS, AJARDINAMENTO E ARBORIZAÇÃO	16,13%

Pode-se observar nos resultados da consulta questões relativas aos pontos positivos e negativos da cidade. Os pontos positivos estão relacionados a uma certa concepção de qualidade de vida onde o “verde” aparece como elemento fundamental na positividade da imagem, uma espécie de virtude intrínseca da cidade. As questões negativas giram em

torno de problemas estruturais como educação e trabalho. Seria necessário uma análise mais profunda não só dos resultados como também da metodologia da referida consulta para observações mais depuradas, o que foge aos nossos propósitos. A consulta foi utilizada nesse estudo somente para ilustrar uma certa "preocupação" dos legisladores com a imagem que os habitantes fazem da cidade e como eles encaram seus problemas.

A imagem de uma cidade por parte dos habitantes, tanto positiva quanto negativa, pressupõe uma certa homogeneidade dos olhares sobre a cidade. Ela é construída nas representações individuais e de grupo. Uma espécie de totalidade possível em meio ao espaço da diversidade, como bem demonstrou, apesar dos limites, a consulta encomendada pela Câmara Municipal de Goiânia. Nada é igual na cidade. Podemos dizer que quanto maior a cidade maior será a diversidade de suas formas, estruturas, funções etc. Também será mais vasta a experiência que se dará com os deslocamentos espaciais. O que faz com que a possibilidade de experienciar a cidade por completo diminua na proporção em que esta cresce, tornando-se mais complexa. A escala da experiência nunca abarcará por completo uma cidade como Goiânia com seus mais de trezentos bairros e milhares de ruas que mudam a cada momento deixando quando muito cicatrizes do que foram tempos atrás.

Conforme Ladrière (1979:167):

A apreensão de um cidade é sempre incerta, incompleta, exploratória e nunca acabamos de explorar uma cidade, mesmo quando há muito a habitamos. Há os bairros, que nos são familiares, aqueles que conhecemos todas as pedras, todos os pavimentos, todas as portas, todas as casas; mas há também os bairros longínquos que figuramos como inacessíveis, que permanecem misteriosos, um pouco inquietantes, carregados de sombra e de mistério.

Por essas reflexões chegamos à conclusão de que a apreensão total da cidade é impossível. Por outro lado essa impossibilidade não nos impede de formular uma imagem que nos remete a pensar nessa totalidade a que chamamos de cidade. Pensar essa totalidade significa estabelecer ligações entre a cidade e o lugar, enxergando nesse último (no lugar¹) as contradições da cidade. Essa cidade, enquanto totalidade, segundo Ladrière (1979:171),

¹ CARLOS (1996) propõe uma análise dialética da relação entre o lugar e a metrópole. Ao entender o lugar enquanto espaço vivido, não podemos esquecer da sua relação com a própria cidade, especialmente a metrópole, o que implica, necessariamente, considerar as relações sociais e não se entregar às análises simplistas.

“Só pode aparecer-nos em um lugar não traçado no solo, em um lugar fora da visão perceptiva, invisível; é este lugar invisível que chamamos de imaginário”. Totalidade que pode apresentar-se como “cidade ecologicamente correta” ou mesmo “cidade das flores”, dependendo do ponto de vista. Na realidade uma totalidade não exclui a outra. O que importa na realidade é saber o que esta por trás dessa totalidade que nos aparece enquanto imagem, suas contradições e as misérias que ela pode camuflar.

Para Lynch (1980:16) a imagem da cidade ou mesmo ambiente é resultado de um processo bilateral entre o observador e o meio. É resultado de uma construção que nasce no imaginário e na (com)vivência de cada indivíduo. Devemos considerar que essa imagem também é influenciada pelo meio material, já que as representações que fazemos do mundo, do entorno, a nossa linguagem, bem como nossas concepções políticas estão estreitamente ligadas à nossa existência material.² A própria consciência, assim como a linguagem, são determinadas pela condição material, por isso não estão isentas da ideologia, como demonstraram Marx & Engels na Ideologia Alemã.

Há várias formas de se avaliar a imagem da cidade. A nossa opção foi a de relacionar a imagem da cidade à escala da experiência urbana a partir dos deslocamentos espaciais rotineiros de grupos³ de freqüentadores de dois parques municipais em Goiânia. Sabe-se que Goiânia foi concebida no seu plano original com amplos espaços destinados ao ajardinamento e praças arborizadas. Ao longo dos anos a cidade foi perdendo tal característica e o resgate dos parques, pela sua relação direta com a questão ambiental, tornou-se objeto de atenção especial por parte do Poder Público municipal, já que sua existência foi e vem sendo colocada em risco.

Atualmente Goiânia possui trinta e duas unidades de conservação⁴, entre parques e áreas verdes, previstas no Plano de Desenvolvimento Integrado de Goiânia - PDIG - 2000.

Entende-se como unidades de conservação as áreas verdes com dimensões significativas para preservação

² Sobre a relação existente entre a linguagem e as formas de existência social numa perspectiva marxista consultar: BAKHTIN (1995).

³ Quando utilizamos a palavra grupo estamos nos referindo exclusivamente aos freqüentadores entrevistados. A palavra grupo não está relacionada a um recorte que busque sustentação em alguns critérios como idade, sexo, grau de instrução ou mesmo condição econômica. Portanto o que classifica os entrevistados enquanto grupo é o fato de freqüentarem os parques selecionados para a pesquisa.

⁴ As unidades de conservação estão distribuídas da seguinte forma: Bosques (17); Parques (09); Reservas (03) e mais a mata do Jardim Curitiba, o Jardim Botânico e a nascente do Vaca Brava (atualmente Parque Vaca Brava). Fonte: IPLAN. *Unidades de conservação*. Levantamento de dados - PDIG - 2000. Goiânia, 1991.

ambiental. Essas áreas foram agrupadas em categorias conforme foram criadas no plano urbanístico original e nos projetos de parcelamento:

1ª Categoria - São áreas históricas de Reserva Florestal, Bosque e Parques do plano original.

2ª Categoria - São as áreas de Reserva Florestal, bosque e Parques já existentes e considerados por Lei no ato do parcelamento.

3ª Categoria - São áreas de Bosques e Parques criadas no projeto de parcelamento, sem cobertura vegetal que as caracterize (IPLAN:1991).

As unidades de conservação estão distribuídas em vários bairros da cidade de Goiânia. Segundo atesta um jornal local: "Mais de 68% das reservas ambientais de Goiânia sequer tem projetos de implantação concluídos e sofrem com lixo e contaminação"(O Popular, Cidades, 16/02/1997. p. 4B), o pode ser verificado no diagnóstico realizado pelo IPLAN (1991), onde verificou-se que a maioria das unidades de conservação carecem de fiscalização ostensiva para evitar as depredações que vão desde a retirada de madeira até o lixo e entulho que é depositado. Faltam também recursos que viabilizem a realização de planos de manejo, uma vez que são poucas as unidades que foram objeto de estudo detalhado por parte do Poder Público municipal. Também podemos observar uma prática diferenciada em relação ao trato dos problemas ambientais dessas unidades de conservação por parte das gestões municipais e da própria população. Geralmente nas áreas mais afastadas do centro, na periferia propriamente dita, é onde os investimentos em termos de recursos são menores. A própria atenção destinada aos parques mais afastados do centro é menor, eles não são vistos como prioridades, talvez por não constarem nos catálogos turísticos que insistem em representar uma determinada imagem de Goiânia.

Esses parques constituem-se em locais públicos de encontro da comunidade, que não se restringe à esse ou aquele bairro, a essa ou aquela faixa etária de idade. A origem dos parques enquanto espaços públicos no ocidente, especialmente na Europa, nos remete aos séculos XVI e XVIII. Para Segawa (1996:29): "O jardim e o parque público são criações marcantes na urbanização européia a partir do século 16". Ao observar a origem dos parques na Inglaterra, por volta do século X, Willians(1989) aponta que seu nascimento esteve relacionado aos palácios rurais e às reservas de caça, atentando para o fato do aumento significativo destes já nos séculos XVI e XVII. Por outra ótica, Sennet(1998)

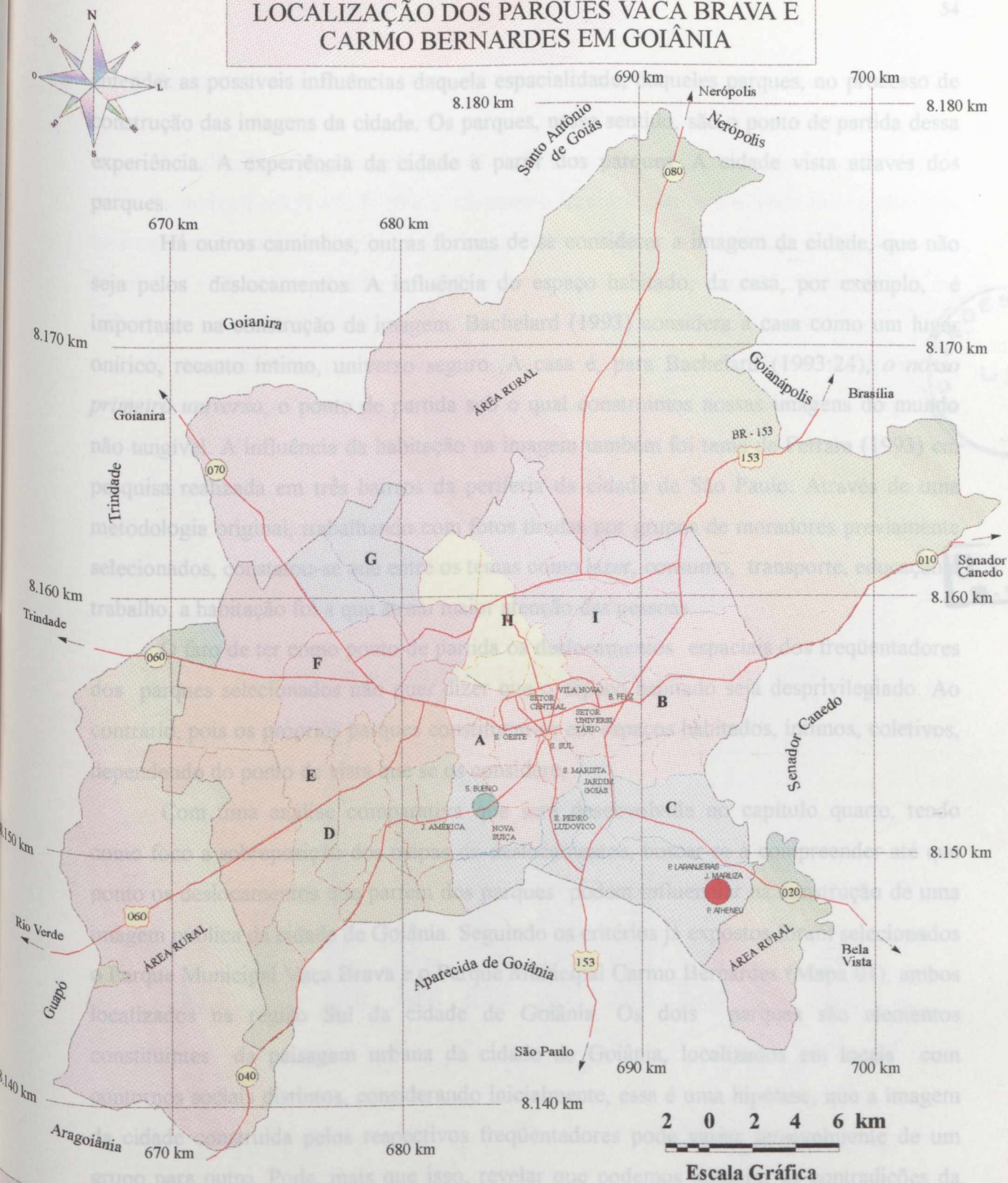
estende suas observações procurando relacionar o surgimento dos parques, especialmente em Paris e Londres, à necessidade de um campo para o nascimento de uma sociabilidade nova, emergente no século XVIII.⁵

O resgate, mesmo que de maneira sintética, do surgimento dos parques atende aos propósitos dessa pesquisa, uma vez que elegemos dois parques como pontos de estudo, a partir dos quais analisaremos o processo de construção da imagem da cidade tendo como ponto de partida as práticas cotidianas. A escolha desses parques levou em consideração três pontos: 1) o distanciamento entre os parques. Partimos da hipótese de que a proximidade e / ou distância dos parques selecionados poderia influenciar na escala da experiência urbana, por isso optamos pela escolha de parques situados em bairros diferentes. 2) A interferência, em maior ou menor grau, do Poder Público municipal nos parques. Segundo o critério de distanciamento entre os parques que pode ser melhor visualizado no Mapa 01 (página seguinte) chegamos ao entendimento de que a ação do Poder Público municipal varia num raio que vai das áreas centrais da cidade para a periferia, ou seja, quanto mais distanciado o parque menos investimentos públicos ele recebe. E daí chegamos ao terceiro ponto. 3) A condição sócio econômica dos frequentadores. O terceiro critério tem relação direta com os outros dois na proporção em que a população residente nos bairros vizinhos aos dois parques selecionados não tem o mesmo padrão de vida, o que nos faz pensar na relação entre a população heterogênea residente e os parques selecionados.

Nas entrevistas realizadas com grupos de frequentadores, que versaram sobre as experiências pessoais com os parques e a cidade, procuramos estabelecer relações que pudessem justificar os possíveis motivos de uma imagem positiva ou mesmo negativa da cidade. O que chamamos de experiência espacial é tanto os deslocamentos diários, rotineiros, do dia a dia como os deslocamentos esporádicos, numa escala de tempo maior. As relações pessoais entre os frequentadores e os parques também são entendidas enquanto experiências espaciais. A intenção é visualizar essa experiência espacial, os deslocamentos, relacionando-os à configuração da paisagem percebida, buscando com isso

⁵ Em se tratando do surgimento dos parques no Brasil, precisamos nos reportar aos séculos XVIII e fazer a relação entre a política colonial portuguesa e o aparecimento da mentalidade racionalista, onde as ciências naturais foram valorizadas. Data desse período o aparecimento do primeiro jardim botânico no Brasil. Sobre este tema consultar SEGAWA (1996).

LOCALIZAÇÃO DOS PARQUES VACA BRAVA E CARMO BERNARDES EM GOIÂNIA



LEGENDA

Regionalização da zona urbana de Goiânia

- | | | |
|------------------------|-------------------|---------------------|
| A Região Central | D Região Sudoeste | G Região Noroeste |
| B Região Leste | E Região Oeste | H Região Norte |
| C Região Sul | F Região Mendaña | I Região Meia Ponte |
| Parque Vaca Brava | Área Rural | Estrada Federal |
| Parque Carmo Bernardes | | Estrada Estadual |

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
e Instituto de Planejamento Municipal (IPLAN)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFG

INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

IESA

Mestrado em Geografia

Orientadora:

Lana de Souza Cavalcanti

Orientando:

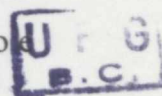
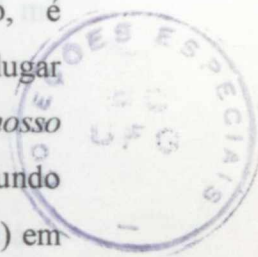
Tadeu Pereira Alencar Arrais

entender as possíveis influências daquela espacialidade, daqueles parques, no processo de construção das imagens da cidade. Os parques, nesse sentido, são o ponto de partida dessa experiência. A experiência da cidade a partir dos parques. A cidade vista através dos parques.

Há outros caminhos, outras formas de se considerar a imagem da cidade, que não seja pelos deslocamentos. A influência do espaço habitado, da casa, por exemplo, é importante na construção da imagem. Bachelard (1993) considera a casa como um lugar onírico, recanto íntimo, universo seguro. A casa é, para Bachelard (1993:24), *o nosso primeiro universo*, o ponto de partida sob o qual construímos nossas imagens do mundo não tangível. A influência da habitação na imagem também foi tema de Ferrara (1993) em pesquisa realizada em três bairros da periferia da cidade de São Paulo. Através de uma metodologia original, trabalhando com fotos tiradas por grupos de moradores previamente selecionados, constatou-se que entre os temas como lazer, consumo, transporte, educação e trabalho, a habitação foi a que atraiu maior atenção das pessoas.

O fato de ter como ponto de partida os deslocamentos espaciais dos freqüentadores dos parques selecionados não quer dizer que o espaço habitado seja desprivilegiado. Ao contrário, pois os próprios parques constituem-se em espaços habitados, íntimos, coletivos, dependendo do ponto de vista que se os considere.

Com uma análise comparativa que será desenvolvida no capítulo quarto, tendo como foco a sobreposição dos mapas de deslocamentos, buscar-se-á compreender até que ponto os deslocamentos que partem dos parques podem influenciar na construção de uma imagem pública da cidade de Goiânia. Seguindo os critérios já expostos foram selecionados o Parque Municipal Vaca Brava e o Parque Municipal Carmo Bernardes (Mapa 01), ambos localizados na região Sul da cidade de Goiânia. Os dois parques são elementos constituintes da paisagem urbana da cidade de Goiânia, localizados em locais com contornos sociais distintos, considerando inicialmente, essa é uma hipótese, que a imagem da cidade construída pelos respectivos freqüentadores pode variar sensivelmente de um grupo para outro. Pode, mais que isso, revelar que podemos procurar as contradições da produção do espaço urbano na própria imagem da cidade.

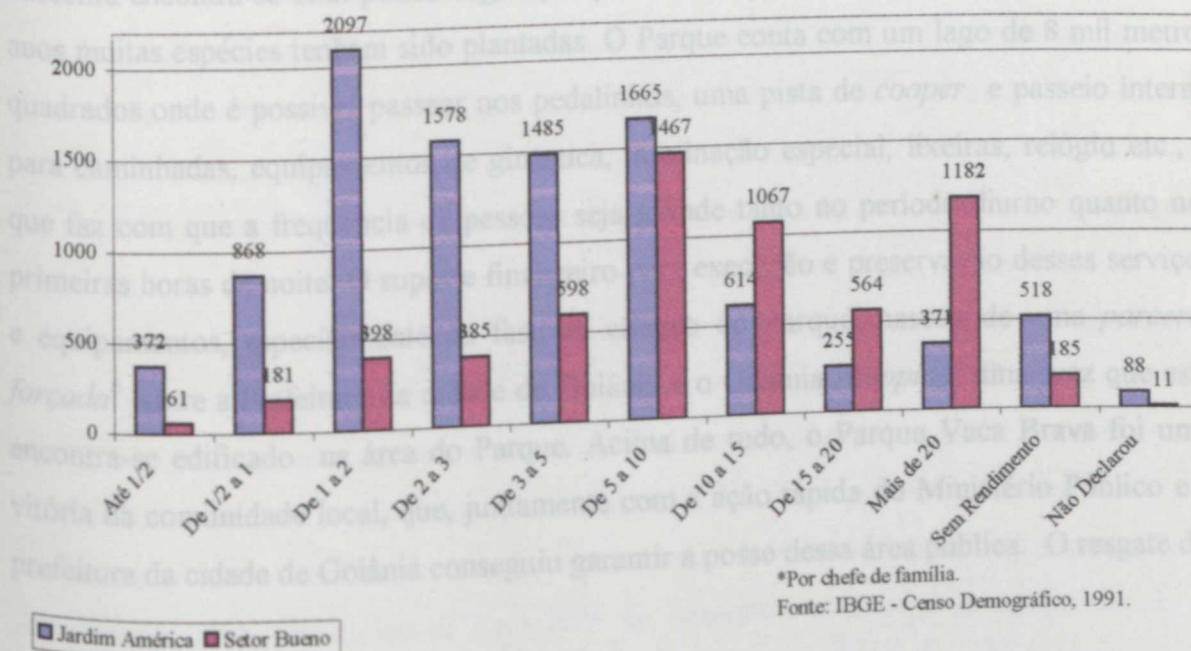


2 – O Parque Municipal Vaca Brava

Localizado na região Sul de Goiânia, o Parque Vaca Brava encontra-se delimitado pelas Avenidas T-03, T-05, T-10 e T-15, entre o Jardim América e o Setor Bueno, dois dos bairros mais populosos do município. Segundo levantamento do Instituto de Planejamento Municipal (IPLAN) realizado em 1996, esses bairros contam com 39.392 e 29.962 mil habitantes, respectivamente. Quando observada a densidade demográfica em alqueire temos mais de sessenta e uma pessoas para o Jardim América e aproximadamente setenta e duas para o Setor Bueno, o que torna este último, devido à intensa verticalização, o bairro mais povoado da cidade de Goiânia. Observando os rendimentos médios mensais em salário mínimo por chefe de família dos moradores dos dois bairros, nota-se uma diferença grande em favor do Setor Bueno em termos de rendimento, como pode ser visualizado no gráfico a seguir.

GRÁFICO 02

CLASSE DE RENDIMENTO MÉDIO MENSAL (EM S.M)*



O Parque Municipal Vaca Brava, pela sua história peculiar, é a expressão clara da transformação do espaço urbano em mercadoria. Sua construção implicou em conflitos

entre os agentes produtores do espaço urbano, entre eles o Estado, os proprietários dos meios de produção e os promotores imobiliários. Esses conflitos que envolveram desde a “fraude de mapas” até disputas judiciais entre o Ministério Público e grupos privados, são analisados por Martins Júnior (1996) de maneira bastante ilustrativa, tendo como suporte uma farta documentação. O fato é que segundo Martins Júnior (1996:18):

Hoje o Parque Vaca Brava está garantido. A Secretaria Municipal do Meio Ambiente obteve sentença do juiz Geraldo Salvador de Moura, para recuperar a nascente do Córrego do mesmo nome, enquanto área de proteção ambiental, criada pela Lei nº7091/92. Além disso, ficou provado, através de perícia criminalística do perito Paulo César de Menezes Póvoa, que o Vaca Brava foi loteado através de uma fraude no mapa do setor Bueno, pela inscrição da palavra ‘particular’ na área do parque. O Ministério Público ajuizou ação civil pública, para anular o registro e a escritura da área, devolvendo-a ao domínio público.



Criado pelo Decreto Lei 2041/93 o Parque compreende uma área de 77.760m². Inaugurado em 1995, o Parque foi construído na nascente do Córrego Vaca Brava, área de fundos de vale, como está definido na Carta de Risco da cidade de Goiânia. A área da nascente encontra-se com pouca vegetação primitiva, muito embora ao longo dos últimos anos muitas espécies tenham sido plantadas. O Parque conta com um lago de 8 mil metros quadrados onde é possível passear nos pedalinhos, uma pista de *cooper* e passeio interno para caminhadas, equipamentos de ginástica, iluminação especial, lixeiras, relógio etc., o que faz com que a frequência de pessoas seja grande tanto no período diurno quanto nas primeiras horas da noite. O suporte financeiro para execução e preservação desses serviços e equipamentos, especialmente na fase de criação do Parque, nasceu de uma *parceria forçada*⁶ entre a Prefeitura da cidade de Goiânia e o Goiânia shopping, uma vez que este encontra-se edificado na área do Parque. Acima de tudo, o Parque Vaca Brava foi uma vitória da comunidade local, que, juntamente com a ação rápida do Ministério Público e a prefeitura da cidade de Goiânia conseguiu garantir a posse dessa área pública. O resgate do

dessa perspectiva, transforma-se num bem de consumo. O desejo de aproximar-se da natureza, mas não tanto para se afastar dos prazeres oferecidos pela vida urbana, é ali materializado. No Parque Vaca Brava, utilizando-se de uma expressão de Pietra Costa

⁶ Segundo nos relatou o Secretário Municipal do Meio Ambiente (gestão 1993/1997): “O Goiânia shopping foi condenado a indenizar o impacto ambiental por estar dentro do parque. Nesse procedimento o shopping financiou 90% das obras”. Na estimativa do Secretário foram gastos aproximadamente 1 milhão de reais.

(1986:56): “Consumimos a tranquilidade, que mesmo ilusória nos põe distante do mundo real”. É o que se chama de simulacro⁸. Ou se quisermos utilizar outro termo para estendermos ao nível da experiência cotidiana, podemos dizer que é a expressão de uma “hiperrealidade” (Eco:1984), o real trabalhado, sem defeitos, materialização do desejo por um mundo prático, onde tudo é possível, inclusive reproduzir o bucólico em meio à agitação da grande cidade.

2.1 - Quem vai ao Parque

O Parque Vaca Brava é um dos lugares mais freqüentados da cidade de Goiânia. Dois fatores, em especial, contribuem para que isso ocorra. O primeiro resulta do fato de estar localizado na região mais povoada da cidade. O segundo se refere aos equipamentos de lazer encontrados no Parque, como também um *shopping centers* – Goiânia *shopping* localizado na área do Parque. Nas entrevistas para este estudo, ao todo setenta e três, em dias e horários diferentes durante o mês de fevereiro de 1999 pudemos constatar que a maioria das pessoas que freqüentam o Parque moram nas suas imediações, no Setor Bueno (43%) e no Jardim América (16%), ou mesmo em setores bem próximos, como é o caso do Bairro Nova Suíça (5%) e o Setor Marista (5%). O Parque também é freqüentado por pessoas que moram em bairros mais distantes, como é caso do Parque das Laranjeiras localizado na região Sul da cidade e da Vila Moraes, localizada na região Leste, entre tantos outros. Essa heterogeneidade não se refere somente aos locais de residência, mas também à idade e nível sócio cultural.

Considerando os freqüentadores entrevistados, foi possível encontrar, especialmente no período que vai das 17:00 às 20:00h, pessoas das mais variadas idades. Para se ter uma idéia, para fins demonstrativos, constatamos que 28% dos freqüentadores consultados possuem entre dez e dezenove anos de idade; 31% de vinte a trinta; 15% de trinta e um a quarenta; 17% de quarenta e um a cinquenta e cinco; e 9% acima de cinquenta e cinco

⁷ “A amostra foi composta de 207 entrevistas estratificadas por cotas proporcionais de sexo, idade e classe social. Desenvolveu-se o trabalho junto a toda população maior de 18 anos, residentes na área urbana de Goiânia, pertencentes às classes sociais A-B (critério AB/Anep)”. In: Pop List. O Popular 1/11/1998.

⁸ O conceito de simulacro esta relacionado à relação entre a realidade e sua representação por meios técnicos, ou seja, a reprodução mais que perfeita, a imagem. O simulacro, segundo SANTOS (1986:12): “fabrica um hiper-real, espetacular, um real mais que real e mais interessante que a própria realidade”.



anos de idade. No tocante ao grau de instrução constatamos que 35% dos entrevistados estão cursando ou terminaram o terceiro grau. Foi possível encontrar profissionais liberais como: professores, advogados, geógrafos, engenheiro, assistente social, dentre outros. De todos os entrevistados 47% estão cursando ou terminando o segundo grau. O cuidado com tais números é necessário, pois eles não estabelecem uma relação visível entre a idade e o grau de instrução. Pouco revelador é o fato de 19% dos freqüentadores terem concluído ou estarem cursando o primeiro grau. A informação seria incompleta se não revelasse que 8% deste universo compõem-se de crianças com idade entre nove e quinze anos. Apesar dos limites que os números nos impõem é possível verificar que os freqüentadores do Parque, especialmente os que moram nas suas imediações, possuem um bom padrão de vida e grau de instrução, fato que pôde ser comprovado em pesquisa anterior realizada por Oliveira (1998).

Essa diversidade de idades e condição social refletem no padrão de comportamento e nas atividades desenvolvidas no Parque. Foi possível notar, depois de algumas visitas, que o espaço é negociado em função das territorialidades, ou seja, tendo em vista as relações de identidade entre os grupos e o espaço, em determinadas horas do dia. Certos grupos apropriam-se de determinados espaços do Parque e os transformam em territórios, com suas senhas e ritmos próprios, especialmente os jovens. Um estudo cujo foco fosse a construção de territorialidades verificaria a existência de muitos parques dentro do Parque. O Parque das mães que levam os filhos para passear ao cair da tarde. O Parque de alguns jovens que reúnem-se para cantar, fumar e beber vinho barato. O Parque dos idosos que em suas caminhadas diárias vêem o contraste entre o ritmo lento dos seus passos e a velocidade dos jovens praticando *cooper*.

2.2 - O que fazem no Parque

A princípio, como já anotamos, os parques constituem-se de locais (verdadeiros refúgios) cuja presença do “verde” e da tranquilidade contrasta com a paisagem edificada da cidade. Os parques, antes de tudo, são lugares privilegiados na cidade. Lugares onde a sociabilidade se dá de forma diferente, onde o encontro acontece de modo distinto e a possibilidade de romper com o cotidiano, em alguns momentos, é maior. Nesses locais a

busca do “lazer” parece regra. Mas o que é lazer? Lefebvre (1991), ao comentar o tipo de lazer da sociedade moderna, sociedade de consumo dirigido, relaciona-o à um tipo específico de consumo de lugar. O próprio lazer torna-se consumo, fato que pode ser comprovado no Parque Vaca Brava. Aquela premissa anterior que procurava diferenciar os parques como lugares distintos, em tempo e ritmo, do resto da cidade, em se tratando do Parque Vaca Brava deve ser vista com atenção. É que em determinados momentos o ritmo desse Parque confunde-se com o ritmo da cidade. O que pode parecer óbvio pois o Parque é parte da cidade. Esse ritmo, essa velocidade a que o Parque está sujeito deve-se à sua localização, pois este encontra-se literalmente ilhado por avenidas e ruas cujo tráfego de veículos é intenso. Também há o ritmo das pessoas. Essas parecem obedecer a princípios variados. Tudo indica que o ritmo está relacionado aos vários tipos de atividades desenvolvidas no Parque.



FOTO 2 – PASSEIO TRANQUILO NO P.V.B. – AO FUNDO O GOIÂNIA SHOPPING

2.3 - Como vêm o Parque

Dentre as atividades desenvolvidas pelos frequentadores do Parque, a caminhada, o *cooper* e a ginástica estão entre as preferidas (51%). A busca do Parque com a finalidade do lazer foi lembrada por 28% do frequentadores entrevistados. Necessário se faz considerar que todas essas atividades podem ser entendidas como lazer, especialmente pelos moradores dos bairros mais próximos onde o meio de sociabilidade mais comum, em especial para as crianças, se restringe aos condomínios verticais, já que a rua, espaço

coletivo por excelência, está ocupada por veículos automotores. Outras atividades que incluem passear com as crianças, “paquerar”, pedalar, passear com o cachorro, não estão dissociadas das primeiras. O que há na realidade é uma inflação de atividades. É possível correr, fazer ginástica, beber uma água de coco, observar os animais, comer pipoca etc., num mesmo dia. Tudo isso torna o ritmo do Parque veloz, especialmente nos finais das tardes e finais de semana. À revelia do ritmo veloz pode-se encontrar, especialmente nas manhãs de sábado, pessoas idosas caminhando tranquilamente, desfrutando de um silêncio admirável já que o *shopping* ainda não abriu suas portas eletrônicas e iniciou suas atividades recreativas; os vendedores ambulantes ainda não chegaram e os bares, nesse horário, permanecem fechados. Estando afastada a possibilidade do ritmo veloz o Parque volta a ser o parque. Um lugar tranquilo onde é possível se dedicar a uma boa leitura.



FOTO 3 – O P.V.B. VISTO DO GOIÂNIA SHOPPING

2.3 - Como vêem o Parque

Quem vai ao Parque Vaca Brava pela primeira vez fica impressionado com aquela paisagem incrustada entre os prédios. Mas quem vai ao Parque pela primeira vez é incapaz de perceber o que o Parque realmente é. A aparente homogeneidade dificulta a análise. Para conhecer o Parque é preciso ser paciente. É preciso saber o que as pessoas procuram e o que rejeitam no Parque. Partindo dessa premissa perguntamos às pessoas o que mais lhes

chamava a atenção no Parque (algumas pessoas indicaram mais de um ponto), com a intenção de estabelecer uma primeira imagem do Parque por parte dos frequentadores. As respostas, apesar de variadas, podem ser agrupadas da seguinte maneira:

QUADRO 03

Nº DE RESPOSTAS POSITIVAS RELACIONADAS AO MEIO AMBIENTE – P.V.B.	
O LAGO	27
O VERDE (ÁRVORES)	17
PAISAGEM (BELEZA)	14
TRANQUILIDADE	13
ANIMAIS	12
NATUREZA	05
AR FRESCO	03

QUADRO 04

Nº DE RESPOSTAS POSITIVAS RELACIONADAS AOS FREQUENTADORES E INFRA ESTRUTURA – P.V.B.	
MOVIMENTO	08
MENINAS BONITAS	06
RAPAZES BONITOS	01
LUGAR BEM FREQUENTADO	01
LIMPEZA	01
URBANIZAÇÃO	01
SEGURANÇA	01
PEDALINHOS	01
SHOPPING	01

QUADRO 05

PONTOS NEGATIVOS - P.V.B.	
SUJEIRA	01
DESTRUIÇÃO	01

Pode-se observar no Quadro 03 que há uma grande incidência de respostas relacionadas às amenidades socialmente criadas no Parque: o lago (lembrados 27 vezes), o verde e as árvores que foram replantadas (lembrados 17 vezes); a paisagem bela (lembrada 14 vezes). Nota-se nas entrevistas que a idéia de paisagem bela está diretamente relacionada ao que poderíamos chamar de simbiose artificial, onde o lago, as árvores e os animais (lembrados 12 vezes), como também as próprias pessoas, estão dispostos como que num quadro (Parque) para a contemplação. A questão da presença dos animais no Parque é interessante. Há muitos patos, garças, pássaros e peixes ornamentais como a carpa vermelha que desperta a atenção especial das crianças. Esses animais, especialmente os patos, estão incorporados à paisagem do Parque. Sua sobrevivência, seu sustento, depende muito da comida que lhes é jogada pelos frequentadores, o que os torna motivo de

preocupação para alguns. Ao reclamar sobre a depredação do Parque pelos “vândalos”, um dos entrevistados, aposentado e freqüentador há mais de três anos, nos relatou que *certa vez viu vândalos levando os ovos dos patos* (Sic.). Além da preocupação com o zelo dos animais, essa reclamação nos leva a considerar a infra-estrutura⁹ do Parque. Observando o Quadro 04 notaremos que as respostas referentes à infra-estrutura como ponto positivo ou mesmo negativo é pequena, talvez por constituir um problema já superado, uma vez que as demandas relativas à infra-estrutura foram contempladas. Outro fato a constatar é que dentre todos os freqüentadores do Parque consultados somente dois responderam a pergunta (o que mais lhe chama a atenção no Parque?) de forma negativa, como mostra o Quadro 05. Um em relação a destruição provocada pelos vândalos e outro em relação à sujeira que amanhece na área interna do Parque, o que demonstra à primeira vista a concepção de uma imagem positiva do Parque.

QUADRO 06

Nº DE RECLAMAÇÕES GERAIS – P.V.B.	
INSEGURANÇA	11
CACHORRO	10
SUJEIRA	06
BANHEIRO	05
CIGARRO / BEBIDA	04
MAU CHEIRO	02
PEDALINHOS	02
CUIDAR DOS BICHOS	02
LIXO	02
BICICLETA	01
CAMINHADA	01
NÃO TEM RECLAMAÇÃO	27

Em relação aos problemas estruturais podemos observá-los com mais clareza no Quadro 06, que apresenta dados sobre reclamações em relação ao Parque. A análise das respostas nos revela um outro Parque. Parques que negam a homogeneidade do primeiro olhar. O primeiro deles é o Parque onde a segurança vigiada e plástica é colocada em xeque pelos assaltantes e “trombadinhas” que agem nas imediações do Parque no início da noite. Os cachorros também despertam medo. Aliás, um tipo específico de cachorro, o *pit bull*. Percebemos em nossas visitas que as pessoas olham com certa desconfiança para os

⁹ É salutar apontar que a infra-estrutura existente no Parque Vaca Brava e os equipamentos de uso coletivo, com exceção das lixeiras que foram trocadas em função da nova logomarca do Governo da Cidade de Goiânia, foram obras da gestão municipal anterior (1993/1996) não havendo ali nenhum acréscimo substancial, além das eventuais manutenções.

jovens que passeiam no interior do Parque com essas “feras”, assustando os freqüentadores e agredindo os animais. Esse comportamento causa um certo desconforto já que a presença de crianças no Parque é grande. Mas nem todos temem os cachorros.



FOTO 4 – CACHORROS NO P.V.B.

Outra questão interessante que está relacionada à segurança surge do fato de certos locais do Parque, segundo alguns relatos, estar sendo utilizados para o consumo de drogas, especialmente a maconha. Somado-se à isso está o fato de o Parque ser utilizado no período noturno e na madrugada como local de encontro de marginais. Em todas as visitas que fizemos na parte da manhã pudemos documentar a destruição: lixeiras danificadas, bancos quebrados, garrafas de bebida na calçada, entre outras. A constatação confirma os depoimentos acerca da necessidade de uma vigilância mais intensiva na região do Parque, como sugeriu um entrevistado, aposentado e freqüentador há mais de três anos do Parque. Segundo ele, é preciso *mais policiamento e tolerância zero* em relação aos vândalos.

As reclamações estão diretamente relacionadas com a idade dos freqüentadores e uma certa intimidade com o Parque, o que pode ser constatado a partir das reclamações sobre a presença dos pedalinhas, lembrados duas vezes. Segundo um estudante de 12 anos de idade, “os pedalinhas tiram o oxigênio dos peixes”. As reclamações são variadas e, no que se refere aos freqüentadores, revelam conflitos nas formas de apropriação do espaço. Desde o lixo jogado no chão à bicicleta que passa veloz na pista interna e até uma

observação nada convencional de uma Senhora de 55 anos que sugeriu que se colocasse “Mão e contra-mão na pista de cooper”, as reclamações são de toda ordem.

Os pontos positivos, assim como as reclamações, estão relacionados com um modo específico de as pessoas vivenciarem o Parque. Essa hipótese é reforçada se analisado o fato de que dos 29 entrevistados que dizem não ter reclamações em relação ao Parque doze o conhecem há menos de um ano e a frequência a ele é irregular; quatro o conhecem há menos de um mês; dois estavam visitando o Parque pela primeira vez; enquanto seis conhecem o Parque há mais de 01 ano e cinco há mais de 02 anos, o que demonstra que as opiniões emitidas variam de acordo com a experiência particular com o Parque.

Apesar das reclamações, as pessoas ainda vêem o Parque como um ambiente bucólico, local aprazível onde se pode descansar e praticar alguma atividade. Isso em meio ao turbilhão da vida urbana parece normal. A imagem do Parque enquanto lugar tranquilo prevalece. O que não poderia ser diferente, até porque a amostra foi composta de pessoas que buscam no Parque a fuga da vida diária, do cotidiano, o que não impede que o próprio estar no Parque tenha se incorporado à essa vida diária, ao cotidiano terrorista.



FOTO 5 – DEPREDACÃO NO P.V.B.

PROSPERIDADE / COMÉRCIO
MULHER BONITA
CIDADE NOVA
CIDADE QUENTE
CASA

05	7%
01	4%
01	4%
02	2%
01	1%
01	1%
01	1%

10 Segundo TIAN (1989:39): “Topofilia é o afeto que a pessoa tem pelo lugar em ambiente físico”.

2.4 – A cidade vista de cá

Na tentativa de buscar uma imagem da cidade de Goiânia a partir dos freqüentadores do Parque Vaca Brava, alguns pontos nos parecem importantes. O primeiro se refere à primeira imagem de súbito que nos vem à cabeça quando nos lembramos ou escutamos o nome da cidade. O segundo aos problemas da cidade. O terceiro à escala da experiência urbana, à exploração da cidade por intermédio dos deslocamentos diários e esporádicos. As relações entre esses três pontos nos parecem importantes, não determinantes, no processo de construção da imagem da cidade. Aquela primeira imagem que se encontra cristalizada no imaginário parece ser influenciada por vários fatores, entre eles a idade, a condição sócio-econômica, as crenças, o espaço vivido, íntimo onde buscamos refúgio do mundo exterior. A imagem, embora influenciada pelo mundo interior, é sempre imagem de um mundo exterior, não tangível, uma espécie de espaço do outro onde o refúgio não é possível. Essa imagem, em se tratando da cidade, se formula a partir de uma topofilia¹⁰ própria onde a percepção sensorial é complementada pela imensa quantidade de informações sobre os recantos mais remotos da cidade. Há uma diferença, para o processo de formulação da imagem, entre saber que os problemas existem e vivenciá-los objetivamente mesmo que seja a partir dos deslocamentos diários, das idas e vindas nos interstícios da cidade. Dessa forma, a cidade é sentida e vista de pontos e perspectivas diferentes. Sabemos que o Parque Vaca Brava é um dos cartões postais da cidade. Mas, como a cidade é vista do Parque? Até que ponto a visão dos problemas e perspectivas da cidade dependem da escala da experiência dos freqüentadores do Parque?

QUADRO 07

PONTOS LEMBRADOS DE GOIÂNIA – P.V.B.	Nº	%
CIDADE BOA PARA MORAR / QUALIDADE DE VIDA	25	35%
CIDADE BONITA / TRANQUILA	17	24%
CIDADE VERDE / ECOLÓGICA	10	14%
CIDADE FLORIDA / MUITOS JARDINS	05	7%
BOATES / BARES / SHOPPINGS	05	7%
MÚSICA SERTANEJA / PROVINCIALISMO	03	4%
PROSPERIDADE / COMÉRCIO	03	4%
MULHER BONITA	02	2%
CIDADE NOVA	01	1%
CIDADE QUENTE	01	1%
CÉSIO	01	1%

¹⁰ Segundo TUAN (1980:05): "Topofilia é o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico".

QUADRO 08

PROBLEMAS DA CIDADE DE GOIÂNIA – P.V.B.	Nº	%
VIOLÊNCIA (FALTA DE SEGURANÇA)	30	41%
TRÂNSITO TUMULTUADO	16	22%
EDUCAÇÃO / SAÚDE / EMPREGO	06	8%
TRANSPORTE COLETIVO	05	7%
FALTA DE CULTURA / OPÇÕES DE LAZER/ SERVIÇOS	05	7%
MENINOS DE RUA	02	3%
CRESCIMENTO ACELERADO	02	3%
LIXO NAS RUAS	02	3%
POLUIÇÃO DOS RIOS	01	1%
PERIFERIA POBRE	01	1%
NÃO RESPONDERAM	03	4%

De um modo geral, podemos dizer que a primeira imagem da cidade está relacionada a fatores positivos ligados às questões ditas ambientais. Prova disso é que 35% dos entrevistados lembraram de Goiânia como uma cidade boa para se viver com qualidade de vida; 24% lembraram de Goiânia como uma cidade bonita e tranquila; 14% atestaram as qualidades ecológicas da cidade e 7% lembraram das flores e jardins. Agrupadas, essas opiniões nos leva ao seguinte dado: 80% dos freqüentadores entrevistados tem uma imagem positiva da cidade. Outras características da cidade também foram lembradas: os bares e os *shopings* por 7% dos entrevistados; a música sertaneja e o provincialismo por 4% dos entrevistados, entre outros pontos como mostra o Quadro 07. No que se refere ao provincialismo e à música sertaneja é interessante reproduzir a opinião de dois freqüentadores. A primeira é a de um estudante de vinte e quatro anos de idade, nascido em Uberaba - MG. Segundo ele: *"Goiânia lembra uma cidade fechada, careta"*. A opinião é compartilhada por uma analista de sistemas de vinte e oito anos de idade, nascida em São Gotardo - MG. Para ela Goiânia *"lembra uma cidade no meio do mato"*. Coincidência ou não os dois freqüentadores tem origem comum, mas as respostas não podem ser consideradas negativas, especialmente se comparadas como a do freqüentador que se lembrou do acidente radioativo em Goiânia.

Dentre os principais problemas da cidade, a violência foi lembrada por 41% dos entrevistados; o trânsito tumultuado por 22%; educação, saúde e falta de emprego por 8%; e transporte coletivo, um dos principais problemas da cidade, por apenas 7%. Esses resultados não causam estranheza mesmo porque cidades médias como Goiânia não estão isentas de problemas estruturais como a violência, o desemprego e a falta de moradia. Basta

abrir um jornal qualquer ou ligar a televisão no noticiário regional para confirmar tal diagnóstico. A violência, entendida enquanto ausência de segurança pública, *está* generalizada, o que desperta medo e preocupação por parte da população.

Duas reclamações nos chamam a atenção pelo perfil dos freqüentadores. A relacionada aos meninos de rua foi lembrada por um funcionário público aposentado. Numa conversa informal ele nos relatou a experiência de ser assaltado por meninos de rua, o que o fez lembrar da violência e dos meninos de rua como problemas efetivos da cidade. A outra reclamação, que está relacionada à existência de uma periferia pobre com “*péssima infra-estrutura*”, foi feita por um professor de Geografia de trinta anos de idade e morador do Setor Sudoeste. Sua opinião foi influenciada pela sua experiência particular da cidade, pelos deslocamentos rumo à periferia da cidade.

Saber o que mais chama a atenção e os principais problemas da cidade seria insuficiente para os propósitos desse estudo, pois este não constitui-se de uma simples consulta popular. Um estudo com pretensões científicas deve ir mais além. A questão passa por relacionar a imagem à experiência espacial da cidade por parte dos freqüentadores do Parque. Para tanto utilizamos a seguinte estratégia. 1 - Pedir que cada entrevistado apontasse cinco locais de Goiânia que costuma freqüentar rotineiramente, durante a semana. Além dos locais, o entrevistado deveria dizer o nome do bairro e os propósitos dos deslocamentos, se a trabalho, estudo, diversão, visita à amigos e parentes etc. 2 - Em seguida foram apontados alguns locais da cidade Goiânia para os freqüentadores dizerem se conheciam ou não. A idéia de conhecer está relacionada à capacidade de deslocar-se até o referido local. A escolha desses locais levou em consideração alguns limites e regiões da cidade como é o caso do Campus II da Universidade Federal de Goiás (região Meia Ponte próxima à saída Norte da cidade de Goiânia); do Conjunto Vera Cruz (região Medanha saída para a cidade de Trindade); do Autodromo Internacional de Goiânia (região Sul); do Buriti Shopping (região Sul limítrofe com o município de Aparecida de Goiânia); da Rodoviária (região Central); da Vila Novo Horizonte (região Sudoeste); da Praça Universitária (região Central); e do Bairro da Vitória¹¹ (região Noroeste) um dos bairros mais pobres da periferia de Goiânia.

¹¹ OLIVEIRA (1999) na sua dissertação de mestrado estudou o processo de exclusão social no referido bairro, tendo como parâmetro o acesso da população aos serviços públicos como coleta de lixo, transporte coletivo, segurança pública etc.

A primeira etapa foi a de determinar os fluxos resultantes dos deslocamentos diários dos frequentadores entrevistados no Parque Vaca Brava. Lembramos que pergunta a partir da qual construímos essa representação foi a seguinte: “Cite cinco lugares em Goiânia você costuma frequentar além do Parque”. Em primeiro lugar ficou o Setor Bueno com setenta e quatro indicações¹². Entre os locais mais frequentados desse Setor, segundo os frequentadores entrevistados, estão os bares, o Goiânia Shopping, as escolas, além de casas de amigos e parentes. O fato de o Setor Bueno estar mais relacionado aos deslocamentos espaciais rotineiros bate com os dados relativos aos locais de residência dos frequentadores entrevistados, já que 43% moram nesse bairro. Isso reforça a idéia da escala intermediária do bairro enquanto local de transição entre o espaço privado e o espaço público. O bairro é, para Certeau (1996:40): “quase por definição, um domínio do ambiente social, pois ele constitui para o usuário uma parcela conhecida do espaço urbano na qual, positiva ou negativamente, ele se sente reconhecido”.

Quando passamos para o segundo bairro mais citado verificamos algo interessante. Muito embora o Jardim Goiás tenha sido citado trinta e cinco vezes ele não figura na lista dos locais de residência dos frequentadores entrevistados. O mesmo acontece com o Setor Oeste e o Setor Central, terceiro e quarto locais mais frequentados respectivamente. No Jardim Goiás encontra-se o Shopping Flamboyant, local mais lembrado desse bairro. Há de se considerar que os deslocamentos para esse local são feitos em função do consumo e do lazer, como demonstra o Quadro 09. No Setor Oeste não é diferente, pois os deslocamentos estão relacionados à grande quantidade de bares e boates. Também são citados no Setor Oeste alguns locais públicos como o Lago das Rosas e o Jardim Zoológico, além das feiras e praças. Já o Setor Central, pela sua própria funcionalidade, difere dos três demais locais, uma vez que a busca pelo centro da cidade gira em torno dos serviços oferecidos, bancos, cartórios, escolas, bem como local de trabalho.

¹² Preferimos utilizar o número de indicações ao invés da porcentagem. Isso porque cada frequentador poderia indicar até cinco lugares, o que dificultaria, desnecessariamente, a visualização e interpretação dos dados obtidos.

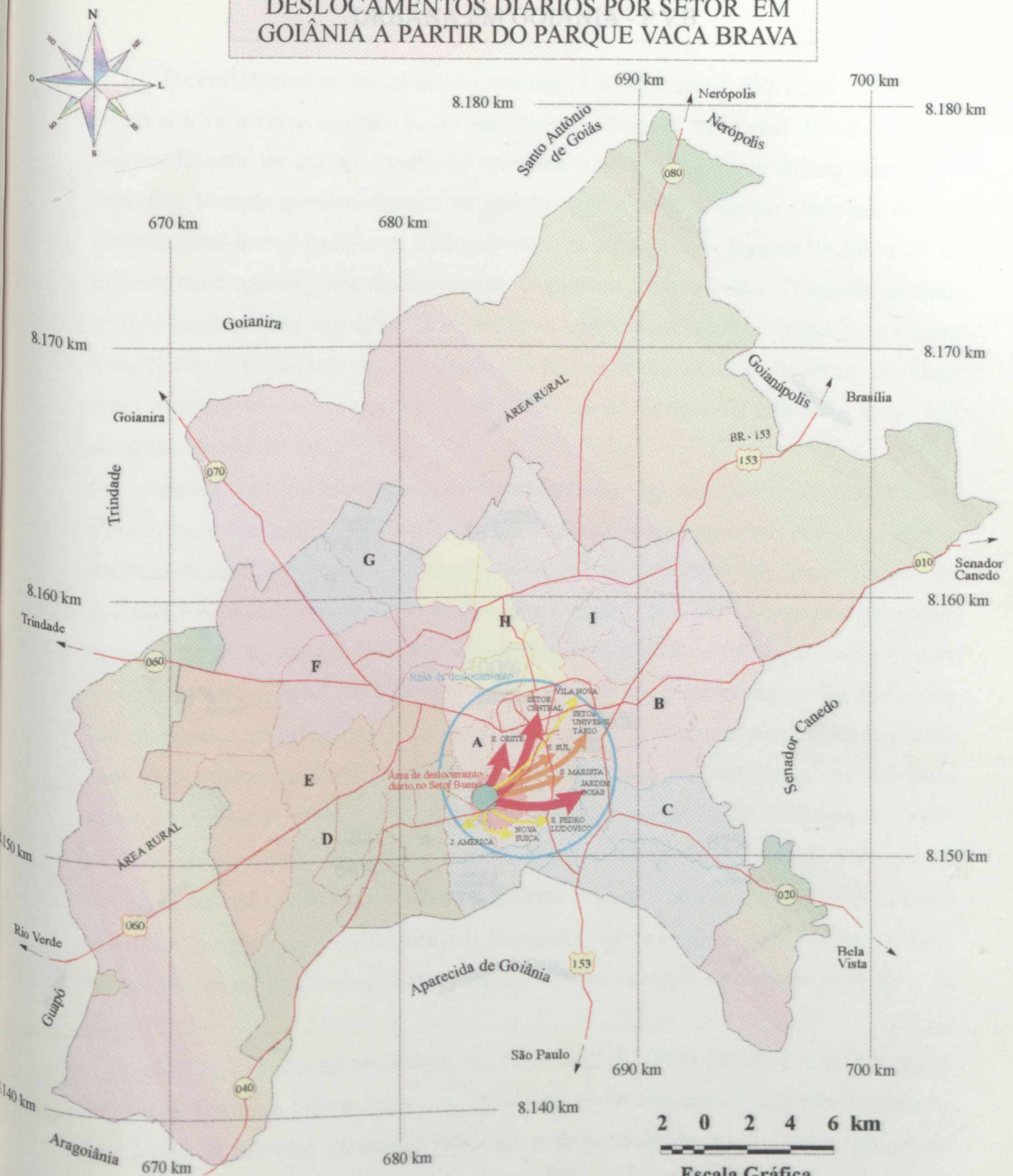
QUADRO 09

DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR BAIRRO E ATIVIDADE – P.V.B.					
Bairro	Região	Trabalho / Escola / Serviços	Diversão	Amigos e Parentes	Total
SETOR BUENO	Sul	24	38	12	74
JARDIM GOIÁS	Sul	01	28	06	35
SETOR OESTE	Central	01	26	03	30
SETOR CENTRAL	Central	15	08	03	26
SETOR MARISTA	Sul	03	07	02	12
SETOR SUL	Central	03	02	06	11
SETOR UNIVERSITÁRIO	Central	06	01	04	11
JARDIM AMÉRICA	Sul	03	--	05	08
SETOR PEDRO LUDOVICO	Sul	02	--	03	05
NOVA SUÍÇA	Central	01	--	03	04
VILA NOVA	Central	02	--	02	04
TOTAL		61	110	49	220

Se levarmos em consideração os quatro primeiros locais citados pelos freqüentadores entrevistados no Parque Vaca Brava verificaremos que o raio médio dos deslocamentos diários é pequeno, envolvendo especialmente as regiões próximas ao Parque, o que limita a possibilidade da percepção mais apurada de outras regiões da cidade, como podemos observar no Mapa 02. Algumas questões devem ser apontadas. A primeira é a relação que existe entre os deslocamentos em busca da diversão e a idade dos freqüentadores entrevistados no Parque. Ao fazermos um cruzamento de dados entre a idade e os três primeiros locais mais citados em termos de diversão constatamos que 53% das trinta e oito pessoas que se deslocam para o Setor Bueno em busca de diversão possuem entre quinze e trinta anos de idade. O mesmo acontece com as vinte e oito pessoas que citaram o Jardim Goiás (mais precisamente o *Shopping Flamboyant* já que o Estádio Serra Dourada foi citado apenas uma vez) com 47% e o Setor Oeste onde 50% das vinte e seis pessoas que buscam a diversão nesse bairro possuem entre quinze e trinta anos de idade. No Setor Central a situação se inverte já que a busca pelos serviços é maior que a busca pela diversão, como demonstra o Quadro 09. No entanto, no total de indicações podemos observar que os deslocamentos em busca de diversão representam a maioria. Isso justifica-se por dois motivos em particular: as opções de lazer da região, bem como a média de idade dos freqüentadores entrevistados.

MAPA 02

DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR SETOR EM GOIÂNIA A PARTIR DO PARQUE VACA BRAVA



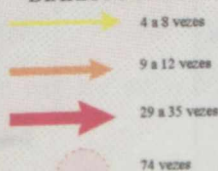
LEGENDA

Regionalização da zona urbana de Goiânia

A Região Central	D Região Sudoeste	G Região Noroeste
B Região Leste	E Região Oeste	H Região Norte
C Região Sul	F Região Mearim	I Região Meio Norte
Parque Vaca Brava	Área Rural	Estrada Federal
		Estrada Estadual

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Planejamento Municipal (IPLAN)

NÚMERO DE DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR FLUXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFPA
INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

Mestrado em Geografia

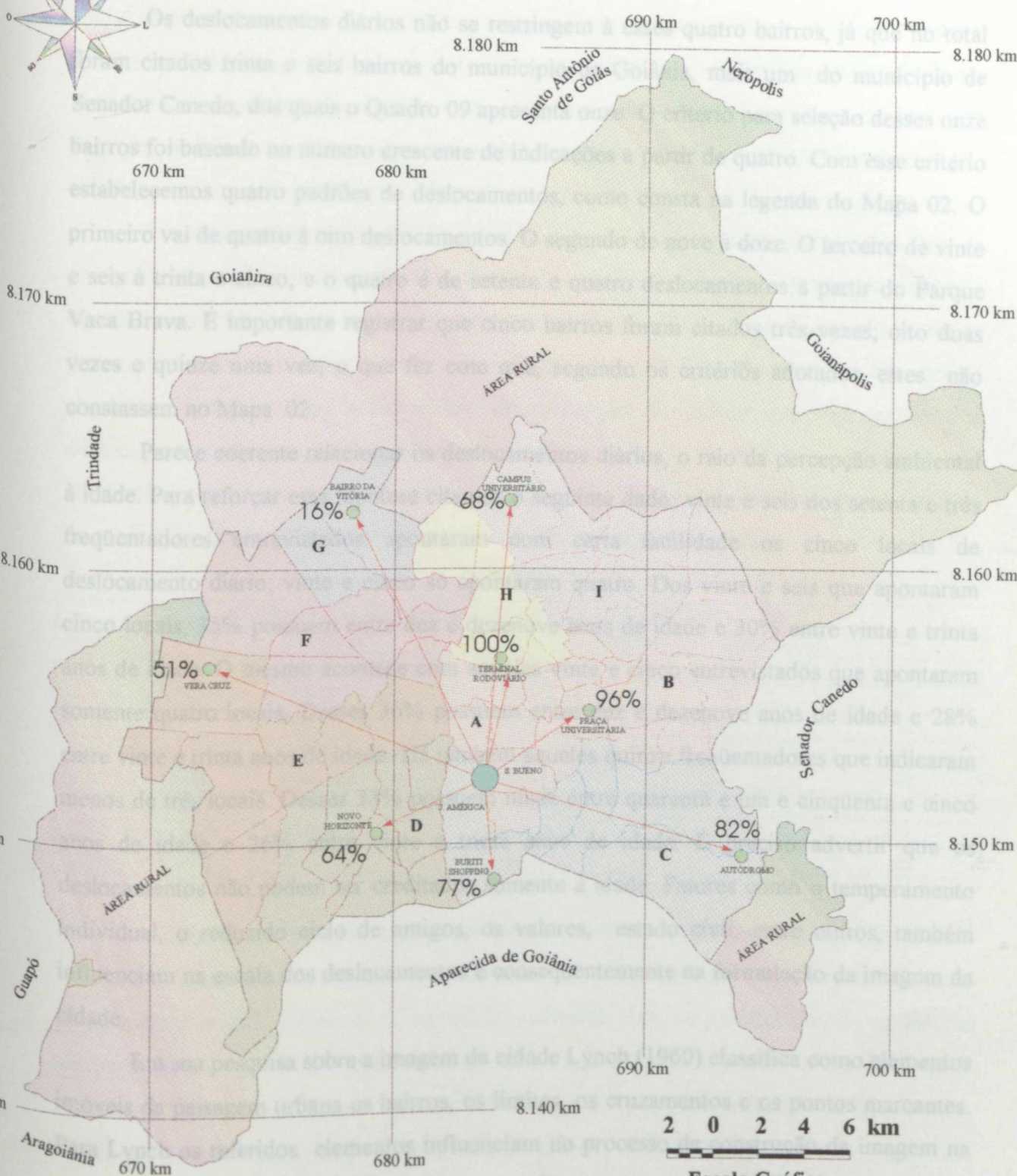
Orientadora:

Lana de Souza Cavalcanti

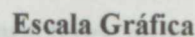
Orientando:

Tadeu Pereira Alencar Arrais

ELEMENTOS DA PAISAGEM
URBANA EM GOIÂNIA - P.V.B.



Tadeu Pereira Alencar Arrais



Os deslocamentos diários não se restringem à esses quatro bairros, já que no total foram citados trinta e seis bairros do município de Goiânia, mais um do município de Senador Canedo, dos quais o Quadro 09 apresenta onze. O critério para seleção desses onze bairros foi baseado no número crescente de indicações a partir de quatro. Com esse critério estabelecemos quatro padrões de deslocamentos, como consta na legenda do Mapa 02. O primeiro vai de quatro à oito deslocamentos. O segundo de nove à doze. O terceiro de vinte e seis à trinta e cinco; e o quarto é de setenta e quatro deslocamentos a partir do Parque Vaca Brava. É importante registrar que cinco bairros foram citados três vezes; oito duas vezes e quinze uma vez, o que fez com que, segundo os critérios adotados, estes não constassem no Mapa 02.

Parece coerente relacionar os deslocamentos diários, o raio da percepção ambiental à idade. Para reforçar essa hipótese citamos o seguinte dado: vinte e seis dos setenta e três freqüentadores entrevistados apontaram com certa facilidade os cinco locais de deslocamento diário; vinte e cinco só apontaram quatro. Dos vinte e seis que apontaram cinco locais, 35% possuem entre dez e dezenove anos de idade e 30% entre vinte e trinta anos de idade. O mesmo acontece com aqueles vinte e cinco entrevistados que apontaram somente quatro locais. Desses 36% possuem entre dez e dezenove anos de idade e 28% entre vinte e trinta anos de idade. Há também aqueles quinze freqüentadores que indicaram menos de três locais. Desses 33% possuem idade entre quarenta e um e cinquenta e cinco anos de idade e 26% entre vinte e trinta anos de idade. É preciso advertir que os deslocamentos não podem ser creditados somente à idade. Fatores como o temperamento individual, o reduzido ciclo de amigos, os valores, estado civil, entre outros, também influenciam na escala dos deslocamentos e consequentemente na formulação da imagem da cidade.

Em sua pesquisa sobre a imagem da cidade Lynch (1960) classifica como elementos imóveis da paisagem urbana os bairros, os limites, os cruzamentos e os pontos marcantes. Para Lynch os referidos elementos influenciam no processo de construção da imagem na medida em que estão inseridos na paisagem urbana como caracteres num texto, prontos para serem decifrados. Para nosso estudo dois desses elementos da paisagem urbana são de fundamental importância. Os pontos marcantes, representados por objetos físicos com características particulares, produto ou não do trabalho humano, seja uma praça, um

shopping ou mesmo um parque. Os bairros, por representarem o limite imaginário entre o espaço reconhecível, tangível, e o restante da cidade. A disposição espacial desses elementos no município de Goiânia esta representada no Mapa 03 (próxima página), que deve ser observado tendo em vista uma outra escala de experiência dos entrevistados pela cidade.

Ao observarmos o Quadro 10 notaremos que dos oito elementos selecionados da paisagem urbana da cidade de Goiânia os cinco primeiros referem-se a pontos marcantes e os três últimos aos bairros. Ao selecionar esses elementos a idéia foi a de complementar os dados a respeito dos deslocamentos diários na cidade. O conhecimento ou não desses elementos podem revelar outra escala da percepção da cidade que não aquela dos deslocamentos diários. Revela deslocamentos esporádicos, intermitentes, muitas vezes conduzidos por outros meios de percepção (jornais, relatos, televisão etc.) que também povoam o imaginário e influenciam na construção da imagem da cidade.

QUADRO 10

ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA DE GOIÂNIA – P.V.B.

NOME	CATEGORIA	REGIÃO DA CIDADE	INDICAÇÕES	%
RODOVIÁRIA	PONTO MARCANTE	CENTRAL	73	100
PRAÇA UNIVERSITÁRIA	PONTO MARCANTE	CENTRAL	70	96
AUTÓDROMO	PONTO MARCANTE	SUL	60	82
BURITH SHOPPING	PONTO MARCANTE	SUL	56	77
CAMPUS II UFG	PONTO MARCANTE	MEIA PONTE	50	68
NOVO HORIZONTE	BAIRRO	SUDOESTE	47	64
CONJ. VERA CRUZ	BAIRRO	MEDANHA	37	51
BAIRRO VITÓRIA	BAIRRO	NOROESTE	12	16

A idéia de conhecer foi relacionada à capacidade de deslocamento para determinado local até os elementos da paisagem previamente selecionados. Essa atitude reitera a opção de considerar o dado subjetivo na percepção ambiental. Isso se justifica devido ao fato de ser perfeitamente possível o deslocamento de uma determinada pessoa até a Rodoviária sem nunca ter estado lá. Basta dizer que para chegar à Rodoviária e preciso dirigir-se até o centro e “descer” a Avenida Goiás. Há mil formas, mil pontos de partida rotineiros, incertos, por onde podemos chegar à Rodoviária, ao ponto de chegada. A vivência e os contatos cotidianos tornam o chegar à Rodoviária, como em qualquer outro local da cidade, um projeto possível, construído nas conversas diárias, relatos, histórias etc.

Dos oito elementos da paisagem urbana mais lembrados na pergunta estimulada, a Rodoviária e a Praça Universitária foram os mais apontados com 100% e 96% respectivamente. Os motivos que colocam a Rodoviária como o ponto marcante mais conhecido da parcela entrevistada dos freqüentadores do Parque Vaca Brava vão desde a sua funcionalidade até a localização no limite entre a região Central e a região Norte da cidade. Ponto de partida e chegada por excelência, edificação de grande dimensões que se destaca na Avenida Goiás, é difícil deixar de percebê-la. Já a Praça Universitária localizada na região Central é um ponto onde o fluxo de pessoas e veículos é bastante intenso devido ao alto grau de concentração de Universidades e escolas. Somente três freqüentadores disseram não conhecer a Praça, dos quais um havia se mudado para Goiânia recentemente (menos de dois meses) e dois possuíam quatorze anos de idade, dado de relevância se considerado o fato de esses últimos residirem na região Sul da cidade. Localizado no km 05 da GO - 020 (saída para Bela Vista) o Autódromo Internacional de Goiânia foi indicado por 82% dos freqüentadores entrevistados no Parque Vaca Brava, o que o tornou o terceiro elemento da paisagem de Goiânia (apesar de não estar no que costumeiramente classificamos de perímetro urbano) mais citado. Devido à sua funcionalidade tornou-se bastante freqüentado, especialmente pelos jovens. Os que não o freqüentam costumeiramente deslocam-se com facilidade até ele. O Burith Shopping foi citado por 77% dos freqüentadores, o que é pouco se considerado o fato da sua localização em relação ao Parque Vaca Brava. Esse ponto marcante encontra-se na região Sul, mais exatamente no limite entre os municípios de Aparecida de Goiânia e Goiânia. Por isso, sua clientela difere bastante (quanto ao poder aquisitivo) da dos outros *shoppings* de Goiânia. Das dezessete pessoas que disseram não conhecê-lo, doze moram no Setor Bueno, duas no Bairro Nova Suíça, outras duas no Jardim América, ou seja, regiões relativamente próximas ao Shopping. O último ponto marcante a ser citado foi o Campus II da Universidade Federal de Goiás localizado na região Meia Ponte, lembrado por 68% dos entrevistados. A relação do Campus II da U.F.G. com a parcela dos freqüentadores entrevistados esta relacionada especialmente ao grau de instrução e idade. O que não causa estranheza já que a freqüência de jovens e adultos no Campus II da U.F.G. é maior em função da vida acadêmica, resultado do grau de instrução e ocupação profissional dos entrevistados.



A frequência de respostas positivas em relação aos bairros foi menor do que as relacionadas aos pontos marcantes. Em relação aos três bairros citados foi possível notar que quanto mais distantes do Parque Vaca Brava menos conhecidos são. Dentre os bairros a Vila Novo Horizonte, o mais próximo, foi lembrado por 64% dos entrevistados. Em seguida veio o Conjunto Vera Cruz com 54%, mais distante que a Vila Novo Horizonte e mais próximo que o Bairro da Vitória.

O Bairro Vitória, localizado na região Noroeste do município de Goiânia, foi indicado por apenas 16% dos freqüentadores do Parque. O que faz este Bairro figurar em último lugar no quadro de indicações dos elementos da paisagem na cidade de Goiânia? Um dos motivos para que isso ocorra é o distanciamento em relação às áreas centrais da cidade. Outro é uma certa indiferença em relação ao Bairro devido ao alto índice de criminalidade naquela Região. Um funcionário público entrevistado, de quarenta e dois anos de idade, assim se referiu ao Bairro Vitória: *"Deus me livre! Não passo lá de jeito nenhum"*. Além disso ele fez questão de frisar os problemas infra-estruturais daquele Bairro. Outra opinião interessante vem de um garoto de doze anos de idade que diz conhecer o Bairro tendo como fonte de informação os relatos rotineiros da empregada doméstica que trabalha em sua residência, o que reforça a idéia de a percepção ambiental não estar estritamente ligada ao dado visual.

Vale ressaltar que dos freqüentadores entrevistados apenas 11% disseram conhecer os oito elementos da paisagem da cidade de Goiânia indicados. Outros 43% conhecem de seis a sete; 36% de quatro a cinco; e 10% conhecem de dois a três dos elementos indicados. Se levados em conta fatores como a idade dos entrevistados, ou seja, considerando que 63% tem entre vinte e cinquenta e cinco anos de idade, os deslocamentos rumo às diferentes regiões são bastante reduzidos, especialmente em se tratando da região Noroeste, a mais pobre a cidade.

Relacionando os dados obtidos nos Quadros 09 e 10 com as informações contidas nos Mapas 02 e 03 podemos voltar à imagem da cidade, ou seja, à cidade vista de cá. Analisando esses dados em conjunto com os do Quadro 07 (onde constatamos que a imagem positiva da cidade está relacionada especialmente à qualidade de vida, entendida enquanto verde e tranquilidade) chegamos às seguintes conclusões:

1 - se considerado o raio de percepção, representado pelo círculo azul no Mapa 02, é bem provável que a imagem positiva da cidade tenha sido influenciada pelas experiências particulares com a região delimitada pelo círculo; *será a cidade vista de lá.*

2 - no que se refere à configuração da paisagem cultural no interior do círculo que limita a escala da percepção, podemos de maneira sintética dividi-la em duas partes. A primeira se refere à região Sul do círculo e à região Central da cidade de Goiânia com um alto grau de verticalização. A segunda é à região Leste onde estão localizados os setores Universitário, Sul e Vila Nova, bairros residenciais marcados por um padrão de edificações horizontais. A par de esses dados é possível concluir que os deslocamentos diários da parcela de freqüentadores entrevistados no Parque Vaca Brava limitam-se a regiões onde não há sérios problemas quanto à infra-estrutura urbana (esgoto, asfalto, iluminação pública, coleta de lixo etc.);

3 - quando associamos os dados do Quadro 09 (principais problemas da cidade de Goiânia) à experiência que os freqüentadores tem da cidade (demonstrados nos Mapas 02 e 03) veremos que os problemas não comprometem a imagem positiva da cidade. Verifica-se, por exemplo, que o trânsito tumultuado é um problema da região circulada no Mapa 02, especialmente no Setor Bueno, o que possivelmente seria diferente em se tratando de uma região menos povoada. Por outra escala de experiência, como demonstra o Mapa 03, apenas 16% dos entrevistados disseram conhecer o Bairro da Vitória.

De tudo isso pode-se perceber que a imagem da cidade depende da percepção ambiental da própria cidade, bem como das condições reais de existência e modos de vida, o que ocorre com a parcela dos freqüentadores entrevistados no Parque Vaca Brava. É preciso advertir que essa imagem, essa “cidade ideal”, vista por um grupo de freqüentadores do Parque Vaca Brava não representa todos os olhares da cidade. Não representa todas as “falas da cidade”; todas as “línguas da cidade”; todas as “escritas da cidade” (Lefebvre:1969). Essa imagem positiva representa uma escrita, uma língua e uma fala, em outras palavras, ela representa a contradição entre o desejo de viver e o modo de viver, ela representa uma parcela do urbano em Goiânia, mesmo porque ela representa, quando muito, uma imagem de grupo.

11 A mesma pergunta aplicada aos freqüentadores entrevistados no Parque Vaca Brava foi a seguinte: “Você conhece o Parque Casimiro Bernardino?” Nenhum freqüentador reconheceu o Parque Casimiro Bernardino pelo nome. Apenas um soube explicar a sua localização.

3-O P Mas há outros pontos de partida sob o qual pode-se formular a imagem da cidade. Um deles permanece desconhecido¹³ pelos freqüentadores do Parque Vaca Brava. Estamos nos referindo ao Parque Carmo Bernardes. Como será a cidade vista de lá...

município de Goiânia, entre os bairros Parque Athenas e Jardim Mariliza. Em agosto de 1981 o Parque foi rebatizado com o nome do escritor goiano Carmo Bernardes. O Parque conta com uma área de aproximadamente 600 mil metros quadrados onde está localizada a nascente do Córrego Buriú (também chamado de São José), sua mata densa vem sendo destruída pelo corte de madeira e pelas constantes queimadas nos períodos secos, causando danos à flora e fauna silvestre existentes na área. Segundo Cunha (1992:06):

O Parque Carmo Bernardes, que ocupa uma área antigamente coberta por exuberante floresta de galeria, sofreu com o processo de ocupação urbana, que trouxe consigo grandes perturbações ao referido ecossistema. A exploração predatória das espécies de alto valor comercial, a poluição causada pelo lançamento de esgotos domésticos no córrego Buriú, a aceleração da erosão dos solos causadas pela remoção da vegetação primária e implantação de pastagens e a caça, dentre outros, resultaram num quadro atual de intensa degradação.

Dentre os principais problemas de ordem ambiental no Parque podemos citar o processo de voçorocamento causado, em especial, pelo escoamento superficial das águas pluviais que entram em contato com o solo exposto, o que se agrava com a crescente impermeabilização das áreas residenciais, que, devido à disposição altimétrica do terreno, faz com que a água escorra em forma concentrada na direção do Córrego. Dentre as "soluções" encontradas para o problema do voçorocamento está a prática do aterramento - procedimento que vem ocorrendo concomitantemente com a deposição de lixo, entulho, na margem do Córrego. Na opinião de Cunha (1992:14):

O contínuo empilhamento de entulho e lixo doméstico na margem direita do Córrego São José, está provocando um decréscimo muito grande na qualidade ambiental do ecossistema local, vez que o material, por decomposição, produz resíduos ácidos que alteram profundamente a qualidade das águas locais.

Apesar de todos os problemas apontados, o Parque Carmo Bernardes constitui-se

¹³ A última pergunta aplicada aos freqüentadores entrevistados no Parque Vaca Brava foi a seguinte: "Você conhece o Parque Carmo Bernardes?" Nenhum freqüentador reconheceu o Parque Carmo Bernardes pelo nome. Apenas um soube explicar a sua localização.

3 – O Parque Municipal Carmo Bernardes

O Parque Municipal Jardim Mariliza – Parque Atheneu localiza-se na região Sul do município de Goiânia, entre os Bairros Parque Atheneu e Jardim Mariliza. Em agosto de 1981 o Parque foi rebatizado com o nome do escritor goiano Carmo Bernardes. O Parque conta com uma área de aproximadamente 600 mil metros quadrados onde esta localizada a nascente do Córrego Buriti (também chamado de São José), sua mata densa vem sendo destruída pelo corte de madeira e pelas constantes queimadas nos períodos secos, causando danos à flora e fauna silvestre existentes na área. Segundo Cunha (1992:06):

O Parque Carmo Bernardes, que ocupa uma área antigamente coberta por exuberante floresta de galeria, sofreu com o processo de ocupação urbana, que trouxe consigo grandes perturbações ao referido ecossistema. A exploração predatória das espécies de alto valor comercial, a poluição causada pelo lançamento de esgotos domésticos no córrego Buritis, a aceleração da erosão dos solos causadas pela remoção da vegetação primária e implantação de pastagens e a caça, dentre outros, resultaram num quadro atual de intensa degradação.

Dentre os principais problemas de ordem ambiental no Parque podemos citar o processo de voçorocamento causado, em especial, pelo escoamento superficial das águas pluviais que entram em contado com o solo exposto, o que se agrava com a crescente impermeabilização das áreas residenciais, que, devido à disposição altimétrica do terreno, faz com que a água escorra em de forma concentrada na direção do Córrego. Dentre as “soluções” encontradas para o problema do voçorocamento está a prática do aterramento - procedimento que vem ocorrendo concomitantemente com a deposição de lixo, entulho, na margem do Córrego. Na opinião de Cunha (1992:14):

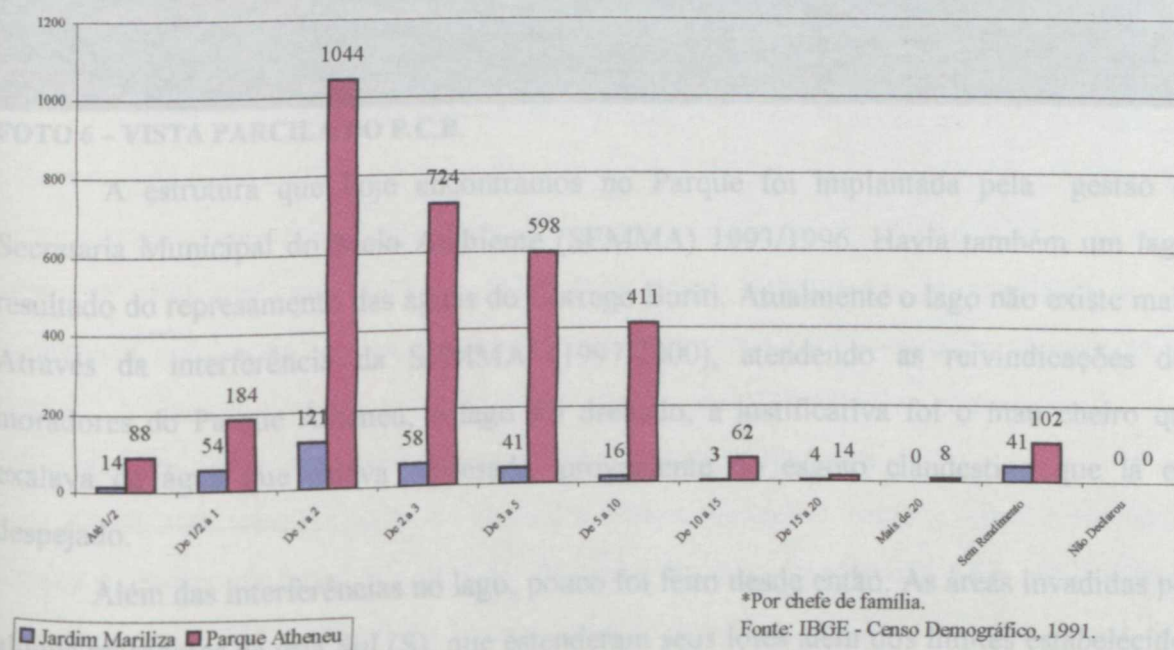
O contínuo empilhamento de entulho e lixo doméstico na margem destra do Córrego São José, esta provocando um decréscimo muito grande na qualidade ambiental do ecossistema local, vez que o material, por decomposição, produz resíduos ácidos que alteram profundamente a qualidade das águas locais.

Apesar de todos os problemas apontados, o Parque Carmo Bernardes constitui-se num espaço privilegiado para os moradores dos bairros adjacentes, especialmente o Parque Atheneu e o Jardim Mariliza, bairros residenciais que contam com uma população de

14.347 e 3.308 (IPLAN:1996), respectivamente. Levado em consideração esses dados e a área dos dois bairros, veremos que a densidade demográfica estimada em alqueire não ultrapassa as cinquenta pessoas, o que torna a região do Parque pouco povoada. Esses dois bairros guardam entre si muitas diferenças. O Parque Atheneu difere Jardim Mariliza por ter sido concebido como um conjunto tipicamente habitacional, com ruas estreitas e casas pequenas de dois e três quartos, havendo por isso mesmo uma certa homogeneidade no padrão de construção, apesar das alterações comuns por parte da maioria dos moradores. Já o Jardim Mariliza nasceu de um loteamento, onde, ao longo dos últimos anos, dada a crescente mercantilização dos lotes, o espaço tem sido rapidamente ocupado. Um dos pontos semelhantes entre esses dois bairros é o Parque: uma fronteira bem definida espacialmente, como demonstra o Mapa 05.

GRÁFICO 03

CLASSE DE RENDIMENTO MÉDIO MENSAL (EM S.M.)*



No que diz respeito à estruturação física do Parque, ou seja, equipamentos públicos e urbanização, pode-se dizer que a situação é precária. O calçamento da pista de *cooper*, bem como os bancos de concreto, devido a falta de manutenção e ao vandalismo estão

depredados, o mesmo acontecendo com os equipamentos de ginástica localizados ao longo da pista de *cooper*. Em toda área da pista, local de maior concentração de pessoas, não há coletores de lixo e nem iluminação. A porção Leste do Parque, especificamente numa erosão, encontra-se um depósito de lixo. Tudo isso colabora para que o Parque, a segunda maior reserva da cidade, não conste nos catálogos como um ponto de referência.



FOTO 6 – VISTA PARCILA DO P.C.B.

A estrutura que hoje encontramos no Parque foi implantada pela gestão da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA) 1993/1996. Havia também um lago, resultado do represamento das águas do Córrego Buriti. Atualmente o lago não existe mais. Através da interferência da SEMMA (1997/2000), atendendo as reivindicações dos moradores do Parque Atheneu, o lago foi drenado, a justificativa foi o mau cheiro que exalava da água que estava represada, proveniente do esgoto clandestino que lá era despejado.

Além das interferências no lago, pouco foi feito desde então. As áreas invadidas por alguns moradores da orla Sul (S), que estenderam seus lotes além dos limites estabelecidos pela planta do setor, invadindo uma pequena parte da área do Parque, ainda não foram devolvidas ao domínio público. O projeto elaborado para o Parque na gestão 1993/1996 que previa a construção de estacionamentos, praças de acesso público, teatro de arena, campo de futebol e quadras poliesportivas, quiosques, trilha ecológica entre outros, bem como o plano de manejo elaborado por uma equipe da Universidade Católica de Goiás (UCG),

também não foram colocados em prática. Não existe nem mesmo a fiscalização do esgoto clandestino que é despejado na área do Parque, poluindo a nascente do Córrego.

Na busca de melhorias para o Parque, a comunidade, representada pela Associação dos Moradores do Parque Atheneu (AMPARAT), tem feito reivindicações contundentes junto ao Poder Público municipal. Segundo o presidente da Associação, Wanderley Pereira Lima, a prioridade da Secretaria Municipal do Meio Ambiente (SEMMA) tem sido os parques centrais, entre eles o Parque Vaca Brava. Ele ainda nos relatou que a comunidade tem se prontificado a fazer uma parceria com o Governo da Cidade de Goiânia para garantir a manutenção e conservação do Parque, bem como a garantia de determinados serviços como segurança e limpeza¹. Apesar de tudo, de todas as reivindicações e disposição da comunidade, nada tem sido feito. Por isso mesmo, não podemos deixar de registrar as palavras do presidente da Associação, que soam como protesto: *“A gente gostaria é que a SEMMA respondesse nossos ofícios”*.

3.1 – Frequentadores e suas atividades

Localizado na divisa de setores residenciais, o Parque Atheneu e o Jardim Mariliza, o Parque Carmo Bernardes, visto em determinados horários, pode ser considerado deserto, se comparado com outros parques da cidade, especialmente os centrais. Alguns motivos colaboram para que isso ocorra e estão diretamente relacionados às condições sócio-econômicas e culturais de seus frequentadores, bem como a infra-estrutura encontrada no Parque. A busca desses motivos passa pelo conhecimento e caracterização dos frequentadores do Parque, tarefa que realizaremos a partir de agora.

Para o desenvolvimento da pesquisa foram realizadas trinta e duas entrevistas² durante os meses de junho e julho, no Parque e em suas imediações. Dos entrevistados constatamos que 90% residem no Parque Atheneu e 10% no Jardim Marilízia, o que não causa estranheza, devido à proximidade e a falta de opções de lazer para os moradores desses setores. Dos frequentadores entrevistados 16% possuem idade entre dez e quatorze

¹ A AMPARAT conseguiu adquirir através de um bingo uma motocicleta para a polícia militar, facilitando, dessa forma, a vigilância da área do Parque nos horários de pico.

² O número de entrevistas foi menos em relação ao Parque Vaca Brava, fato que é justificado pela relação entre a densidade de frequentadores nos dois parques. O número de frequentadores diários no Parque Carmo Bernardes é menos.

Referente à ocupação profissional, constatamos sua relação direta com o grau de instrução. Foram citadas profissões que exigem um baixo grau de aperfeiçoamento e qualificação profissional, como verdureiro, motorista, mecânico, carroceiro, açougueiro, militar de baixa patente, bancário, "do lar", entre outras, o que vai ao encontro dos dados relativos aos rendimentos do Gráfico 03.

Essa caracterização inicial via entrevista dos freqüentadores do Parque Carmo Bernardes é necessária e atende aos propósitos da pesquisa, especialmente se é acompanhada pelas observações colhidas ao longo das visitas nos finais de tarde. A valorização das observações (visitas diárias) foi necessária, mesmo porque alguns problemas se apresentaram quanto da aplicação das entrevistas. O primeiro deveu-se ao fato de as pessoas não permanecerem no Parque após o término de suas atividades, o que dificulta a aproximação para a conversa, já que geralmente as pessoas se sentem indispostas, por exemplo, de conversar e caminhar ao mesmo tempo. Nesse sentido, pudemos exercitar a paciência, esperando o momento certo e aprimorando a observação. A falta de infra-estrutura e serviços no Parque também colabora para que isso ocorra. Não há atrativos no Parque que as pessoas permaneçam após suas atividades. Em toda a área do Parque, aproximadamente 600 mil metros quadrados, não há mais que quinze bancos de concreto, dos quais muitos encontram-se danificados. Faltam espaços ajardinados e limpos. Para complicar a situação as entrevistas tornam-se impossíveis após às 19:00h, quando começa anoitecer, uma vez que, por falta de iluminação poucas pessoas permanecem no Parque. Outro dado interessante está relacionado às dimensões do Parque que não permitem maiores aglomerações de pessoas. A ocupação, mesmo nos horários que pico, nos fins de tarde, é esparsa e irregular, concentrando-se ao longo da pista de *cooper*. Pelas dimensões da pista muitas pessoas resumem suas atividades em apenas uma volta, dificultando a aproximação e o contato. A ausência de serviços como sanitários públicos, vendedores de pipoca, cachorro quente, refresco, água de coco, entre outros, também colabora para a não permanência das pessoas, o que, por outro lado, reduz a densidade de atividades desenvolvidas pelos freqüentadores durante a permanência no Parque.

Dentre as atividades desenvolvidas no Parque pelos freqüentadores a caminhada é a preferida, especialmente para os adultos, o destaque sendo dado às donas de casa que geralmente caminham em duplas. É possível visualizar essa opção no final da tarde,

horário preferido para as caminhadas. O *cooper* e a ginástica são as atividades preferidas pelos mais jovens, estes muitas vezes permanecem no Parque até o início da noite. Sem material apropriado para a prática dessas atividades alguns freqüentadores se prestam a caminhar de sandálias e até mesmo descalço, o que pode demonstrar, por um lado, a condição sócio-econômica dos freqüentadores, ou mesmo, uma despreocupação com a estética, já que não se sentem estranhos no Parque.



FOTO 8 – O P.C.B. (ORLA SUL)

Mas o Parque não vive somente de caminhadas e *cooper*, há outros hábitos, outras formas de ocupar o espaço e o tempo. Como exemplo, podemos citar o corte diário de capim no interior do Parque para alimentação dos equinos, as brincadeiras de crianças na mata e os brinquedos, bem como as conversas de fins de tarde por parte dos moradores da orla Sul. Em se tratando das crianças, essas poderiam constituir-se num capítulo específico, dada a riqueza e a diversidade e espontaneidade com que elas ocupam os espaços do Parque. As crianças inventam suas próprias formas de ocupar o espaço do Parque, com suas regras, seus jogos e suas competições. Para as crianças o Parque é o lugar do encontro para correr, brincar, aventurar-se na mata, pegar os peixinhos que resistem no Córrego Buriti, andar de bicicleta, soltar “pipa” nos meses de férias, entre tantas outras. Tudo isso torna as crianças que freqüentam o Parque independentes, vivas, até porque estão num espaço onde são reconhecidas e conhecem a comunidade.

3.2 - As imagens do Parque

Até agora nossas reflexões, em se tratando do Parque Carmo Bernardes, centraram-se na estrutura do Parque e nos seus freqüentadores. Agora pretendemos estabelecer relações que nos permitam refletir sobre a imagem que os freqüentadores fazem do Parque. Para isso perguntamos aos freqüentadores o que mais lhes chamava a atenção no Parque, desta forma pudemos perceber o que eles rejeitam ou mesmo procuram nas suas visitas diárias. As respostas foram agrupadas da seguinte maneira:

QUADRO 11

Nº DE RESPOSTAS POSITIVA EM RELAÇÃO AO P.C.B.	
MATA	07
TRANQUILIDADE	02
PESSOAS	02
BRINQUEDOS	01
PISTA DE COOPER	01

QUADRO 12

Nº DE RESPOSTAS NEGATIVAS EM RELAÇÃO AO P.C.B.	
ABANDONO, DEPREDACÃO	05
LIXO, MAU CHEIRO	04
CONSUMO DE DROGAS	02
ANIMAIS NA PISTA (cachorros, cavalos)	01

A partir do agrupamento elaborado nos Quadros 11 e 12 podemos perceber uma primeira opinião dos freqüentadores entrevistados em relação ao Parque. O número de respostas que dão indicativos para uma imagem positiva, demonstrado no Quadro 11, revela um olhar específico sobre o Parque. A mata (lembrada 07 vezes), a tranquilidade (lembrada 02 vezes), as pessoas (lembradas 02 vezes), os brinquedos (lembrados 01 vez) e a pista de *cooper* (lembrada 01 vez) são os elementos da paisagem que, do ponto de vista positivo, mais chamam a atenção dos freqüentadores entrevistados. Dentre estes a densa mata merece destaque. Ela pode ser vista de todos pontos do Parque. Algumas pessoas, especialmente os jovens e as crianças, se aventuram no seu interior para brincar ou mesmo cortar caminho, evitando o contornar o Parque pela pista. A mata é o elemento da paisagem do Parque, pelas suas dimensões, mais presente e que remete à idéia de uma primeira natureza. Uma espécie de prazer visual já incorporado ao imaginário daqueles que

freqüentam e moram nas proximidades – para quem visita o Parque pela primeira vez a densidade e exuberância da mata impressiona.

Mas há um outro olhar sobre o Parque, outros olhares, identificado na mesma pergunta (O que mais lhe chama a atenção no Parque), como demonstra o Quadro 12. Estamos nos referindo aos pontos negativos que foram lembrados, o que não poderia ser diferente, dado aos problemas com que convivem aqueles que freqüentam ou moram nas imediações do Parque. É preocupante observar que das trinta e duas pessoas entrevistadas seis atestam o abandono e a depredação são os dados que lhes chama mais a atenção; o lixo e o mau cheiro foram apontados por quatro pessoas, o consumo de drogas por duas pessoas e os animais na pista de *cooper*, como cachorros e cavalos, por uma pessoa. Os dados ficam mais claros quando observamos que das trinta e duas pessoas entrevistadas seis não responderam a pergunta (O que mais lhe chama a atenção no Parque), treze a responderam caracterizando pontos positivos e outros treze apontaram pontos negativos, o que demonstra um equilíbrio preocupante, já que, em princípio, as respostas à referida pergunta deveriam remeter aos pontos positivos.

QUADRO 13

Nº DE RECLAMAÇÕES GERAIS - P.C.B.	
FALTA DE INFRA-ESTRUTURA	10
SUJEIRA, MAU CHEIRO	05
CONSUMO DE DROGAS	05
ANIMAIS NO PARQUE	02
NÃO RESPONDEU	10

Um outro dado que serve para reforçar essa tendência a uma opinião negativa em relação ao Parque, ou mesmo a isenção de opiniões, pode ser visualizado no Quadro 13 sobre as reclamações gerais. Os dados não nos surpreendem, tendo em vista que já citamos por mais de uma vez as condições precárias do Parque. A reclamação mais presente está relacionada à falta de infra-estrutura. Problemas como a manutenção e o alargamento da pista de *cooper*, aparelhos de ginástica e bancos danificados, falta de iluminação noturna, entre outros, foram os mais lembrados. A sujeira e o mau cheiro, assim como o consumo de drogas durante a noite também foram lembrados.

No tocante à sujeira as reclamações são direcionadas à pessoas que moram nas imediações do Parque, que, segundo alguns (e isso pode ser facilmente comprovado numa visita de campo), depositam e queimam seu lixo doméstico e entulho na área do Parque.

Por outro lado não há coletores de lixo e nem limpeza periódica no Parque, o que faz com que aqueles que residem nas proximidades convivam com o mau cheiro proveniente do lixo. O fato é que aquilo que poderia constituir-se numa dádiva, morar ao lado de um Parque, transformou-se numa tortura, especialmente no inverno, quanto as queimadas (durante o dia) e as muriçocas (durante a noite) não cessam de incomodar os moradores da região. Tudo piora quando os ventos sopram para a direção Sul, trazendo odor e o mau cheiro para dentro das residências. Interessante assinalar que dependendo do horário e localização em que as entrevistas foram realizadas, as reclamações tendiam a valorar certos aspectos. Por exemplo, quando realizamos as entrevistas nos horários mais próximos do crepúsculo, as reclamações giravam em torno da ausência de iluminação. Quando as entrevistas eram feitas próximas aos aparelhos de ginástica e brinquedos, a depredação destes era apontada. Como demonstra a opinião de uma garota de 7 anos de idade: "*Os homens grande tão estragando tudo*" (Sic.). Ou mesmo de um frequentador de 42 anos de idade, motorista, que reclama da falta compreensão do povo sobre a preservação do Parque, apontando para os brinquedos e bancos danificados, "o patrimônio público", nas suas próprias palavras.

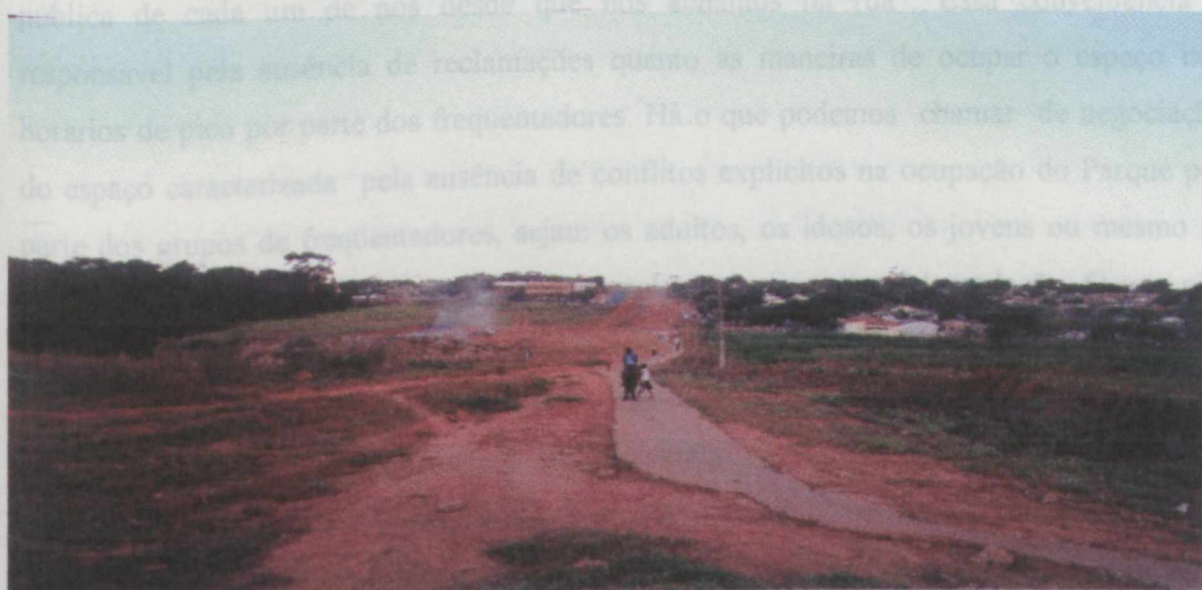
U F G
B. C.

FOTO 9 – PISTA DANIFICADA (À DIREITA O PARQUE ATHENEU)

Um ponto que merece atenção diz respeito à presença de animais na pista, especialmente cachorros e equinos. Não pelo perigo, em se tratando dos cachorros, que

possam representar, mas pelo fato de ocuparem os espaços da pista de *cooper*⁴, para passeio (no caso dos cachorros) e alimentação (no caso dos eqüinos). Em alguns dias pudemos contar seis cavalos pastando no Parque (sem contar o gado), isso, somado aos movimentos das carroças que transportam capim, causa bastante transtorno, além da sujeira. Aliás, devemos ressaltar um aspecto positivo sobre o corte de capim. É que no inverno esse corte funciona como uma prevenção paliativa, evitando, de certa forma as queimadas. Por outro lado demonstram algumas características próprias de um modo de vida com influências do meio rural, que pode ser comprovada pela presença das carroças, como também de algumas chácaras nas proximidades do Parque.

As reclamações, exceto as que se referem ao consumo de drogas e ao lixo depositado pelos moradores, independem da idade, sexo, ou tempo em que essas pessoas freqüentam o Parque. É que as questões estruturais como manutenção e infra-estrutura são tão visíveis que dispensam uma experiência mais longa com o Parque, uma simples caminhada já é suficiente para identificar tais problemas.

Outro ponto a destacar, estendido às práticas cotidianas no Parque, está naquilo que Certeau (1996:49) chama de conveniência, ou seja, "O gerenciamento simbólico da face pública de cada um de nós desde que nos achamos na rua". Essa conveniência é responsável pela ausência de reclamações quanto as maneiras de ocupar o espaço nos horários de pico por parte dos freqüentadores. Há o que podemos chamar de negociação do espaço caracterizada pela ausência de conflitos explícitos na ocupação do Parque por parte dos grupos de freqüentadores, sejam os adultos, os idosos, os jovens ou mesmo as crianças, isso é claro, estando excluídas as reclamações quanto a depredação. O que não significa que os conflitos não existam, seria ingenuidade negar sua inexistência. A questão é que eles estão latentes. Compreendê-los depende da consideração das relações entre freqüentadores nos diversos tempos de existência do Parque. Os tempos podem ser entendidos como os diferentes momentos em que o Parque se revela agradável para uns e inseguro para outros. Quanto a isso podemos citar que nos relatos e conversas com freqüentadores, não encontramos reclamações sobre o consumo de drogas no período matutino e vespertino, o que nos faz pensar nos vários tempos do Parque que influenciam a

⁴ Referir à existência de uma pista de *cooper* não significa que ela seja utilizada exclusivamente para essa atividade. Ao contrário, ela também é utilizada como local de passagem para pedestres e ciclistas, entre outras atividades.

utilização do espaço. Aqui também, como no Parque Vaca Brava, há o parque noturno, ambiente hostil para alguns, cercado por uma territorialidade particular.



FOTO 10 – DEPREDÇÃO E USO NO P.C.B.

Com todas essas reclamações não podemos dizer que as pessoas vêem o Parque como um local bucólico, agradável, onde é possível relaxar e contemplar o ambiente. Mas o que atrai essas pessoas ao Parque? O primeiro fator, apesar de todas as reclamações, decorre do Parque como um ambiente diferenciado na região. Como lazer o Parque concorre em desvantagem com as ruas, especialmente nos finais de tarde, quando é possível notar, no Parque Atheneu, uma grande quantidade de crianças e jovens nas ruas estreitas e sem tráfego de veículos, brincando de bola, baralho, ou simplesmente conversando, uma vez que a horizontalidade do bairro e a disposição das casas permitem esses contatos.

O segundo é que as reclamações não impedem as pessoas de freqüentarem o Parque, de procurar, nos intervalos entre um dia de trabalho e o jantar, ou mesmo a escola e os afazeres domésticos, aproveitar o lazer que lhes é oferecido. Uma espécie de lazer periférico, marcado, poderíamos arriscar a dizer, pelo uso.

Todas essas práticas, essas maneiras de utilizar o espaço, só reforçam a nossa idéia de que a imagem da cidade, construída no lugar, possa encontrar sustentação no uso do espaço, como veremos a partir de agora.

3.3 – Um “olhar periférico” sobre a cidade

Qual seria a especificidade do olhar periférico sobre a cidade? Que cidade ele poderia revelar? Existiria mesmo um olhar periférico sobre a cidade? Acreditamos que sim. Contudo, faz-se necessário, mesmo que de maneira pouco aprofundada, refletir sobre o conceito de periferia.

O conceito de periferia no vernáculo nos serve como ponto de partida. Dessa forma, é comum encontrar a palavra periferia associada à distância espacial entre o centro e as áreas mais afastadas. Em se tratando de cidades esse entendimento é muito comum. Como também aquele que relaciona a distância do centro à disponibilidade de infra-estrutura e serviços públicos, bem como sua relação com os rendimentos dos moradores dessas áreas. Por esse viés a periferia se torna um lugar facilmente cartografável: é o lugar dos pobres, reservado para a marginalidade. Algumas considerações podem colocar em dúvida a validade desse entendimento. O fator distância espacial é uma delas. O aparecimento de bairros de luxo e condomínios fechados dotados de infra-estrutura e serviços em espaços distantes do centro da cidade, por si só, para não entrar em outras considerações, já coloca reticências nesse conceito de periferia, ainda remanescente no meio acadêmico.

Acreditamos que a distância do centro não seja determinante do conceito de periferia. O que não quer dizer que a periferia deixou de ser um conceito espacial, ao contrário, a periferia deixou de ser uma marca do espaço urbano para dissolver-se no espaço, seja urbano ou rural⁵. Esse entendimento nos remete a pensar o espaço na ótica do seu uso político, considerando as relações sociais de produção e o papel dos agentes produtores do espaço urbano. Dessa forma, o conceito de periferia passa a ser, antes de tudo, uma forma de ocupar o espaço, por isso mesmo ela pode estar (e de fato está) no próprio centro, próximo aos condomínios luxuosos, shopping centers, bancos, universidades. Contudo não podemos desconsiderar as implicações do fator distância no olhar periférico sobre a cidade, pois estar ou não estar no centro, especialmente em se tratando do uso e das formas de ocupar o espaço, pode fazer a diferença. Isso nos faz voltar ao Parque Carmo Bernardes.

⁵ Aqui não vamos entrar nas considerações sobre a escala da análise, muito importante na definição de um conceito de periferia, pois tal atitude nos desviaria por demais dos nossos objetivos.

A questão agora é buscar nos freqüentadores entrevistados do Parque Carmo Bernardes uma imagem de grupo sobre a cidade de Goiânia. Os procedimentos para esse fim foram os mesmos adotados anteriormente, em se tratando do Parque Vaca Brava. São eles: a imagem de súbito que nos vem a cabeça quando lembravam ou escutavam o nome de Goiânia, os principais problemas da cidade e a escala da experiência urbana, considerada a partir dos deslocamentos diários e esporádicos na cidade. As relações entre esses três pontos, o que não excluem tantos outros, serão de fundamental importância para a formulação da imagem da cidade por parte dos freqüentadores do Parque Carmo Bernardes. A questão central não está nas considerações desses pontos isoladamente, mas na relação estabelecida entre os freqüentadores, o Parque e a cidade da forma como eles a enxergam e consideram.

Levando-se em consideração as respostas agrupadas no Quadro 14 podemos observar algumas questões. A primeira delas é que a maioria dos entrevistados, ou seja, 57% apontaram aspectos positivos sobre a cidade, como: cidade boa para viver (26%); cidade bonita e tranqüila (22%); e cidade verde (9%). Um dado que nos chamou a atenção é que 9% dos entrevistados apontaram aspectos negativos sobre a cidade. Desses, 6% lembraram da violência e 3% da sujeira na cidade. Certamente essas respostas foram influenciadas, de alguma forma, pela própria experiência do Parque e do Bairro. Outro ponto a destacar é que 25% dos entrevistados não responderam a pergunta (Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente), o que nos fez refletir sobre a condução da entrevista e a própria dificuldade de estabelecer uma maior proximidade dos entrevistados. Outros pontos como *shopping* e praças foram lembrados por 3% e 6%, respectivamente.

QUADRO 14

PONTOS LEMBRADOS DE GOIÂNIA - P.C.B.		
	Nº	%
CIDADE BOA PARA VIVER	08	26%
CIDADE BONITA / TRANQÜILA	07	22%
CIDADE VERDE	03	9%
CIDADE VIOLENTA	02	6%
PRAÇAS	02	6%
SHOPPING	01	3%
CIDADE SUJA	01	3%
NÃO RESPONDEU	08	25%



Já os dados agrupados no Quadro 15 demonstram outras cidades. Cidades que convivem com a cidade verde e tranqüila. O que muda na realidade não é a cidade. Ela permanece a mesma. O que muda é o olhar.

QUADRO 15

PROBLEMAS DA CIDADE DE GOIÂNIA – P.C.B.		
	Nº	%
VIOLÊNCIA	16	50%
DESEMPREGO	06	18%
TRÂNSITO TUMULTUADO	03	10%
PERIFERIA POBRE	03	9%
NÃO RESPONDEU	03	10%



Dos principais problemas da cidade a violência ocupou 50% dos freqüentadores. O desemprego 18% e o trânsito tumultuado 10%. A existência de uma periferia pobre foi apontada por 9% dos entrevistados. As reclamações acerca da violência, pelo que pudemos notar nas conversas, não foram movidas por experiências particulares nos Bairros ou no próprio Parque, exceto em se tratando do consumo de drogas. Talvez porque o Parque Atheneu, onde residem a maioria absoluta dos freqüentadores entrevistados, é um bairro onde vivem muitos policiais militares, o que inibe uma ação mais intensiva de ladrões e delinqüentes. Acreditamos que as reclamações acerca da violência foram movidas, especialmente, pela experiência televisiva com a cidade. É novamente, como já apontamos, a ideologia do “anti-urbano”, influenciando os sentimentos e as experiências das pessoas em relação à cidade. O desemprego apareceu em segundo lugar, o que não deixa de constituir uma forma de violência e preocupação do grupo de freqüentadores entrevistados de baixa qualificação profissional. O trânsito tumultuado também é citado, especialmente pelas pessoas que possuem veículo automotor. Como nos relatou uma jovem de 25 anos de idade, lembrando que teve dificuldades de estacionar no centro da cidade. Sobre a existência de uma periferia pobre, a lembrança vem de uma Senhora de 58 anos de idade. Segundo nos relatou “só há promessa para a periferia”. O relato certamente foi influenciado pela atual condição do Parque Carmo Bernardes, já que o Parque Atheneu, seu local de residência, como assinalamos em outro momento, é contemplado com serviços de água tratada, esgoto, telefone, energia, asfalto entre outros.

Como já colocamos, a questão sobre a imagem da cidade não pode estar limitada a uma enquete sobre a opinião das pessoas em relação à cidade, seja sob o ponto das reclamações ou mesmo sentimentos de afeição. Por outro lado, mesmo que essa enquete esteja acompanhada por uma descrição pormenorizada do cotidiano das pessoas, a pesquisa sobre a imagem da cidade ainda estaria incompleta. Procedimentos como esses são importantes, mas devem ser complementados, a partir do olhar do pesquisador, de uma investigação que dê conta dos “por quês” da imagem da cidade. Para atingir esse objetivo, saber o que influencia a imagem da cidade dos frequentadores entrevistados no Parque Carmo Bernardes, adotamos a estratégia exposta anteriormente, quanto tratamos do Parque Vaca Brava. Dessa forma utilizamos a seguinte estratégia⁶: 1 – Pedir para que cada entrevistado indicasse cinco locais de Goiânia que costuma frequentar rotineiramente, durante a semana. Em seguida, o nome do bairro e o propósito da visita (trabalho, estudo, diversão etc.). 2 – Em um segundo momento foram indicados alguns locais da cidade de Goiânia, entre eles o Campus II da Universidade Federal de Goiás (região Meia Ponte, saída Norte), o Conjunto Vera Cruz (região Mwandana, saída para a cidade de Trindade), o Autódromo Internacional de Goiânia (região Sul), o Buriti *Shopping* (região Sul, limítrofe com o município de Aparecida de Goiânia), a Rodoviária (região Norte), a Vila Novo Horizonte (região Sudoeste), a Praça Universitária (região Central) e o Bairro da Vitória (região Noroeste da cidade). Não podemos deixar de apontar que a idéia de conhecer, por meio da indicação desses locais, está relacionada à capacidade do frequentador de chegar aos locais, o que nos aproxima da idéia do relato enquanto dado importante na percepção do espaço urbano, até porque não conhecemos os lugares apenas pela experiência tátil, do ir ao local.

De posse dos dados relativos ao que denominamos deslocamentos diários a partir do Parque Carmo Bernardes, como demonstra o Quadro 16, procuramos determinar os fluxos resultantes desses deslocamentos, ou seja, cartografar esses deslocamentos como o primeiro dado de uma experiência espacial na cidade. O lugar mais lembrado foi o Parque Atheneu com vinte e oito indicações. Interessante notar que todos os trinta e dois frequentadores foram entrevistados nesse bairro, o que não significou, por estranho que pareça, a indicação absoluta (trinta e dois) desses deslocamentos no bairro.

⁶ Mesmo que a estratégia tenha sido exposta no início do capítulo, achamos por bem, para facilitar a leitura

QUADRO 16

DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR BAIRRO E ATIVIDADE – P.C.B.

Bairro	Região	Trabalho / Escola / Serviços	Diversão	Amigos e Parentes	Total
PARQUE ATHENEU	Sul	13	05	10	28
CENTRO	Central	07	11	01	19
JARDIM GOIÁS	Sul	02	17	--	19
JARDIM MARILÍZA	Sul	02	--	05	07
PARQUE LARANJEIRAS	Sul	03	01	03	07
SETOR PEDRO LUDOVICO	Sul	02	01	02	05
SETOR SUL	Central	02	02	--	04
BAIRRO FELIZ	Central	--	02	01	03
SETOR BUENO	Sul	--	03	--	03
SETOR UNIVERSITÁRIO	Central	01	--	02	03
TOTAL		33	41	24	98

O segundo local mais citado foi o Setor Central, com dezenove indicações, como também o Jardim Goiás. Sobre o Setor Central, devemos apontar que, devido à sua própria funcionalidade, as idas e vindas em sua direção devem ser considerados como um dado normal. Além da busca de serviços no Setor Central também encontramos a busca pelo lazer. Lugares como o Parque Mutirama, o Bosque dos Buritis e os cinemas, foram lembrados. O Jardim Goiás, local mais próximo que o Setor Central, também foi lembrado dezenove vezes. Dessas dezenove indicações dezessete foram em relação ao lazer e duas em relação aos serviços. Em se tratando do lazer é preciso fazer referência ao *shopping* Flamboyant, muito freqüentado pelos moradores da região Sul da cidade de Goiânia. Quanto às duas indicações sobre os serviços, pudemos constatar que estão relacionadas à presença de um hipermercado nas proximidades do *Shopping*, o que faz com que o espaço indicado no Jardim Goiás seja facilmente cartografável.

Levando em conta os deslocamentos para o Setor Central e o Jardim Goiás, ainda há algumas considerações por fazer, especialmente aquela relacionada à idade dos que indicaram esses locais. Ao fazermos a análise dos dados relativos aos dois locais mais citados e à idade dos entrevistados, constatamos que das onze indicações de lazer feitas

e interpretação do texto expô-la de maneira sintética.

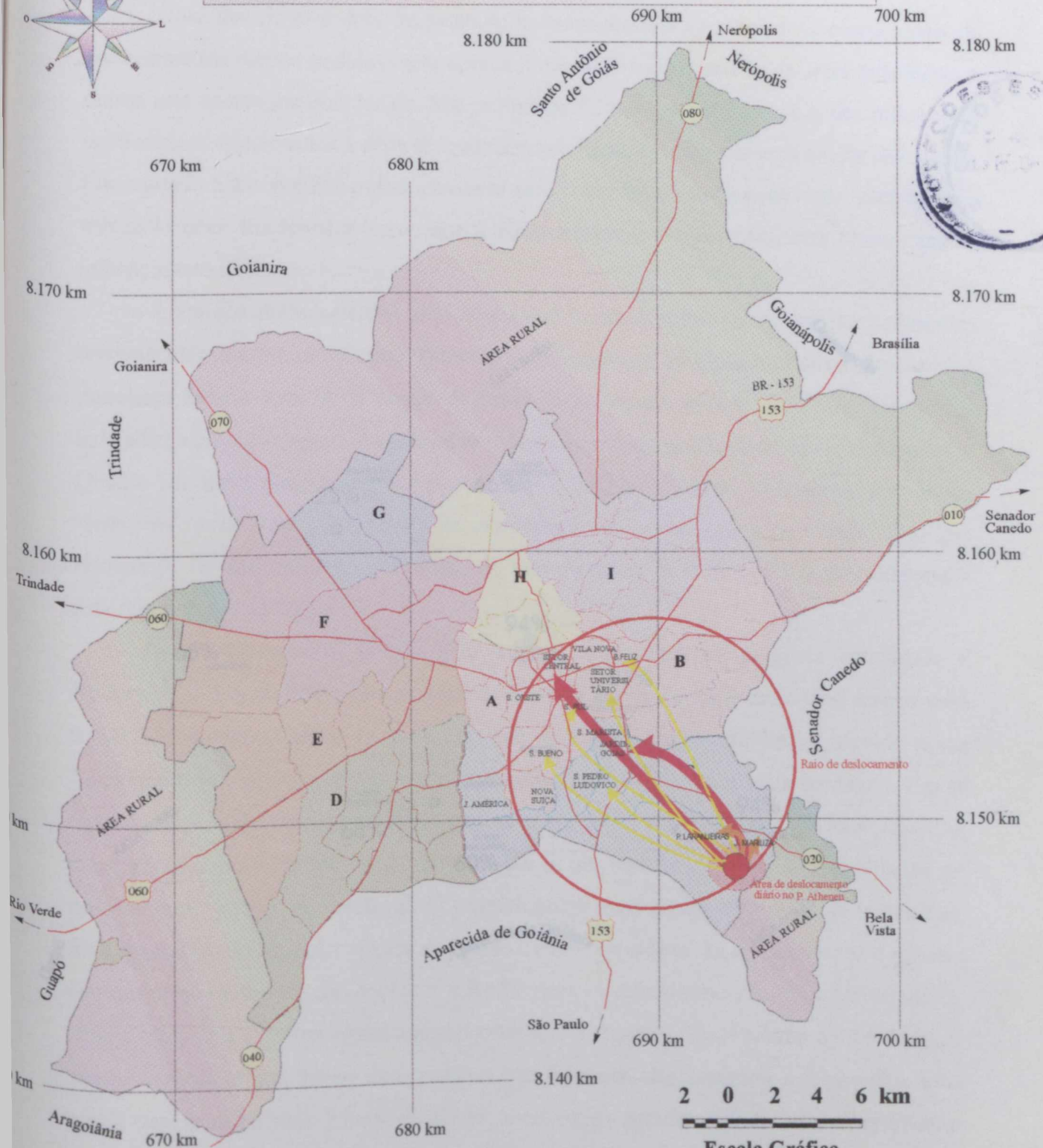
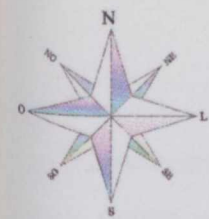
pelos entrevistados do Parque Carmo Bernardes no Setor Central, sete possuem idade acima de vinte anos, e apenas uma entre dez e quatorze anos. Sendo que dentre essas sete indicações dois entrevistados indicaram mais de um lugar no Setor Central. Já no Jardim Goiás, das dezessete indicações de lazer, quatro possuem entre dez e quatorze anos, três entre quinze e dezenove, três entre vinte e vinte e cinco, duas entre vinte seis e trinta, uma entre trinta e seis e quarenta e uma entre quarenta e sete e cinquenta e cinco. Comparando os dados relativos ao lazer entre esses dois locais, o Setor Central e o Jardim Goiás, podemos notar que os deslocamentos estão relacionados à idade e ao distanciamento, o mesmo poderia ocorrer em se tratando do trabalho ou mesmo aos deslocamentos à residência de amigos. No exemplo do Jardim Goiás, mais especificamente o *shopping* Flamboyant, é de fácil entendimento a presença maior de jovens, devido à própria falta de opções de lazer na região objeto dessa análise.



Ao passarmos para o quarto local mais lembrado, o Jardim Mariliza e o Parque das Laranjeiras, ambos com quatro indicações, observamos, prioritariamente, como dado determinante, o fator aproximação. O primeiro, Jardim Mariliza, faz divisa com o Parque Carmo Bernardes. O segundo, o Parque das Laranjeiras, apesar de um pouco mais afastado, localiza-se na mesma região. O motivo que levou os freqüentadores a indicarem esses locais foram, como mostra o Quadro 16, a visita aos amigos e parentes, bem como a busca de lazer, seja o futebol praticado no campo do Jardim Mariliza ou mesmo a visita aos bares no Parque das Laranjeiras. Outros bairros como o Setor Pedro Ludovico, o Setor Sul, o Bairro Feliz, o Setor Bueno e o Setor Universitário, foram citados, cinco, quatro e três vezes, respectivamente. Dentre os motivos para os deslocamentos para esses bairros estão a diversão, especialmente o Setor Bueno. No total, foram citados trinta e um bairros no município de Goiânia e um no município de Aparecida de Goiânia, que recobrem praticamente todas as regiões da cidade. O que fez com que esses bairros não constassem no Quadro 15, bem como no Mapa 04 (página seguinte), foi o número baixo de indicações, ou seja, vinte bairros foram citados apenas uma vez e três bairros apenas duas vezes. A nossa opção foi a de representar os deslocamentos diários em quatro grupos com os bairros mais indicados. Dessa forma procuramos estabelecer quatro padrões de deslocamento: o primeiro de vinte e oito indicações. O segundo dezenove indicações. O terceiro têm como parâmetro sete indicações e o quarto vai de três a cinco indicações.

MAPA 04

DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR SETOR EM GOIÂNIA A PARTIR DO PARQUE CARMO BERNARDES



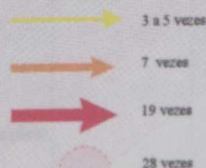
LEGENDA

Regionalização da zona urbana de Goiânia

A Região Central	D Região Sudoeste	G Região Noroeste
B Região Leste	E Região Oeste	H Região Norte
C Região Sul	F Região Mendaña	I Região Meia Ponte
Parque Carmo Bernardes	Área Rural	Estrada Federal
		Estrada Estadual

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
e Instituto de Planejamento Municipal (IPLAN)

NÚMERO DE DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR FLUXO



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFG

INSTITUTO DE ESTUDOS SOCIO-AMBIENTAIS

IESA

Mestrado em Geografia

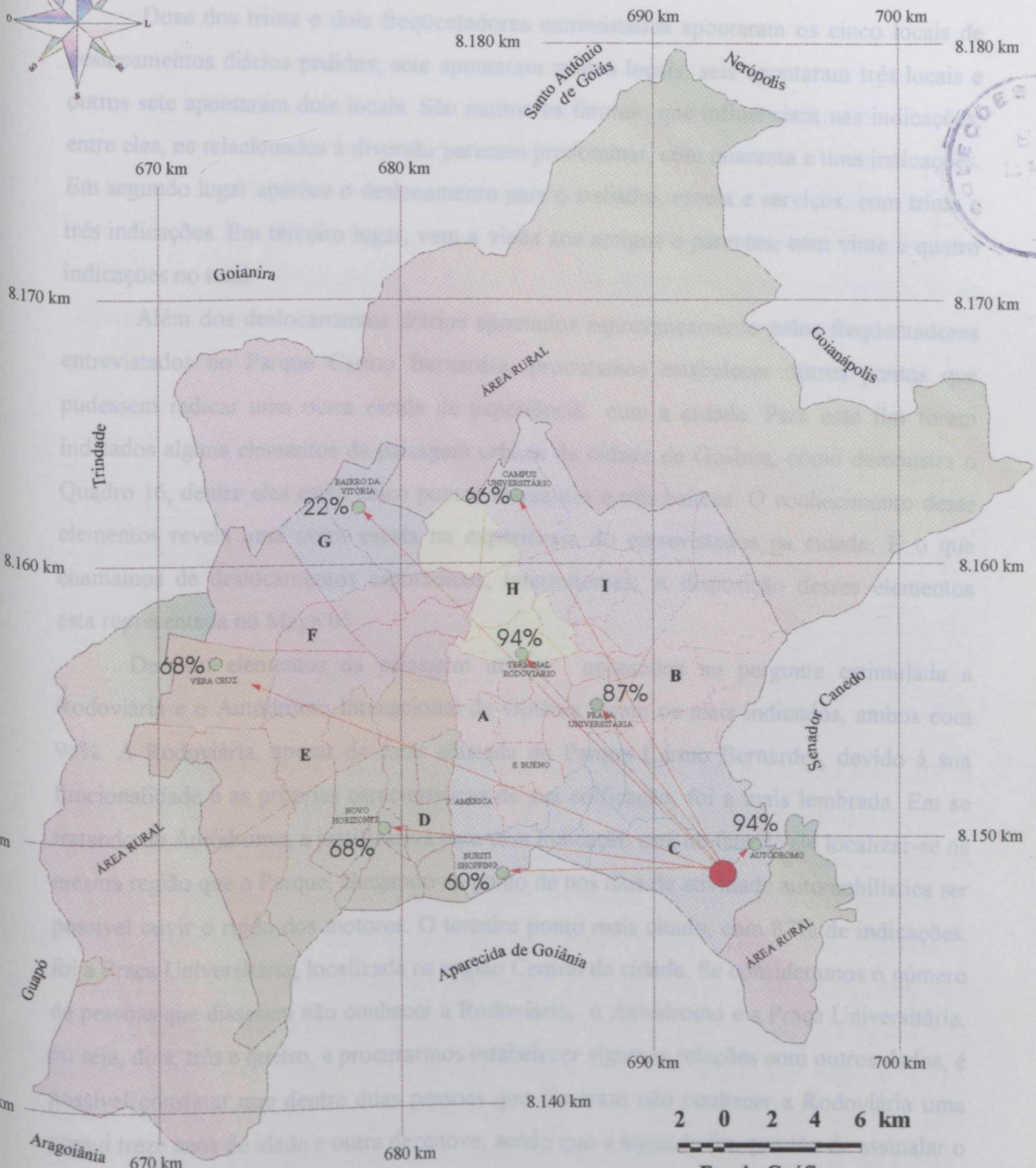
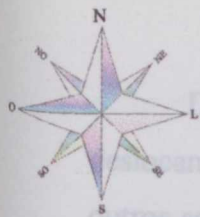
Orientadora:

Lana de Souza Cavalcanti

Orientando:

Tadeu Pereira Alencar Arrah

ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA EM GOIÂNIA - P.C.B.



2 0 2 4 6 km

Escala Gráfica

LEGENDA

Regionalização da zona urbana de Goiânia

- | | | |
|-------------------------|--------------------------|----------------------------|
| A Região Central | D Região Sudoeste | G Região Noroeste |
| B Região Leste | E Região Oeste | H Região Norte |
| C Região Sul | F Região Mendaña | I Região Meia Ponte |

Parque Carmo Bernardes **Elemento da paisagem urbana (% de indicações)**

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e Instituto de Planejamento Municipal (IPLAN)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFG

INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

IESA

Mestrado em Geografia

Orientadora:

Lana de Souza Cavalcanti

Orientando:

Tadeu Pereira Alencar Arrais

Dose dos trinta e dois freqüentadores entrevistados apontaram os cinco locais de deslocamentos diários pedidos; sete apontaram quatro locais; seis apontaram três locais e outros sete apontaram dois locais. São muitos os fatores que influenciam nas indicações, entre eles, os relacionados à diversão parecem predominar, com quarenta e uma indicações. Em segundo lugar aparece o deslocamento para o trabalho, escola e serviços, com trinta e três indicações. Em terceiro lugar, vem a visita aos amigos e parentes, com vinte e quatro indicações no total.

Além dos deslocamentos diários apontados espontaneamente pelos freqüentadores entrevistados no Parque Carmo Bernardes, procuramos estabelecer outros pontos que pudessem indicar uma outra escala de experiência com a cidade. Para esse fim foram indicados alguns elementos da paisagem urbana da cidade de Goiânia, como demonstra o Quadro 16, dentre eles estão cinco pontos marcantes e três bairros. O conhecimento desses elementos revela uma outra escala na experiência do entrevistados na cidade. É o que chamamos de deslocamentos esporádicos, intermitentes. A disposição desses elementos esta representada no Mapa 05.

De oito elementos da paisagem urbana apontados na pergunta estimulada a Rodoviária e o Autódromo Intenacional de Goiânia foram os mais indicados, ambos com 94%. A Rodoviária, apesar de estar afastada do Parque Carmo Bernardes, devido à sua funcionalidade e as próprias características de sua edificação, foi a mais lembrada. Em se tratando do Autódromo, a justificativa para essa indicação está no fato de ele localizar-se na mesma região que o Parque, chegando ao ponto de nos dias de atividade automobilística ser possível ouvir o ruído dos motores. O terceiro ponto mais citado, com 87% de indicações, foi a Praça Universitária, localizada na região Central da cidade. Se consideramos o número de pessoas que disseram não conhecer a Rodoviária, o Autódromo e a Praça Universitária, ou seja, dois, três e quatro, e procurarmos estabelecer algumas relações com outros dados, é possível constatar que dentre duas pessoas que disseram não conhecer a Rodoviária uma possui treze anos de idade e outra dezenove, sendo que a segunda fez questão de assinalar o seu aspecto caseiro. Das duas que disseram não conhecer o Autódromo, uma havia mudado recentemente para a região, a outra é dona de casa e se mostrou reticente em responder às perguntas, depois constatamos que o seu universo de conhecimento da cidade se restringia à cada de amigos e à igreja. Em se tratando da Praça Universitária a relação é parecida,

acrescentando o fato de que das três pessoas que disseram não conhecê-la, uma possui onze anos de idade. Há uma grande similaridade entre as indicações para os três primeiros pontos marcantes, o que muda quando passamos para os próximos, ou seja, alguns bairros, como podemos observar no Quadro 16. Essa similaridade que nos referimos esta relacionada à pouca diferença entre número de indicações entre a Rodoviária e o Autódromo e a Praça Universitária. Ao passarmos para os próximos elementos da paisagem urbana, ou seja, o Conjunto Vera Cruz, e a Vila Novo Horizonte, o Campus II da Universidade Federal de Goiás e o Buriti *Shopping*, constataremos outra similaridade quanto ao número de indicações, que podem, por outro lado, revelar relações diferentes.

QUADRO 17

ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA EM GOIÂNIA – P.C.B.				
NOME	CATEGORIA	REGIÃO DA CIDADE	INDICAÇÕES	%
RODOVIÁRIA	PONTO MARCANTE	CENTRAL	30	94%
AUTÓDROMO	PONTO MARCANTE	SUL	30	94%
PRAÇA UNIVERSITÁRIA	PONTO MARCANTE	CENTRAL	28	87%
VERA CRUZ	BAIRRO	MEDANHA	22	68%
NOVO HORIZONTE	BAIRRO	SUDOESTE	22	68%
CAMPUS UFG	PONTO MARCANTE	MEIA PONTE	21	66%
BURITI SHOPPING	PONTO MARCANTE	SUL	19	60%
BAIRRO DA VITÓRIA	BAIRRO	NOROESTE	07	22%

Uma certa surpresa nas indicações ficou por conta do Conjunto Vera Cruz e a Vila Novo Horizonte, ambos indicados por 68% dos entrevistados, já que os dois bairros estão distantes do Parque, como ilustra o Mapa 05. Este fato deveu-se, especialmente, às relações de amizade, parentesco e trabalho entre moradores desses bairros e os frequentadores do Parque, especialmente os adultos. Dos dez entrevistados que disseram não conhecer o Conjunto Vera Cruz, quatro possuem entre onze e quatorze anos de idade. Desses dez, seis disseram também não conhecer a Vila Novo Horizonte, o que somados às outras três indicações negativas somam 68%, ou seja, vinte e duas indicações. Em sexto e sétimo lugares ficaram o Campus II da Universidade Federal de Goiás e o Buriti *Shopping*, com 66% e 60% das indicações, respectivamente. Em se tratando do Campus II da U.F.G., devido o seu distanciamento e ao baixo nível de instrução dos frequentadores entrevistados, o número baixo de indicações é normal. Já com o Buriti *shopping*, mais próximo do Parque, a relação não é tão simples assim. Muitas pessoas apontaram o Buriti *shopping* sem conhecê-lo, ou seja, frequentá-lo com regularidade. Isso serve até mesmo para os mais

jovens. O Buriti *shopping* foi apontado mais como marco divisório entre o município de Goiânia e o de Aparecida de Goiânia do que como opção de lazer e serviços.

Por último, com 22% de indicações, está o Bairro da Vitória, localizado na região Noroeste da cidade. As referências aos problemas de segurança e infra-estrutura nesse bairro já foram feitas em outro momento. Um dado interessante a colocar é a confusão quando da aplicação da entrevistas, pois próximo ao Parque Carmo Bernardes existe um bairro com o nome Jardim Vitória, o que necessitou de uma maior atenção para que as confusões fossem evitadas. O distanciamento entre esses bairros foi o fator determinante no baixo número de indicações, uma vez que o Bairro da Vitória, dentre todos os elementos citados da paisagem urbana, é o que se encontra mais distante do Parque Carmo Bernardes.⁷ Dentre as pessoas que fizeram a indicação positiva, um visita constantemente sua irmã, primos e amigos, que moram na citada região. Talvez por isso ele não tenha se referido ao Bairro da Vitória como um lugar puramente violento, como alguns fizeram em outro momento.

Como pudemos notar, os deslocamentos esporádicos, marcados pelos pontos marcantes e bairros, representam uma escala de experiência na cidade. Quando associamos esses deslocamentos esporádicos aos deslocamentos cotidianos, representados no Quadro 17 e 16, respectivamente, ampliamos a escala da experiência urbana. Mas isso não basta. É preciso relacionar esses dados, a partir de sua visualização nos Mapas 04 e 05, às informações obtidas no Quadro 14 (pontos lembrados de Goiânia) e no Quadro 15 (problemas da cidade de Goiânia), buscando elementos que possam justificar a imagem da cidade construída pelos frequentadores do Parque. A relação entre esses indicadores permite inferir:

1º – a imagem positiva de Goiânia apontada por 57% entrevistados está influenciada pelo conhecimento prévio da cidade, como demonstra o Mapa 04. O círculo de percepção da cidade apresentado no Mapa 04 nos ajuda a justificar essa hipótese, uma vez que na região circulada não há problemas quanto as condições de infra-estrutura e serviços oferecidos;

⁷ Deve-se apontar que dos frequentadores entrevistados 12% disseram conhecer os oito elementos da paisagem urbana de Goiânia indicados. Outros 44% conhecem de seis a sete, 26% de quatro a cinco e 18% de 1 a três elementos da paisagem urbana indicados.



2º – a questão da configuração da paisagem no interior do círculo também é importante, podendo ou não influenciar no prazer visual, na contemplação daqueles que circulam por esses lugares. Quanto a isso, com exceção do Centro e do Setor Bueno (citado apenas três vezes) o padrão de edificações horizontais predomina no percurso, bem como a disponibilidade e infra-estrutura básica;

3º – visualizando os Mapas 04 e 05, e associando-os aos deslocamentos e aos problemas da cidade, constatamos algo interessante: os problemas estruturais da cidade não correspondem à escala da experiência urbana dos frequentadores entrevistados. Em se tratando da violência, não se pode dizer que a região circulada seja “violenta”, muito menos que o trânsito nessa mesma região seja tumultuado. Certamente há regiões mais povoadas e mais violentas que a do Parque Carmo Bernardes.

A par dessas observações podemos dizer com segurança que no processo de construção da imagem da cidade a percepção espacial é importante, complementada, é claro, por outras manifestações. O dado subjetivo e as condições de existência material bem como a consciência de classe, como veremos no capítulo quarto, influenciam significativamente, ao nível individual e coletivo, o processo de construção da imagem. Podemos classificar tudo isso como produção do espaço urbano a partir das ideologias, seja aquela que não permite que o espaço seja visto enquanto resultado das contradições sócio-econômicas de um modo específico de produzir, seja a que proponha uma nova visão dessa mesma contradição.

4 – Uma comparação necessária

Como é possível notar, até agora há mais diferenças do que semelhanças entre o Parque Vaca Brava e o Parque Carmo Bernardes, a começar pelas maneiras de ocupar o espaço e o tempo por parte dos frequentadores. Os dados apontam para grupos sociais distintos, seja segundo a condição sócio-econômica e renda, grau de instrução ou mesmo padrão de moradia. Para começar os dois parques localizam-se em bairros distantes. O primeiro, Parque Vaca Brava, próximo à região central da cidade e o segundo, Parque Carmo Bernardes, no extremo da região Sul da cidade. O padrão das edificações que caracteriza o entorno desses parques também é bastante diferente, refletindo as condições

sócio-econômicas dos moradores do entorno dos dois parques: a verticalidade predomina nas proximidades do Parque Vaca Brava, ao contrário do Parque Carmo Bernardes onde há o predomínio da horizontalidade.

Por outro lado, especialmente em se tratando do Parque Vaca Brava, devemos ter cuidado ao relacionar o padrão de edificação do entorno aos grupos que freqüentam o parque, pois há pessoas provenientes de diversos lugares da cidade. Foram citados durante a entrevista realizadas mais de vinte e cinco bairros, o que demonstra a diversidade na residência dos moradores, que não pode ser identificada com um simples olhar, já que o padrão de comportamento e as próprias vestimentas são parecidos. O fato é que as pessoas se arrumam, se embelezam, independentemente do bairro de residência, para ir ao parque. Já no Parque Carmo Bernardes ocorre o oposto, pois ele é freqüentado quase que exclusivamente por moradores do Parque Atheneu. Isso faz com que não haja, pelo menos nosso olhar não captou, uma ritual de visita ao parque, o que se constitui em um dado interessante, se considerado que isso pode refletir numa relação mais segura, simbolicamente falando, em relação aos freqüentadores do parque.

Outra questão que merece destaque é distância entre os dois parques quanto aos investimentos em infra-estrutura e manutenção, o que influencia nas relações entre os freqüentadores e os parques. Basta fazer uma breve comparação entre os quadros que retratam as reclamações gerais a respeito dos dois parques para que o raciocínio seja comprovado: no Parque Vaca Brava quase não há reclamações quanto à infra-estrutura, como por exemplo a depredação da pista de cooper e aparelhos de ginástica, o lixo na área do parque, ou mesmo iluminação. Não que não haja depredação, até porque já demonstramos o contrário. A questão é que quando ocorre a depredação a manutenção é rápida, a reposição das perdas é rápida, pois se trata do cartão postal da cidade. Arriscaríamos a dizer que a quantidade de lixeiras danificadas em dois meses no Parque Vaca Brava daria para suprir as necessidades, quanto à esse item, no Parque Carmo Bernardes. Neste, diferentemente, são muitas as reclamações quanto a infra-estrutura: desde falta de iluminação, passando pelo lixo depositado no parque, até a depredação.

Essas diferenças estruturais refletem e influenciam nas relações travadas entre os freqüentadores dos parques, o que pode ser evidenciado ao observarmos, por exemplo, o comportamento dos grupos de jovens e crianças que freqüentam esses parques. De um lado,

no Parque Vaca Brava, crianças e jovens bem vestidos, com um padrão de comportamento marcado por um léxico próprio: paqueras, conversas sobre o colégio, visitas aos *shoppings* e bares badalados ditam o ritmo do parque e influenciam no uso do tempo e espaço. Do outro lado, no Parque Carmo Bernardes, crianças soltas, cavalgando, soltando pipa, jogando futebol, pedalando e jovens praticando exercícios.

Outro ponto a destacar está nos dados relativos aos principais problemas da cidade de Goiânia apontados pelos frequentadores dos dois parques, como demonstram os Quadros 08 e 15. Fazendo uma breve comparação, observamos que a violência ocupou 41% das reclamações e o trânsito tumultuado 22% dos problemas apontados na cidade, segundo os entrevistados no Parque Vaca Brava. No Parque Carmo Bernardes, a violência também foi ponto de destaque, ocupando o primeiro lugar com 50% das indicações sobre os principais problemas da cidade, ficando em segundo lugar o desemprego, com 18%. Esses dados nos remete a pensar em duas questões. A primeira na similaridade entre a preocupação com a violência pelos frequentadores entrevistados nos dois parques. A segunda sobre as diferenças referentes aos outros problemas indicados pelos mesmos frequentadores, o que revela percepções de grupos diferentes.

A questão da violência é um dado preocupante e merece ser considerada com cuidado. Mas de que violência estamos nos referindo? Foi comum, nas conversas, encontrar a palavra violência relacionada ao crime, ao roubo, aos menores delinquentes, consumo de drogas, como também foi comum a relação entre esses dados e a palavra cidade. Assim a violência passou a ser entendida enquanto problema exclusivo da cidade, do homem citadino. Nessa ótica a violência está na cidade e não na produção do espaço. Raciocínio esse muito comum, que camufla a verdadeira violência, ou seja, aquela que decorre da produção contraditória do espaço urbano. Há uma diferença significativa no que poderíamos chamar de representação da violência urbana, aquela entendida por seus habitantes, e a violência urbana real, que não escapa a um olhar mais criterioso sobre a produção da cidade. Segundo Viana (1999:09):

A violência urbana não é a violência que ocorre no espaço urbano e sim a violência derivada do espaço urbano. A violência urbana é resultado dos conflitos e problemas urbanos. Como compreender a violência urbana sem antes compreender a constituição do espaço urbano e dos problemas e conflitos derivados da organização do espaço urbano?

Com essa conceituação podemos refletir sobre a similaridade na preocupação com a violência urbana entre dois grupos de freqüentadores tão distintos. A palavra violência, citada tantas vezes, deve ser compreendida enquanto insegurança diante do aumento da criminalidade, resultado, nos dias atuais, de um modo específico de produção (o capitalista) que materializa suas contradições na cidade, o que no entendimento dos entrevistados não tem muita semelhança com a violência urbana. A violência urbana, na realidade, está no próprio processo de produção dos dois parques enquanto espaços seletivos, marcados por um modelo de produção do espaço que tem na exclusão a causa primeira de sua existência. Amenidades sobram de um lado, enquanto do outro há uma carência absoluta de investimentos e atenção. É nessa produção contraditória do espaço urbano que encontramos a origem da violência urbana. Nesse sentido, ela está tanto no Parque Vaca Brava quanto no Parque Carmo Bernardes. Numa espécie de metáfora espacial podemos dizer que o primeiro só existe por causa do segundo, muito embora o segundo não saiba disso, e por isso mesmo não reivindica o direito de utilizar o primeiro.

Outro ponto a destacar é o relacionado ao segundo dado sobre os problemas da cidade de Goiânia apontados pelos freqüentadores dos parques em questão. No Parque Vaca Brava o trânsito tumultuado veio em segundo lugar, com 22% das indicações. Já no Parque Carmo Bernardes o desemprego ocupou o segundo lugar, com 18% das indicações. Tal fato reforça a nossa idéia de que a experiência particular de um bairro influencia na percepção da cidade, fato que pôde ser comprovado se observado a densidade de veículos automotores na região próxima ao Parque Vaca Brava, ou mesmo, em se tratando do Parque Carmo Bernardes, do baixo grau de instrução e qualificação profissional, o que dificulta o acesso ao mercado de trabalho e justifica a preocupação com o desemprego.

As diferenças apontadas entre os parques, como tantas outras, demonstram a contradição na produção do espaço urbano. Demonstram uma nova faceta no valor do solo urbano, marcada pelo consumo de imagens. Imagens marcadas pelo valor do solo urbano. Valor do solo urbano demarcado pela imagem. É agradável, e ao mesmo tempo caro, morar próximo ao Parque Vaca Brava, afinal ele representa a síntese da vida urbana ideal, da cidade desejada. Ao contrário, o Parque Carmo Bernardes representa e apresenta uma outra faceta do espaço urbano, uma outra forma de valorização do espaço público marcada por uma espécie de cumplicidade comunitária. A diferença entre os dois parques também está



no uso, na apropriação⁸ por parte dos frequentadores, seja para o lazer ou qualquer outra atividade. Está no cotidiano. No cotidiano que extrapola os limites da casa, da rua, do bairro, da cidade. Está, na realidade, na própria concepção de espaço público, comunidade, rua, lazer. Na própria idéia de cidade, na própria imagem da cidade.

Todas essas questões, como já dissemos, refletem-se no uso do espaço e do tempo. Mas também reflete na imagem, ou melhor nas imagens da cidade. A cidade vista de pontos diferentes, as imagens construídas de pontos diferentes, por pessoas e grupos diferentes.

Haverá a imagem da cidade?

CAPÍTULO IV

⁸ SANTOS & ARNO (1985) Desenvolveram um estudo comparativo muito interessante entre as formas diferenciadas de apropriação dos espaços públicos, tendo como parâmetro o centro do Catumbi, bairro tradicional do Rio de Janeiro que passava por transformações de ordem urbanística, e um conjunto de prédios planejados intitulado de Selva de Pedra, marcado pelo padrão horizontal.

1 - As imagens da cidade

A cidade não é apenas uma linguagem, mas uma prática.
Henri Lefebvre, O direito à cidade, 1969.

No terceiro capítulo, procuramos entender a construção da imagem da cidade a partir de dois parques no município de Goiânia, tendo como parâmetro de análise os deslocamentos espaciais, bem como as relações cotidianas de grupos de entrevistados nos Parques Vaca Brava e Carmo Bernardes. O nosso objetivo foi demonstrar que a cidade é concebida, vista, sentida, vivida, de pontos de diferentes. Agora pretendemos analisar as imagens dos grupos entrevistados para verificarmos, essa é uma das nossas hipóteses, se a imagem da cidade está imbuída de uma prática espacial e ideológica que reproduz as relações sociais, como também o seu contrário, ou seja, as resistências, através do que chamamos no primeiro capítulo de discursos ordinários.

A imagem da cidade partindo das práticas espaciais, o que não exclui as relações subjetivas e emotivas entre os indivíduos, nos faz pensar em dois aspectos do espaço

CAPÍTULO IV

no interior da cidade. Ao escrever sobre essas relações Corrêa (1989:07) demonstra que elas:

manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associadas às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos quotidianos entre áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes para compras no centro da cidade ou nas lojas do bairro, as visitas aos parentes e amigos, e as idas ao cinema, culto religioso, praia e parques.

Essas relações manifestam-se empiricamente entre os indivíduos e as partes da cidade e estão impregnadas dos mais diferentes significados. A experiência da cidade, manifestada pelos deslocamentos diários e esporádicos, pela informação televisiva, pela leitura dos sinais, pelos relatos, influencia decididamente a construção da realidade de cada indivíduo e pode revelar as contradições expressas na paisagem. Os parques, enquanto paisagem funcionais similares e diferentes ao mesmo tempo, demonstram que a própria produção e apropriação da paisagem urbana é seletiva.

1 – As imagens da cidade

A cidade não é apenas uma linguagem, mas uma prática.
Henri Lefebvre, O direito à cidade, 1969.

No terceiro capítulo, procuramos entender a construção da imagem da cidade a partir de dois parques no município de Goiânia, tendo como parâmetro de análise os deslocamentos espaciais, bem como as relações cotidianas de grupos de entrevistados nos Parques Vaca Brava e Carmo Bernardes. O nosso objetivo foi demonstrar que cidade é concebida, vista, sentida, vivida, de pontos de diferentes. Agora pretendemos comparar as imagens dos grupos entrevistados para verificarmos, essa é uma das nossas hipóteses, se a imagem da cidade esta imbuída de uma prática espacial e ideológica que reproduz as relações sociais, como também o seu contrário, ou seja, as resistências, através do que chamamos no primeiro capítulo de discursos ordinários.

A imagem da cidade partindo das práticas espaciais, o que não exclui as relações subjetivas e emotivas entre os indivíduos, nos faz pensar em dois aspectos do espaço urbano: o que Corrêa (1989) adjetivou de “fragmentariedade” e “articularidade”. Por esses dois aspectos podemos entender as relações entre os parques enquanto pontos “distintos” no interior da cidade. Ao escrever sobre essas relações Corrêa (1989:07) demonstra que elas:

manifestam-se empiricamente através de fluxos de veículos e de pessoas associadas às operações de carga e descarga de mercadorias, aos deslocamentos quotidianos entre áreas residenciais e os diversos locais de trabalho, aos deslocamentos menos frequentes para compras no centro da cidade ou nas lojas do bairro, às visitas aos parentes e amigos, e às idas ao cinema, culto religioso, praia e parques.

Essas relações manifestam-se empiricamente entre os indivíduos e as partes da cidade e estão impregnadas dos mais diferentes significados. A experiência da cidade, manifestada pelos deslocamentos diários e esporádicos, pela informação televisiva, pela leitura dos signos, pelos relatos, influencia decididamente a construção da realidade de cada indivíduo e pode revelar as contradições expressas na paisagem. Os parques, enquanto paisagens funcionais similares e diferentes ao mesmo tempo, demonstram que a própria produção e apropriação da paisagem urbana é seletiva.

A necessidade de falar em paisagem urbana resulta das suas particularidades: a paisagem de uma maneira geral diferencia-se da paisagem urbana especialmente pelo sentido atribuído aos fluxos e fixos na cidade. A questão está na densidade de pessoas, objetos, relações, símbolos, que particularizam a paisagem urbana, o que dificulta sobremaneira a sua apreensão enquanto processo. Muitas vezes entendemos, especialmente nas cidades, as constantes alterações na paisagem como algo normal, como uma necessidade imperativa do “progresso”, sem nos preocuparmos com as ambigüidades e interesses dessas alterações. Atitude como essa faz com que a cidade seja vista enquanto um ambiente em constante mutação. Mutação dos edifícios, das ruas, dos espaços públicos, da forma propriamente dita, poucas vezes do processo. A grande armadilha é pensar que a mutação da forma é anterior à do processo, da relação. O processo, esse sim, determina a configuração da paisagem. A forma, resultado do processo, muitas vezes impede que os indivíduos, devido à aparente facilidade de percepção, pensem o significado real da paisagem, e busquem entender a cidade por ela mesma. A nossa tarefa é, lembrando Santos (1996:62): “ultrapassar a paisagem enquanto aspecto, para chegar ao seu significado”, na medida que, como nos mostra Carlos (1994:36) “o mundo fenomênico – das formas, das representações do dia-a-dia – é onde as coisas aparecem de maneira independente, onde ocorrem as manipulações, pois além de a essência não se revelar imediatamente, pode se manifestar em algo que é o seu contrário”.

A contradição entre o entendimento da paisagem enquanto *aspecto* e *significado* fica demonstrada quando observamos as imagens distintas por parte dos grupos entrevistados nos parques. O que dificulta a compreensão do espaço a partir da paisagem é o entendimento da última enquanto aspecto, o que impede, devido a própria carga ideológica que está inscrita na produção do espaço, que os freqüentadores do Parque Vaca Brava e do Parque Carmo Bernardes entendam que a produção desses espaços vai além dos limites dos próprios parques, dos próprios bairros. Que os parques, visivelmente diferentes, são a expressão de paisagens heterogêneas movidas por um mesmo processo, uma mesma relação.

Sabemos que o espaço urbano é produzido por essas relações, até porque a literatura do urbano é densa a esse respeito. Desse momento em diante, pretendemos entender como essas relações podem produzir diferentes imagens da cidade, dificultando a

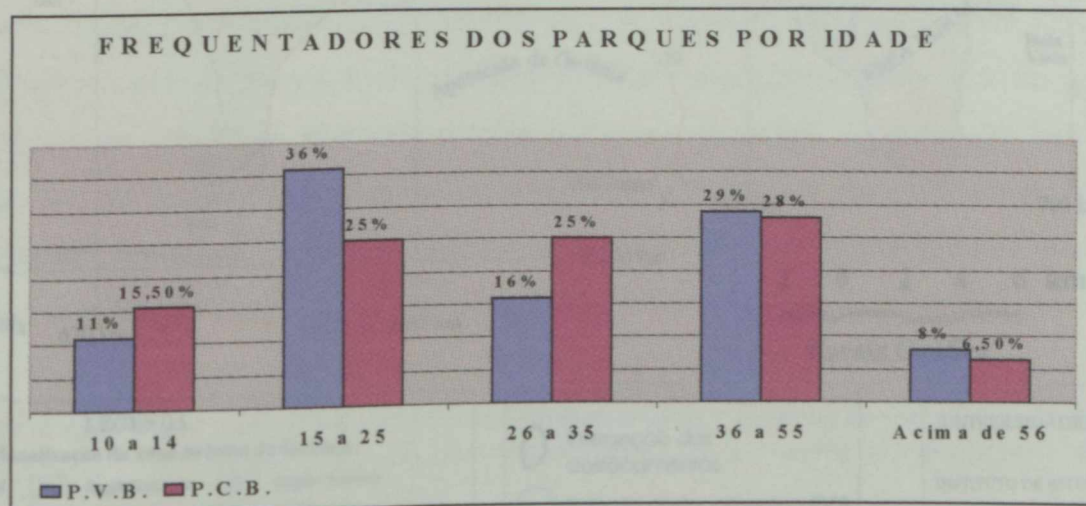
apreensão da totalidade, do que está por trás dos parques. Para isso é preciso estabelecermos comparações no processo de construção das imagens que vão além daquelas desenvolvidas no capítulo terceiro, dando ênfase, nesse último capítulo à experiência espacial enquanto dado que pode camuflar as contradições na produção do espaço urbano, que pode ser revelada nas partes da cidade, nos parques. A totalidade enquanto processo, não enquanto imagem. A imagem apresenta a síntese da totalidade, não a totalidade. Uma síntese conduzida por determinados valores, e produzida, muitas vezes, pelos discursos disciplinares e homogeneizadores.

O Quadro 18 sintetiza algumas informações importantes do ponto de vista dos deslocamentos diários, além de mostrar uma certa similaridade nas razões desses deslocamentos. Tanto no Parque Vaca Brava quanto no Parque Carmo Bernardes esses deslocamentos se dão, primeiramente, em função da diversão, logo após vem o trabalho / escola / serviços e por último amigos e parentes. O que não é de se estranhar, uma vez que, como demonstra o Gráfico 04, uma parte considerável dos entrevistados nos parques encontram-se na faixa etária entre dez e trinta e cinco anos.

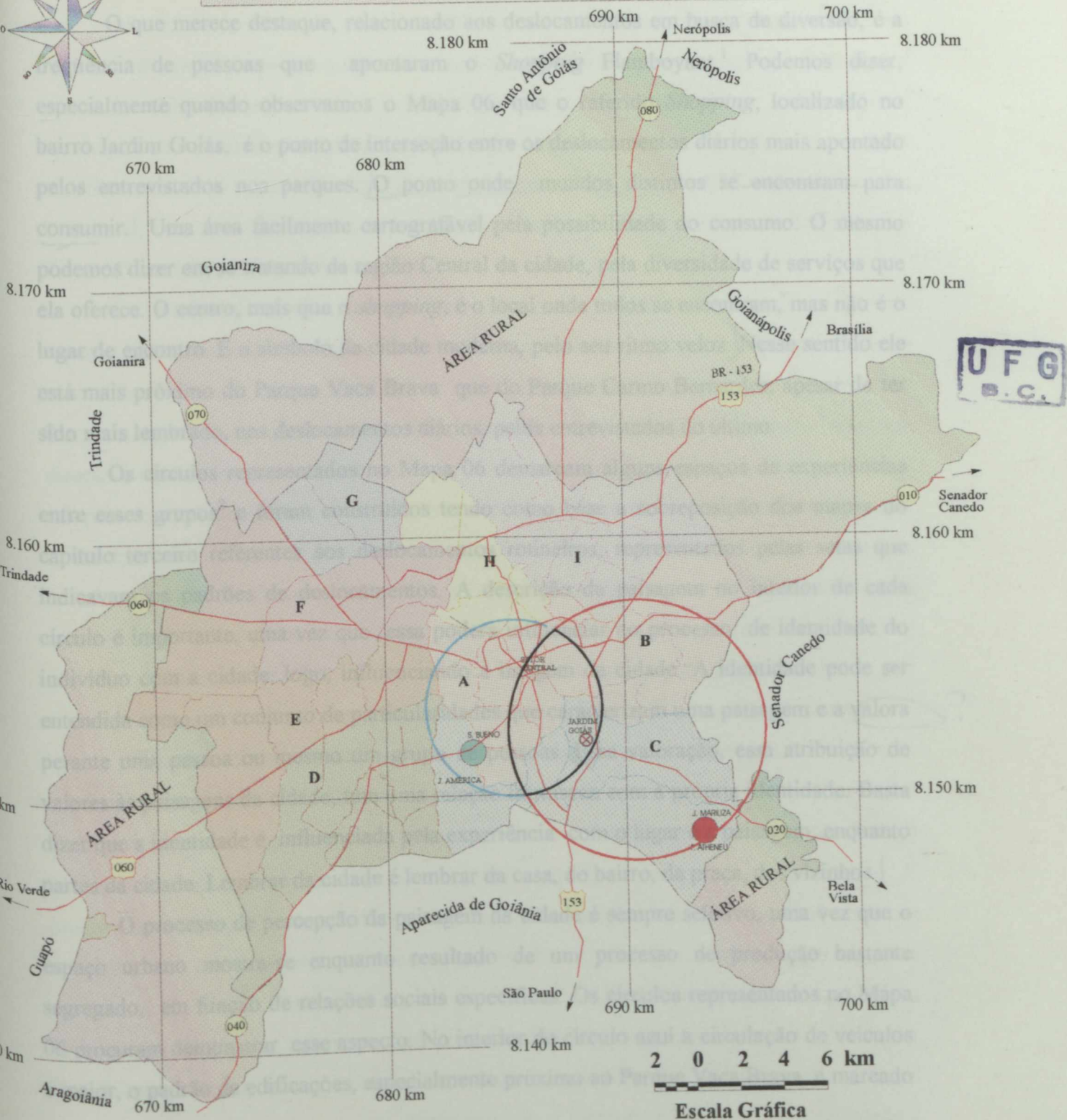
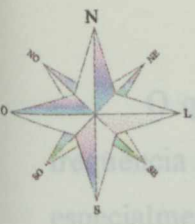
QUADRO 18

DESLOCAMENTOS DIÁRIOS POR ATIVIDADE – P.V.B. / P.C.B.			
	Trabalho / Escola / Serviços	Diversão	Amigos e Parentes
P.V.B.	27,8%	50,0%	22,2%
P.C.B.	33,6%	41,8%	24,6%

GRÁFICO 04



DESLOCAMENTOS DIÁRIOS -
P.V.B. / P.C.B.



LEGENDA

Regionalização da zona urbana de Goiânia

- | | | | | | |
|---|------------------------|---|-----------------|---|---------------------|
| A | Região Central | D | Região Sudoeste | G | Região Noroeste |
| B | Região Leste | E | Região Oeste | H | Região Norte |
| C | Região Sul | F | Região Mendaíha | I | Região Meia Ponte |
| | Parque Vaca Brava | | Área Rural | | Estrada Federal |
| | Parque Carmo Bernardes | | | | Estrada Estadual |
| | | | | | Shopping Flamboyant |

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
e Instituto de Planejamento Municipal (IPLAN)



Interseção dos
deslocamentos



Raio de deslocamento - P.V.B.



Raio de deslocamento - P.C.B.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFG

INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

IESA

Mestrado em Geografia

Orientadora:

Lana de Souza Cavalcanti

Orientando:

Tadeu Pereira Alencar Arrais

O que merece destaque, relacionado aos deslocamentos em busca de diversão, é a frequência de pessoas que apontaram o *Shopping Flamboyant*.¹ Podemos dizer, especialmente quando observamos o Mapa 06, que o referido *Shopping*, localizado no bairro Jardim Goiás, é o ponto de interseção entre os deslocamentos diários mais apontado pelos entrevistados nos parques. O ponto onde mundos distintos se encontram para consumir. Uma área facilmente cartografável pela possibilidade do consumo. O mesmo podemos dizer em se tratando da região Central da cidade, pela diversidade de serviços que ela oferece. O centro, mais que o *shopping*, é o local onde todos se encontram, mas não é o lugar de encontro. É o símbolo da cidade moderna, pelo seu ritmo veloz. Nesse sentido ele está mais próximo do Parque Vaca Brava que do Parque Carmo Bernardes, apesar de ter sido mais lembrado, nos deslocamentos diários, pelos entrevistados do último.

Os círculos representados no Mapa 06 demarcam alguns espaços de experiências entre esses grupos² e foram construídos tendo como base a sobreposição dos mapas do capítulo terceiro referentes aos deslocamentos rotineiros, representados pelas setas que indicavam os padrões de deslocamentos. A descrição da paisagem no interior de cada círculo é importante, uma vez que essa poderá influenciar no processo de identidade do indivíduo com a cidade, logo, influenciando a imagem da cidade. A identidade pode ser entendida como um conjunto de particularidades que caracterizam uma paisagem e a valoram perante uma pessoa ou mesmo um grupo de pessoas. Essa valoração, essa atribuição de valores às paisagens da cidade, tem uma relação intrínseca com a própria identidade. Basta dizer que a identidade é influenciada pela experiência com o lugar e a paisagem, enquanto partes da cidade. Lembrar da cidade é lembrar da casa, do bairro, da praça, dos vizinhos.

O processo de percepção da paisagem da cidade é sempre seletivo, uma vez que o espaço urbano mostra-se enquanto resultado de um processo de produção bastante segregado, em função de relações sociais específicas. Os círculos representados no Mapa 06 procuram demonstrar esse aspecto. No interior do círculo azul a circulação de veículos é maior, o padrão de edificações, especialmente próximo ao Parque Vaca Brava, é marcado

¹ Dentre as indicações de deslocamento para diversão no Jardim Goiás, o *shopping* foi indicado por 27 das 28 pessoas que apontaram esse bairro no P.V.B. Em se tratando do P.C.B., o *shopping* foi indicado por 17 das 19 pessoas que apontaram esse bairro.

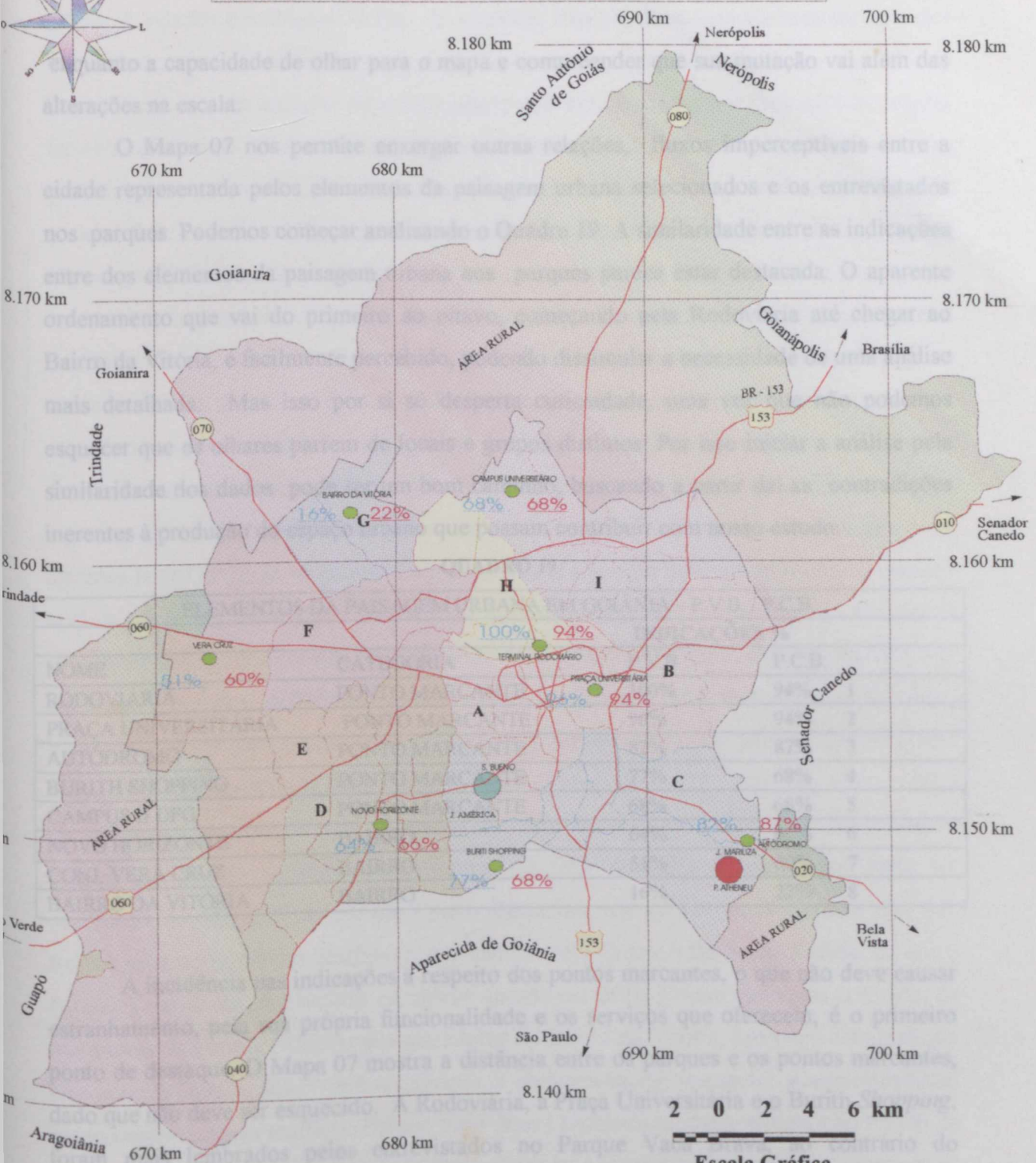
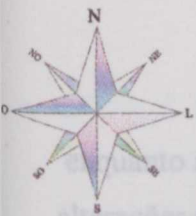
² Experiência, segundo TUAN (1983:09): "É um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade". Esse conceito nos permite, claramente, entender que os espaços demarcados pelos círculos não esgotam e nem representam todas as formas de construção da realidade.

pela verticalidade, a oferta de serviços públicos como segurança e coleta de lixo é mais regular, entre outros aspectos que caracterizam essa região como um espaço privilegiado do ponto de vista das amenidades socialmente criadas e a atenção do Poder Público municipal. Ao contrário, a quase totalidade do círculo vermelho representa a periferia propriamente dita, lugar afastado do centro, marcado por um padrão de edificações horizontal, com uma população, especialmente aquela que mora nos setores limítrofes ao Parque Carmo Bernardes, de baixa renda.

Os círculos, de maneira alguma, determinam as experiências. Eles mostram-se como espaços onde essas experiências são construídas. Os bares movimentados do Setor Oeste, o campo de futebol do Jardim Mariliza, as igrejas do Parque Atheneu, as escolas do Setor Bueno, o trajeto percorrido pelo ônibus nas manhãs levando estudantes e trabalhadores em direção à região Central da cidade, as feiras livres, os próprios parques, são espaços onde as relações de identidade são reforçadas. Entendido dessa forma os círculos não representam os limites, muito menos as fronteiras, até porque os limites e as fronteiras entre esses dois mundos não são facilmente tangíveis, pois estão nas relações, na produção do espaço urbano. Os círculos, poderíamos dizer, representam o espaço mais imediato das relações sociais, o espaço do trabalho, do lazer, das visitas aos amigos, da escola, da busca por serviços. O espaço vivido, percorrido, que extrapola os limites da casa e da vizinhança.

Além dos círculos existem outras cidades, marcadas por paisagens heterogêneas, impossíveis de serem descritas na sua forma ou mesmo sentido. O Mapa 07 (página seguinte) apresenta alguns pontos, alguns elementos da paisagem urbana, que podem indicar uma outra escala da experiência, além daquelas representadas nos círculos. É preciso, antes de tudo, para entender melhor as representações (mapas e quadros) conhecer a cidade, ou pelo menos imaginar-se percorrendo os caminhos. Saber o que significa deslocar-se do Parque Vaca Brava até o Bairro da Vitória, localizado numa das regiões mais pobres da cidade, entender o percurso, imaginar o encontro de mundos distintos. Depois regressar pelo mesmo percurso e perceber que no intervalo de horas tudo mudou, e só assim compreenderemos que por menor que seja a representação, a escala, a realidade é mais complexa. Exercício difícil, mas necessário. Para tanto devemos resgatar aquilo que Calvino (1995:108) chamou de visibilidade, o “pensar por imagens”, aqui entendida

DESLOCAMENTOS ESPORÁDICOS - P.V.B. / P.C.B.



2 0 2 4 6 km

Escala Gráfica

LEGENDA

Regionalização da zona urbana de Goiânia

Região Central	D	Região Sudoeste	G	Região Noroeste
Região Leste	E	Região Oeste	H	Região Norte
Região Sul	F	Região Mendaña	I	Região Meia Ponte
Parque Vaca Brava		Área Rural		Estrada Federal
Parque Carmo Bernardes				Estrada Estadual

FONTE: Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
e Instituto de Planejamento Municipal (IPLAN)

● Elementos da paisagem urbana (bairros e pontos marcantes)
(% de deslocamentos esporádicos)
% P.V.B.
% P.C.B.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

UFG

INSTITUTO DE ESTUDOS SÓCIO-AMBIENTAIS

IESA

Mestrado em Geografia

Orientadora:

Lana de Souza Cavalcanti

Orientando:

Tadeu Pereira Alencar Arrais

enquanto a capacidade de olhar para o mapa e compreender que sua mutação vai além das alterações na escala.

O Mapa 07 nos permite enxergar outras relações, fluxos imperceptíveis entre a cidade representada pelos elementos da paisagem urbana selecionados e os entrevistados nos parques. Podemos começar analisando o Quadro 19. A similaridade entre as indicações entre dos elementos da paisagem urbana nos parques parece estar destacada. O aparente ordenamento que vai do primeiro ao oitavo, começando pela Rodoviária até chegar ao Bairro da Vitória, é facilmente percebido, podendo dissimular a necessidade de uma análise mais detalhada. Mas isso por si só desperta curiosidade, uma vez que não podemos esquecer que os olhares partem de locais e grupos distintos. Por isso iniciar a análise pela similaridade dos dados pode ser um bom caminho, buscando a partir daí as contradições inerentes à produção do espaço urbano que possam contribuir com nosso estudo.

QUADRO 19

ELEMENTOS DA PAISAGEM URBANA EM GOIÂNIA – P.V.B. / P.C.B.				
		INDICAÇÕES %		
NOME	CATEGORIA	P.V.B	P.C.B.	
RODOVIÁRIA	PONTO MARCANTE	100%	94%	1
PRAÇA UNIVERSITÁRIA	PONTO MARCANTE	96%	94%	2
AUTÓDROMO	PONTO MARCANTE	82%	87%	3
BURITH SHOPPING	PONTO MARCANTE	77%	68%	4
CAMPUS II UFG	PONTO MARCANTE	68%	68%	5
NOVO HORIZONTE	BAIRRO	64%	66%	6
CONJ. VERA CRUZ	BAIRRO	51%	60%	7
BAIRRO DA VITÓRIA	BAIRRO	16%	22%	8

A incidência nas indicações a respeito dos pontos marcantes, o que não deve causar estranhamento, pela sua própria funcionalidade e os serviços que oferecem, é o primeiro ponto de destaque. O Mapa 07 mostra a distância entre os parques e os pontos marcantes, dado que não deve ser esquecido. A Rodoviária, a Praça Universitária e o Burith Shopping, foram mais lembrados pelos entrevistados no Parque Vaca Brava, ao contrário do Autódromo, mais lembrado pelos entrevistados do Parque Carmo Bernardes, resultados que devem ser relacionados com os fatores proximidade / distância. Notamos que mesmo sendo a Rodoviária e o Burith Shopping mais lembrados pelos entrevistados no Parque Vaca Brava, isso não significa que esses pontos marcantes sejam freqüentados por esse

grupo. A relação é ambígua. O fato de conhecer não significa necessariamente que eles freqüentem, como já colocamos no capítulo terceiro, especialmente em se tratando do Buriti *Shooping*. Os espaços de sociabilidade são outros, como por exemplo, o próprio Goiânia *Shooping*. O mesmo ocorre em se tratando do Autódromo, indicado pelos entrevistados no Parque Carmo Bernardes. A relação que determina o conhecimento é a de proximidade, considerando especialmente as condições sócio-econômicas do grupo entrevistado, bem como a idade, uma vez que nem todos que apontaram esse ponto marcante o freqüentam. A exceção ficou por conta do Campus II da Universidade Federal de Goiás, ponto marcante distante dos dois parques. O número de indicações, em se tratando do Parque Vaca Brava, pode ser entendido como normal, especialmente se entendermos a sua relação com o grau de instrução e profissão dos entrevistados. Nesse parque foram entrevistados vários profissionais autônomos que já haviam concluído o curso superior, como também universitários e secundaristas que conheciam ou estudavam no Campus II da U.F.G. Já no Parque Carmo Bernardes a relação deve ser estendida, o que nos leva a relacionar esse dado às condições profissionais dos entrevistados. Há certas profissões que favorecem um conhecimento maior da cidade, especialmente aqueles que necessitam de uma mobilidade maior, como vendedores, militares, mestre de obras, mecânico, motoristas, alguns dos profissionais entrevistados no parque que disseram conhecer o Campus II da U.F.G.

Quando passamos para a análise dos bairros, enquanto elementos da paisagem urbana da cidade, constatamos os limites do fator distância. É que, como pode ser observado no Mapa 07, o Parque Carmo Bernardes encontra-se mais distante dos três bairros apontados, o Novo Horizonte, o Conjunto Vera Cruz e o Bairro da Vitória, do que o Parque Vaca Brava. A distância espacial é apenas um dado. Há um dado que aproxima os moradores do Parque Atheneu dos moradores do Bairro da Vitória, por mais distantes que eles possam parecer. Estamos nos referindo à distância social, resultado da seletividade do espaço urbano, nesse sentido o Parque Vaca Brava encontra-se mais distante do Bairro da Vitória, do Conjunto Vera Cruz e do Novo Horizonte do que o Parque Carmo Bernardes. Isso fica comprovado quando observamos que todos aqueles que disseram conhecer o Bairro da Vitória fizeram isso sem nenhum estranhamento, preconceito. O mesmo não ocorreu com o Parque Vaca Brava, como demonstramos no capítulo terceiro, onde alguns

entrevistados mostraram-se reticentes em relação ao Bairro da Vitória, comentando sobre a insegurança e pobreza na região.

Os deslocamentos ordinários e esporádicos, indicam que os entrevistados possuem práticas espaciais diferentes na cidade, que envolvem modos de vidas específicos a cada grupo. Essas práticas foram influenciadas por diversos fatores, a condição econômica, o grau de instrução, a profissão, a sociabilidade, entre outros, além da própria paisagem. Para Harvey (1996:69), o aspecto da cidade e a disposição dos seus espaços “formam uma base material a partir da qual é possível pensar, avaliar e realizar uma gama de possíveis sensações e práticas sociais”. A questão a ser colocada agora é a seguinte: até que ponto essas práticas influenciaram a imagem da cidade dos grupos entrevistados?

Os elementos que temos até o momento nos permitem lançar reflexões sobre as imagens dos entrevistados nos parques, especialmente se partimos da interpretação das representações sobre essas práticas. De um lado, por parte dos entrevistados no Parque Vaca Brava, temos uma cidade envolta pela beleza de um parque. Cidade boa para morar onde se tem qualidade de vida. Cidade bonita e tranqüila. Cidade verde e ecológica, Cidade florida com muitos jardins, apontadas por 35%, 24%, 14% e 7% (Quadro 07, p. 68) dos entrevistados no Parque Vaca Brava, respectivamente. De outro lado, uma cidade diferente, vista de um ponto diferente, do Parque Carmo Bernardes. Entre a Cidade boa para viver, a Cidade bonita e tranqüila, a Cidade verde, apontadas por 26%, 22%, e 9% dos entrevistados no Parque Carmo Bernardes, encontramos a Cidade violenta e a Cidade suja, apontadas por 6% e 3% dos entrevistados, respectivamente (Quadro 14, p. 93), além daqueles 25% que mostraram-se indiferentes à questão.

A similaridade entre essas cidades, ou melhor, entre esses olhares, não correspondem, segundo o olhar do pesquisador, com a prática da cidade, pois essa imagem, enquanto síntese, pode camuflar a contradição. O papel das representações a partir dos deslocamentos espaciais, bem como os estudos do cotidiano dos entrevistados, é justamente revelar o que está dissimulado, escondido por trás dessas imagens. O fato de duas imagens majoritariamente positivas³ preocupa, pois são olhares de classes sobre a cidade, representações induzidas pela ideologia que transforma a cidade em mercadoria, em consumo.

³ 80% dos frequentadores do P.V.B. e 63% do P.C.B. indicaram uma imagem positiva da cidade.

A cidade enquanto locus da produção, produção que não se limita ao econômico, mas estende-se ao simbólico. A cidade enquanto imagem, consumo de imagem, fetichização do espaço, característica da sociedade burocrática do consumo dirigido, indica uma nova forma de consumir. Lefebvre (1991:100), ao se referir ao consumo nessa sociedade, assim se expressa:

O ato de consumir é um ato imaginário (portanto, fictício) tanto quanto um ato real (sendo o próprio 'real' dividido em pressões e apropriações. Ele adquire então um aspecto metafórico (a felicidade em cada bocado, em cada erosão do objeto) e metonímico (todo o consumo e toa a felicidade de consumir em cada objeto e em cada ato... Consumo imaginário, consumo do imaginário – os textos de publicidade – e consumo real não têm fronteiras que os delimitem.

Nessa sociedade a cidade deixa de ser essencialmente um local de consumo, como fora tempos atrás, especialmente o centro, para transformar-se em objeto de consumo, signo de consumo, mercadoria vendida em partes, parcelas. Nessa sociedade terrorista (Lefebvre, 1991) consumimos a imagem, a representação metonímica e neutra da cidade a partir de locais específicos. O Parque Vaca Brava é um exemplo disso, pois apresenta e representa Goiânia, uma determinada Goiânia. Distante dali o Parque Carmo Bernardes, que não apresenta, mas representa a cidade. Representa uma cidade que não deve ser apresentada nos postais, uma vez que não é objeto do *marketing*. Essa é uma das formas de reprodução das relações sociais, que é fetiche, pois procura apresentar a mercadoria sem as contradições que estavam impressas na sua produção. Em se tratando da cidade, realidade contraditória por excelência, isso é muito perigoso, pois corremos o risco de acreditar que o espaço urbano seja considerado estável e neutro, uma vez que a contradição encontra-se encoberta, desafiando o olhar ordinário, bem como o pesquisador.

Esse olhar ordinário, como pudemos observar em alguns momentos no Parque Vaca Brava, enxergou uma periferia pobre, os meninos de rua, o trânsito tumultuado, o lixo na rua (Quadro 08, p. 68), muito embora não tenha contestado o estado geral das coisas, até porque isso colocaria em risco (não em todos os casos) a sua própria existência enquanto classe. Já o olhar ordinário que partiu do Parque Carmo Bernardes, além de enxergar uma cidade "violenta", com problemas como o desemprego e uma periferia pobre, enxergou o Parque Vaca Brava e as contradições na sua produção. Dos entrevistados no Parque Carmo

Bernardes, 60% disseram conhecer o Parque Vaca Brava⁴. Perguntados sobre o por que das diferenças entre os parques, alguns responderam: “aqui não tem recurso. Lá tá perto do *shopping*”; “aqui é periferia”; “falta interesse”; “a parte periférica é mais esquecida. Aqui não vem governador, nem turista”; “lá é bairro da elite. Está mais próximo das autoridades. Aqui é bairro pobre”; “tudo é diferente, cuidado, as pessoas que moram e o seu nível de vida e cultural, e lá é melhor, mais bonito e mais agradável (Sic.)”; “tudo aqui é diferente. Não tem eventos e nem organização”. As opiniões demonstram discursos ordinários que negam a homogeneidade proposta pelos discursos disciplinários. Demonstram que a vida urbana pode ser contestadora do terrorismo, opondo-lhe, como sugeriu Lefebvre (1991), um “contra-terrorismo”, uma alternativa nascida e alimentada no cotidiano.

Dessa forma, entre discursos e imagens Goiânia vai transformando suas realidades. À cidade edificada sob os pressupostos da modernidade racionalizante, à metrópole do oeste repleta de contradições, como foi apontado no capítulo segundo, à “cidade ecológica” que se revestiu em flores, entre tantas outras, podemos somar a Goiânia vista dos parques. Essas Goiânias, ideológicas por natureza, tem geografias particulares esperando para serem decifradas. Em cada uma delas, esse foi o nosso propósito, tentamos buscar a totalidade, ou pelo menos chegar perto dela. Para isso foi necessário interpretar os olhares, os discursos, as práticas, o espaço e seu uso a partir da imagem. Aqui estudamos da produção de duas imagens. A primeira, as imagens produzidas com intencionalidades específicas pelos discursos disciplinários e homogeneizadores, imagens diferentes construídas a partir de relações semelhantes, envolvendo tanto o Poder Público municipal quanto o poder privado. Esse primeira imagem aparece enquanto síntese de uma Goiânia ideal, mais para reprodução do capital do que para o cidadão, apesar de a ideologia afirmar o contrário. A segunda imagem, da cidade real, é resultado da vivência cotidiana construída a partir das incertezas e dos discursos ordinários no urbano. Podemos encontrá-la nas fissuras da Goiânia ideal, na periferia, nas pontes, nos fundos de vale, e até mesmo no próprio Parque Vaca Brava.

O que fizemos foi estabelecer o confronto entre duas formas de construir as imagens e os mecanismos de persuasão e resistência, tendo como ponto central a produção

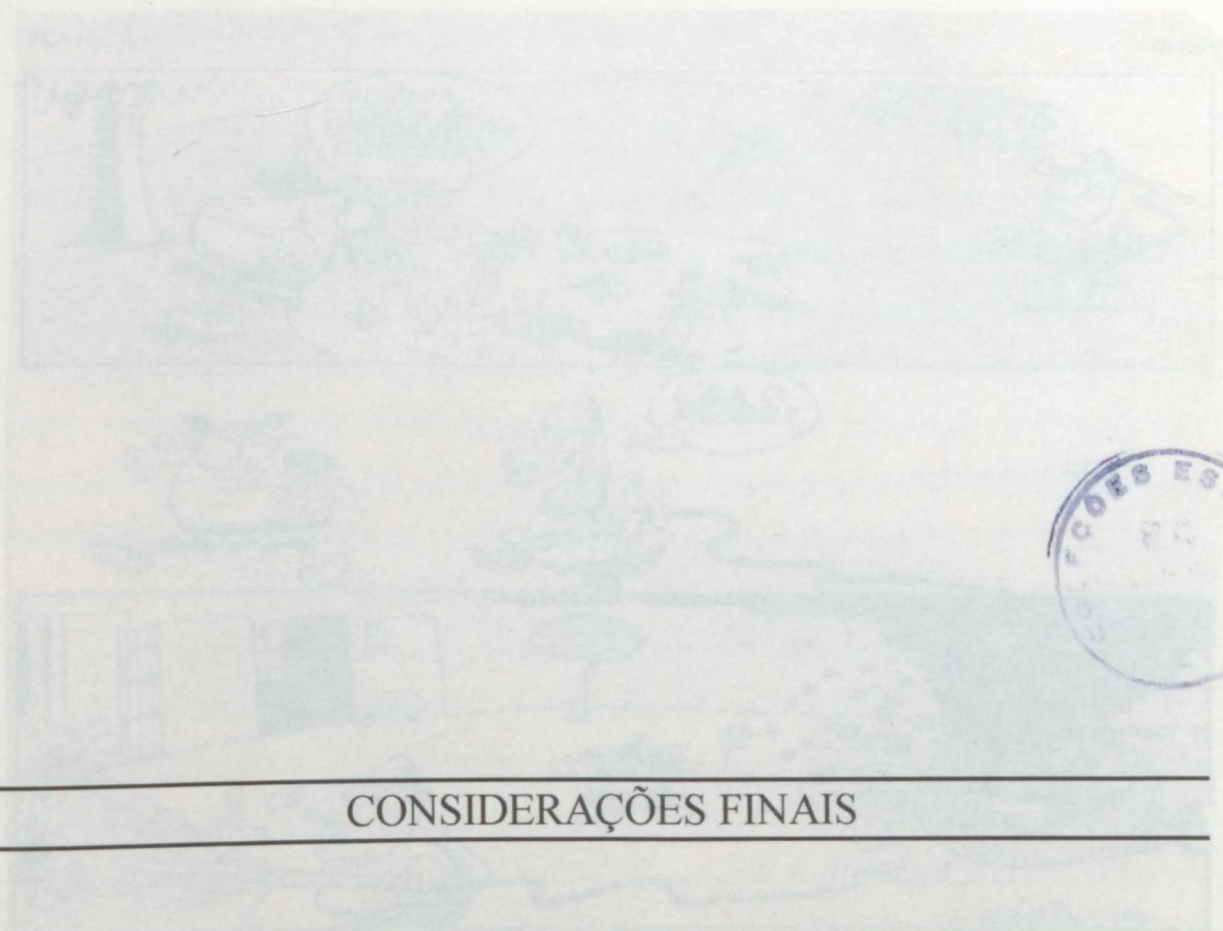
⁴ Devemos lembrar que apenas um entrevistado no Parque Vaca Brava soube explicar a localização do Parque Carmo Bernardes. Em se tratando do Parque Carmo Bernardes dezenove dos trinta e dois entrevistados disseram conhecer o Parque Vaca Brava.



do espaço, seja o cotidiano, o vivido, o percorrido, o planejado que determina a localização dos elementos da paisagem urbana, bem como suas contradições. A neutralidade do espaço, da paisagem, da imagem, foi contestada. Não pelo pesquisador com sua visão supostamente crítica, ao concluir sua pesquisa. Mas por todos aqueles que, de uma forma ou de outra, enxergaram uma Goiânia além dos parques. O problema, assim, não é o que os parques representam, mas o que eles apresentam enquanto fetiche para os indivíduos. A dialética dos parques é a própria dialética da cidade. Devemos ser capazes de olhar para o lago do Parque Vaca Brava e observar atentamente o que ele reflete: para alguns é o *shopping* e os edifícios. Para outros, o lago reflete o Parque Carmo Bernardes, ou seja, a contradição na produção e apropriação do espaço urbano. Uma pergunta ainda persiste: de onde partirá a desalienação? Do Parque Vaca Brava? Do Parque Carmo Bernardes? Da cidade? **Do urbano?**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

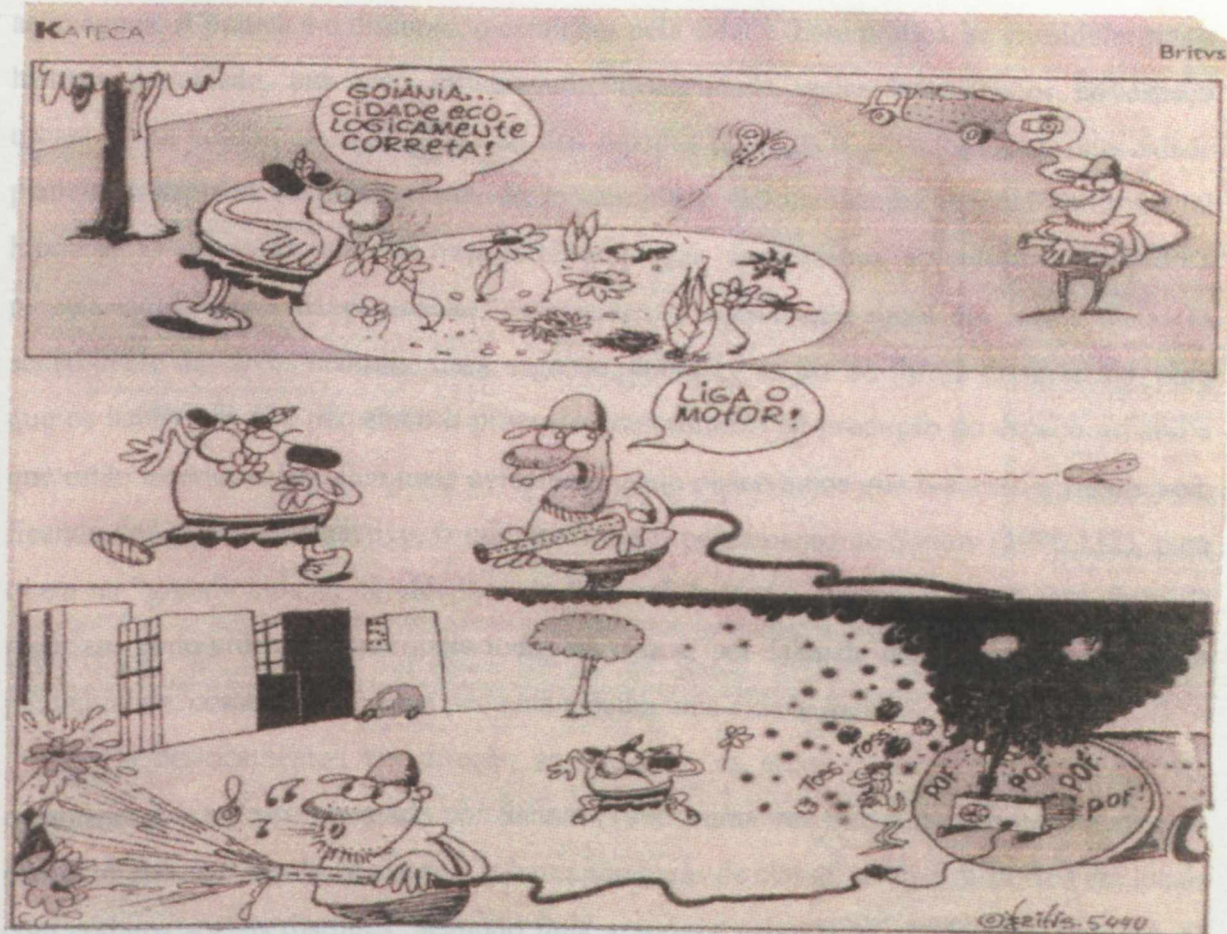




CONSIDERAÇÕES FINAIS

KATECA (JORNAL O POPULAR, 15/07/1997)

A representação nos faz pensar numa série de questões que foram atroladas ao longo do trabalho. A repercussão da imagem ecológica no cotidiano, as flores próximas aos prédios, ao centro propriamente dito, bem como o papel contraditório do Poder Público municipal, enquanto agente fiscalizador e poluidor do meio ambiente, ao mesmo tempo. Kateca, personagem dos quadrinhos muito conhecido em Goiânia, com sua inocência e comicidade enxerga isso. Ele observa e se mantém confuso frente a contradição, refazendo suas representações sobre a cidade que julgava ser "ecologicamente correta". Pode-se notar o confronto entre as imagens através do seu discurso ordinário: "Goiânia: cidade ecologicamente correta" – sua prática de cidade contestou a imagem. Aqui dois discursos e duas imagens são apresentados. O discurso disciplinar e homogeneizador que procurou criar uma imagem e o discurso ordinário e cotidiano que contestou a imagem criada pelo primeiro discurso, propondo uma outra imagem, nascida da prática espacial, na vivência



KATECA (JORNAL O POPULAR, 15/07/1997)

A representação nos faz pensar numa série de questões que foram arroladas ao longo do trabalho. A repercussão da imagem ecológica no cotidiano, as flores próximas aos prédios, ao centro propriamente dito, bem como o papel contraditório do Poder Público municipal, enquanto agente fiscalizador e poluidor do meio ambiente, ao mesmo tempo. Kateca, personagem dos quadrinhos muito conhecido em Goiânia, com sua inocência e comicidade enxerga isso. Ele observa e se mantém confuso frente a contradição, refazendo suas representações sobre a cidade que julgava ser “ecologicamente correta”. Pode-se notar o confronto entre as imagens através do seu discurso ordinário: “Goiânia... cidade ecologicamente correta” – sua prática da cidade contestou a imagem. Aqui dois discursos e duas imagens são apresentados. O discurso disciplinário e homogeneizador que procurou criar uma imagem e o discurso ordinário e cotidiano que contestou a imagem criada pelo primeiro discurso, propondo uma outra imagem, nascida da prática espacial, na vivência.

Chega-se à conclusão de que a prática da cidade pode contestar ou mesmo afirmar as imagens. A prática é o discurso, o caminhar pela cidade. Essa prática, se considerarmos a história da cidade, tem sido influenciada, disciplinada, pelas intervenções no espaço urbano, bem como pela especialização dos espaços públicos e privados. Enquanto cidade planejada segundo os pressupostos da modernidade racionalizante, Goiânia confirma tal hipótese. O acesso às redes de transporte, às praças, aos parques, ao entorno, é negado à parcela significativa da população, especialmente aquela que mora em locais distantes socialmente das áreas centrais. Essa negação, contudo, se faz de forma dissimulada, para que os habitantes não percebam o processo contraditório na produção do espaço urbano a que estão inseridos. Isso fica mais evidente quando observamos que o acesso à cidade vem ficando cada vez mais seletivo, o que confirma o pensamento de Santos (1996:112), para quem na "grande cidade, há cidadãos de diversas ordens e classes, desde o que, farto de recursos, pode utilizar a metrópole toda, até o que, por falta de meios, somente a utiliza parcialmente, como se fosse uma pequena cidade, uma cidade local".

Os deslocamentos em direção ao trabalho, às escolas, aos bares, entre outros, demonstram o aspecto apontado por Santos (1996), uma vez que o trabalho é trabalho de classe. A escola é escola de classe. Os bares são bares de classe, sempre dispostos em locais com códigos sociais distintos, segundo uma grandeza pautada na condição econômica. O urbanismo, intencionalmente, se encarrega disso, impedindo o encontro diário entre esses mundos, entre os bares, entre as escolas, entre os parques. Esse é o seu papel histórico. Segundo Debord (1997:113):

O urbanismo é a realização moderna da tarefa permanente que salvaguarda o poder de classe: manutenção da atomização de trabalhadores que as condições urbanas de produção tinham perigosamente reunido (Sic). A luta sempre travada contra todos os aspectos dessa possibilidade de encontro descobre no urbanismo seu campo privilegiado.

A cidade se fecha, contornada por uma muralha intransponível. O famoso "ar de liberdade" que envolvia a cidade cede lugar para a clausura dos iguais. Fora da cidade, excluídos da festa, resta a diferença, os diferentes. Não os comerciantes ou mesmo os leprosos, como em algum lugar na idade média, mas os pobres. Estes tem um tempo

determinado para usar a cidade (geralmente gasto no trabalho e na locomoção) e retornar para fora dos muros, para “as periferias”. *isso é necessário que a Geografia, como vem*

As reflexões nos mostram que a segregação não se restringe ao local de residência. Ela também está na perspectiva do uso da cidade enquanto cidadão. Mais do que ir e vir, devemos reivindicar o ficar e o utilizar. Pensar no direito ao encontro entre a diferença, só isso poderá garantir a sobrevivência da cidade que se encontra ameaçada, mesmo que as imagens insistam em demonstrar o contrário, em afirmar que o bárbaro foi vencido. O bárbaro, como demonstrou Munford (1998), não é mais aquele que vem de fora. Ela está dentro da cidade. Seu papel é semelhante ao do urbanista, com sua prancheta sem vida, riscando um parque aqui e outro parque muito acolá, como se ambos não fizessem parte da mesma cidade. Da mesma forma o bárbaro destinou atenção diferenciada aos parques, por entender que isso poderia garantir sua sobrevivência enquanto bárbaro, com isso, sem perceber, ele próprio criou no urbano as condições necessárias para o seu desaparecimento.

Kateca, bem como os entrevistados nos parques, vão descobrindo outras Goiânias, independente das ações do bárbaro. Sem saber, eles próprios vão sendo sujeitos de discursos. Cada um deles tem sua própria imagem da cidade, escondida em suas vivências, no imaginário. Cada qual enxerga a contradição na produção do espaço urbano de maneira diferente. Alguns, como parcela dos entrevistados no Parque Carmo Bernardes, contestam. Outros, como alguns entrevistados no Parque Vaca Brava, mostram-se indiferentes. Já Kateca, nosso personagem, percebe algo de estranho. Ele não se sente identificado com tudo o que ocorre, estranha a modernidade, resiste, luta, ao seu modo, com suas estratégias, contra a “fumaça”, contra os discursos disciplinários e homogeneizadores. No dizer de Certeau (1996), Kateca representaria o praticante ordinário da cidade. O homem comum, como tantos outros entrevistados nos parques, como tantos outros não apresentados nas imagens sínteses.

Procuramos, um pouco como Kateca, identificar a contradição existente entre a imagem e a prática da cidade, oferecendo elementos, a partir de uma interpretação geográfica, que possam contestar a síntese ideológica que vem procurando transformar as diversas Goiânias em uma só Goiânia, movida por interesses específicos, por discursos específicos. Acreditamos que a Geografia, sem esquecer que as relações sociais estão reproduzidas no cotidiano, pode nos ajudar a enxergar isso. Que a Geografia pode mudar a

nossa forma de olhar para a realidade, o que também significa agir sobre a realidade, transformando-a em algo melhor. Para isso é necessário que a Geografia, como vem ocorrendo, invista em novas formas de apreensão da realidade através e pelo espaço.

Novas tarefas estão sendo colocadas para a Geografia Urbana, entre elas pensar a ligação entre a imagem e o urbano numa perspectiva espacial, o que requer uma atenção maior quanto aos pressupostos teóricos metodológicos que guiarão tanto a pesquisa quanto a prática do geógrafo. Acreditamos que um dos caminhos possíveis para a apreensão da realidade urbana seja o materialismo histórico geográfico (como também a dialética sócio espacial) proposto por Harvey (1994) e Soja (1993), não por apresentarem uma novidade, mas por nos fazerem refletir sobre a dinâmica espacial numa perspectiva dialética e simbólica, onde o ser social tem papel privilegiado. Por essa abertura procuramos pensar o espaço urbano e sua relação com a imagem e os discursos produzidos no urbano sobre a cidade de Goiânia.

ANEXOS



ENTREVISTA A

Nome: _____ Profissão: _____
 Local de nasc.: _____ Idade: _____ Sexo: 1º Grau () 2º Grau () 3º Grau ()
 Tendência: Setor Básico () / Acadêmica () / N. Seção () / S. Magist. () / Outras: _____

1 - Há quanto tempo você frequenta o Parque Vera Bravai?
) Eventualmente () menos de 1 ano () 1 a 2 anos () de 2 a 3 anos () mais de 3 anos

2 - Horário

	S	T	Q	Q	S	S	D
Manhã ()	()	()	()	()	()	()	()
Tarde ()	()	()	()	()	()	()	()
Noite ()	()	()	()	()	()	()	()

3 - Atividade:

Cooper () Ginástica () Lazer () Caminhada () Outras: _____

4 - O que mais lhe chama a atenção nesse Parque?

ANEXOS

5 - Tem alguma reclamação em relação ao Parque?

6 - Alguma sugestão para que o Parque melhore?

7 - Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente?

8 - Na sua opinião qual o principal problema da cidade de Goiânia?

9 - Que lugares em Goiânia você costuma frequentar além do Parque? (escola, trabalho, diversão etc.)

Setor: _____
 Setor: _____
 Setor: _____
 Setor: _____
 Setor: _____

10 - Qual desses locais você conhece?

Rodoviária () B. Vitoria () Campus II UFG () Berini Shopping () Conj. Vera Cruz ()
 Autódromo Internacional () V. Novo Horizonte () Praça Universitária ()

11 - Você conhece o Parque Carimo Bernardes? Sim () Não ()

P.V.B. _____

ENTREVISTA A

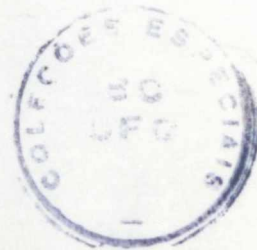
Nome: _____ Profissão: _____
 Local de nasc.: _____ - Idade: _____ Instr.: 1º Grau () 2º Grau () 3º Grau ()
 Residência: Setor Bueno () J. América () N. Suíça () S. Marista () Outros: _____

1 - Há quanto tempo você frequenta o Parque Vaca Brava:

() Eventualmente () menos de 1 ano () 1 a 2 anos () de 2 a 3 anos () mais de 3 anos

2 - Horário

	S	T	Q	Q	S	S	D
Manhã ()	()	()	()	()	()	()	()
Tarde ()	()	()	()	()	()	()	()
Noite ()	()	()	()	()	()	()	()



3 - Atividade:

Cooper () Ginástica () Lazer () Caminhada () Outras: _____

4 - O que mais lhe chama a atenção nesse Parque?



5 - Tem alguma reclamação em relação ao Parque?

6 - Alguma sugestão para que o Parque melhore?

7 - Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente?

8 - Na sua opinião qual o principal problema da cidade de Goiânia?

9 - Que lugares em Goiânia você costuma frequentar além do Parque? (escola, trabalho, diversão etc.)

Setor: _____
 Setor: _____
 Setor: _____
 Setor: _____
 Setor: _____

10 - Qual desses locais você conhece?

Rodoviária () B. Vitória () Campus II UFG () Buriti Shopping () Conj. Vera Cruz ()
 Autódromo Internacional () V. Novo Horizonte () Praça Universitária ()

11 - Você conhece o Parque Carmo Bernardes ? Sim () Não ()

P.V.B. ____/____/____. ____.

ENTREVISTA B

Nome: _____ Profissão: _____
 Local de nasc.: _____ - Idade: _____ Instr.: 1º Grau () 2º Grau () 3º Grau ()
 Residência: Parque Atheneu () J. Mariliza () P. Trindade () Outros: _____

1 - Há quanto tempo você frequenta o Parque Carmo Bernardes:

() Eventualmente () menos de 1 ano () 1 a 2 anos () de 2 a 3 anos () mais de 3 anos

2 - Horário

	S	T	Q	Q	S	S	D
Manhã ()	()	()	()	()	()	()	()
Tarde ()	()	()	()	()	()	()	()
Noite ()	()	()	()	()	()	()	()

3 - Atividade:

Cooper () Ginástica () Lazer () Caminhada () Outras: _____

4 - O que mais lhe chama a atenção nesse Parque?

5 - Tem alguma reclamação em relação ao Parque?

6 - Alguma sugestão para que o Parque melhore?

7 - Quando ouve a palavra Goiânia, de que se lembra imediatamente?

8 - Na sua opinião qual o principal problema da cidade de Goiânia?

9 - Que lugares em Goiânia você costuma frequentar além do Parque? (escola, trabalho, diversão etc.)

	Setor: _____
	Setor: _____
	Setor: _____
	Setor: _____
	Setor: _____

10 - Qual desses locais você conhece?

Rodoviária () B. Vitória () Campus II UFG () Buriti Shopping () Conj. Vera Cruz ()
 Autódromo Internacional () V. Novo Horizonte () Praça Universitária ()

11 - Você conhece o Parque Vaca Brava ? Sim () Não ()

P.C.B. ____/____/____. ____.

LIVROS

A AGENDA 21 - CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Brasília, Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996.

ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: passado e avaliação. In: CARLOS, Ana Paul A. (Org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre aparelhos de estado*. 7. ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO ESTADO DE GOIÁS. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento Regional / Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

BACHERLARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo, Hucitec, 1995.

BENJAMIN, Walter. Paris no segundo império. In: *Obras escolhidas III. Charles Baudelaire um lirico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

Paris, capital do século XIX. In: FORTUNA, Carlos. (org.) *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. (s.l.) Celta Editora, 1997.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido desmancha no ar - a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.



LIVROS

A AGENDA 21 - CONFERÊNCIA DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE O MEIO AMBIENTE E DESENVOLVIMENTO. Brasília, Senado Federal, Subsecretaria de Edições Técnicas, 1996.

ABREU, Maurício de Almeida. O estudo geográfico da cidade no Brasil: evolução e avaliação. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

ALTHUSSER, Louis. *Aparelhos ideológicos de estado: nota sobre aparelhos ideológicos de estado*. 7. ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1985.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO ESTADO DE GOIÁS. Secretaria do Planejamento e Desenvolvimento Regional / Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação. Goiânia, 1996.

ARGAN, Giulio Carlo. *História da arte como história da cidade*. 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

BACHERLARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo, Martins Fontes, 1993.

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7. ed. São Paulo, Hucitec, 1995.

BENJAMIN, Walter. Paris no segundo império. In: Obras escolhidas III. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

Paris, capital do século XIX. In: FORTUNA, Carlos. (org.). *Cidade, cultura e globalização: ensaios de sociologia*. (s.l.) Celta Editora, 1997.

BERMAN, Marshall. *Tudo o que é sólido demancha no ar - a aventura da modernidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1986.

- BERNARDES, Genilda Darc. *Goiânia, cidade planejada / cidade vivida: discurso e cultura da modernidade*. Tese de Doutorado. Brasília, Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Humanas, 1998.
- BRESCIANI, Maria Stella M. *Londres e Paris no século XIX - o espetáculo da pobreza*. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- BRASILIANSE, Ely. Goiânia. In: *Revista Oeste*, Maio de 1943. Ano II, nº 4, Edição Fac. Similar Comemorativa do Cinquentenário da Fundação de Goiânia. Goiânia, U.C.G., 1993.
- CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1994.
- _____. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo, Contexto, 1994.
- CARLOS, Ana Fani A. *A cidade*. 2. ed. São Paulo, Contexto, 1994.
- _____. Repensar a geografia urbana: o balanço de um simpósio. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.). *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 1994(a).
- _____. O meio ambiente urbano e o discurso ecológico. In: *Revista do Departamento de Geografia da USP*. nº 08. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, 1994(b).
- _____. *O lugar no/do mundo*. São Paulo, Hucitec, 1996.
- CASSETI, Valter. *Ambiente e apropriação do relevo*. São Paulo, Contexto, 1991.
- CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1983.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Elementos de uma proposta de ensino de geografia no contexto da sociedade atual. In: *Boletim Goiano de Geografia*, Goiânia, Editora da UFG, Vol. 13., nº 01, jan./dez. 1993.
- DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.

ECO. A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar – elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. In: *GEOUSP*, São Paulo, Espaço e Tempo. Nº 5, Departamento de Geografia, 1999.

CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano - artes do fazer*. Petrópolis, RJ., Vozes, 1994.

_____. *A invenção do cotidiano - morar, cozinhar*. Petrópolis, RJ., Vozes, 1996.

CHAUI, Marilena. *O que é ideologia*. São Paulo, Brasiliense, 1984.

CHAUL, Nasr Rayad. *A construção de Goiânia e a transferência da capital*. Goiânia, Cegraf - UFG, 1988.

_____. *Caminhos de Goiás - da construção da decadência aos limites da modernidade*. Goiânia, Editora da UFG, 1997.

CITELLI, Adilson. *Linguagem e persuasão*. 9. ed. São Paulo, Ática 1995.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL: promulgada em 5 de outubro de 1988 - organização do texto, notas remissivas e índices por Juarez de Oliveira. São Paulo, Saraiva, 1988.

CORREIA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo, Hucitec, 1989.

COSTA, Castro. *Goiânia - metrópole do oeste*. Goiânia, Prefeitura de Goiânia, Assessoria Especial de Cultura, 1985.

_____. O sentido ideológico de Goiânia. In: *Revista Oeste*, 5 de julho de 1942. Ano I, nº 1, Edição Fac. Similar Comemorativa do Cinquentenário da Fundação de Goiânia. Goiânia: U.C.G., 1993.

CUNHA, Bernardo C. C. da. *Projeto saneamento básica e problemas ambientais em Goiânia*. Goiânia, IBGE, 1992. Inédito.

DEBORD, Guy. *A sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.



ECO, Umberto. *Viagem na irrealidade cotidiana*. 8. ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

ESTEVAM, Luis. *O tempo da transformação: estrutura e dinâmica da formação econômica de Goiás*. Goiânia, Editora do Autor, 1998.

FERRARA, Lucrécia d'Alessio. Cidade, imagem e imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz & PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre, Editora da Universidade / UFRGS, 1997.

HARVEY, David. *Olhar periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo, Editora Universidade de São Paulo, 1993.

LADRIÈRE, Jean. *Ver a cidade: cidade, imagem, leitura*. São Paulo, Nobel, 1988.

FIORIN, José Luiz. *Linguagem e ideologia*. 6. ed. São Paulo, Ática, 1998.

FOUCAULT, Michel. *A microfísica do poder*. 12. ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

_____. *Vigiar e punir*. 16. ed. Petrópolis, R.J. Vozes, 1987.

_____. *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. 6. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1992.

_____. *A ordem do discurso - aula inaugural no Collège de France*. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

GIDDENS, Antony. *As consequências da modernidade*. São Paulo, Editora da Unesp, 1991.

GODÓI, Armando Augusto de. Relatório sobre a conveniência da mudança da capital. In: *Goiânia: coletânea especialmente editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como contribuição ao batismo cultural de Goiânia*. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1942.

_____. *Valorização do espaço*. 2. ed. São Paulo, Muelha, 1987.

Goiânia. *Memória Cultural: ensaios da história de um povo*. Prefeitura Municipal de Goiânia, 1988.

GOMES, Horiestes. *Geografia - Goiás / Tocantins*. Goiânia, Cegraf - UFG, 1993.

_____. *Caminhos para a reconstrução do homem: vivência e reflexão da vida*. Goiânia, Kelps, 1998.

GONÇALVES, Nara Neide. Evolução do parcelamento urbano de Goiânia – perspectiva histórica. In: *Cadernos do INDUR*. Goiânia. v. 4, nº 4, julho de 1984.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. 7. ed. Campinas, SP., Papirus, 1990.

HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. 6. ed. São Paulo, Edições Loyola, 1996.

IPLAN. *Unidades de conservação - levantamento de dados*. PDIG - 2000. Goiânia, 1991.

LADRIÈRE, Jean. *Vida social e destinação*. São Paulo, Convívio, 1979.

LAGO, Antonio & PÁDUA, José Augusto. *O que é ecologia*. São Paulo, Brasiliense, 1985.

LE CORBUSIER. *A carta de Atenas*. São Paulo, Hucitec: EDUSP, 1993.

LEFEBVRE, Henri. *A vida cotidiana no mundo moderno*. São Paulo, Ática, 1991.

_____. *O direito à cidade*. São Paulo, Documentos, 1969.

LIMA, Atilio Correia. Plano diretor da cidade. In: *Goiânia: coletânea especialmente* editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como contribuição ao batismo cultural de Goiânia. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1942.

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. São Paulo, Martins Fontes, 1980.

MARTINS, Júnior Osmar Pires. *Uma cidade ecologicamente correta*. Goiânia, AB, 1996.

MARX, K. & ENGELS, F. *A ideologia alemã*. 5. ed. São Paulo, Hucitec, 1986.

MORAES, Antonio Carlos Robert & COSTA, Wanderley Messias da. *Geografia crítica: a valorização do espaço*. 2. ed. São Paulo, Hucitec, 1987.



- MUNFORD, Lewis. *A cidade na história – suas origens, transformações e perspectivas*. 4. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- NASCIMENTO, Maria Amélia L. S. Erosões urbanas em Goiânia. In: *Boletim Goiano de Geografia*. Nº 14. V.01, Goiânia, CEGRAF, 1994.
- OLIVEIRA, Aristeu Geovani de. *A reprodução da exclusão social em áreas de expansão urbana – um estudo de caso em assentamentos urbanos na região noroeste de Goiânia 1980 – 1998*. Dissertação de mestrado. Goiânia, Instituto de Estudos Sócio Ambientais / UFG. 1999.
- OLIVEIRA, Carlos José Ferreira. *O papel dos parques ecológicos de Goiânia: um estudo comparativo do parques Botafogo e Vaca Brava*. Relatório Parcial do PIBIC / PRPPG / UFG, Goiânia, 1998.
- PALACÍN, Luis & MORAES, Maria Augusta San'Anna. *História de Goiás*. 4. ed. Goiânia, Editora da UCG, 1986.
- PASTORE, Everaldo Antonio. *Renda fundiária e parcelamento do solo: Goiânia (1933-1983)*. Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano. Brasília, Universidade de Brasília, 1984.
- PDIG - Plano Diretor Integrado de Goiânia. Instituto de Planejamento Municipal. Goiânia, 1992.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *A cidade maldita*. In: SOUZA, Célia Ferraz & PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Org.). *Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano*. Porto Alegre, Editora da Universidade / UFRGS, 1997.
- PIETRACOLLA, Luci Gati. *O que todo cidadão precisa saber sobre a sociedade de consumo*. São Paulo, Global, 1986.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Espaço, meio ambiente e desenvolvimento: releituras do território. In: *Terra Livre* - AGB. São Paulo, 1997. n° 11-12.

SANTOS, Carlos Nelson Ferreira dos & VOGEL, Arno. (Coord.) *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro*. 3ª ed. São Paulo, Projeto, 1985.

SANTOS, Jair Ferreira dos. *O que é pós-moderno*. 3. ed. São Paulo, Brasiliense, 1986.

SANTOS, Milton. *A urbanização brasileira*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1993.

_____. *Técnica, espaço, tempo - globalização e meio técnico científico informacional*. São Paulo, Hucitec, 1994.

_____. *Metamorfose do espaço habitado*. 4. ed. São Paulo, Hucitec, 1996.

_____. *O trabalho do geógrafo no terceiro mundo*. 4. ed. São Paulo, Hucitec, 1996 b.

_____. *Por uma geografia nova*. 4. ed. São Paulo, Hucitec, 1996 c.

_____. *A natureza do espaço - técnica e tempo / razão e emoção*. 2. ed. São Paulo, Hucitec, 1997.

SEGAWA, Hugo. *Ao amor do público: jardins no Brasil*. São Paulo, Studio Nobel: Fapesp, 1996.

SEMMA - Secretária Municipal do Meio Ambiente. *Informe gestão ambiental*. Goiânia, 1997-2000.

SENNETT, Richard. *O declínio do homem público - as tiranias da intimidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1997.



- SILVA, José Borzacchiello da. Discutindo a cidade e o urbano. In: SILVA, José Borzacchiello da (Org.). *A cidade e o urbano: temas para debates*. Fortaleza, EUFC, 1997. *Diário da Manhã*, 1998/10/10.
- SOJA, Edwardw. *Geografias pós-modernas - a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1993.
- TEIXEIRA, Pedro Ludovico. O problema da mudança da capital. In: *Goiânia: coletânea especialmente editada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística como contribuição para o batismo cultural de Goiânia*. Rio de Janeiro, Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1942.
- TERNES, José. *Michel Foucault e a idade do homem*. Goiânia, Editora da UFG, 1998.
- THOMPSON, John B. *Ideologia e cultura moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis, R.J., Vozes, 1995.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores ambientais*. São Paulo, Difel, 1980.
- _____. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. São Paulo, Difel, 1983.
- VASCONCELOS, Pedro de Almeida. A cidade da geografia no Brasil. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org.) *Os caminhos da reflexão sobre a cidade e o urbano*. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.
- VIANA, Nildo. *Violência urbana: a cidade como espaço gerador de violência*. Goiânia, 1999. Inédito.
- WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade: na história e na literatura*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

JORNAIS

Diário da Manhã. 18/09/1996.

O Popular. 12/01/1997

O Popular. 16/02/1997

O Popular. 25/03/1997

O Popular. 15/07/1997

O Popular. 19/10/1997

O Popular. 01/11/1998

O Popular. 27/12/1998

O Popular. 01/10/1999

REVISTAS

ZAPP - Maio / Junho de 1996

MULTINEWS - Setembro de 1997

CASA & FLORA. Ano I. nº 10